

**ANNA ELISA DO NASCIMENTO ZIDANES**

**CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS: HISTÓRIA DE  
UMA EDUCAÇÃO FEITA DE HISTÓRIAS,  
MEMÓRIAS QUE INSPIRAM LUTAS**

**Orientador: Professor Doutor Mário Caneva Magalhães Moutinho**

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias  
Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração  
Instituto de Educação/ 2º Ciclo Museologia**

**Lisboa**

**2018**

**ANNA ELISA DO NASCIMENTO ZIDANES**

**CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS: HISTÓRIA DE  
UMA EDUCAÇÃO FEITA DE HISTÓRIAS,  
MEMÓRIAS QUE INSPIRAM LUTAS**

Dissertação defendida em Provas Públicas para  
obtenção do Grau de Mestre em Museologia no  
Curso de Mestrado em Museologia, conferido  
pela Universidade Lusófona de Humanidades e  
Tecnologias, no dia 7 de Abril de 2018, perante  
o júri, nomeado pelo Despacho Reitoral  
271/2018, de 27 de Julho de 2018, com a  
seguinte composição:

Presidente: Professor Doutor Manuel Serafim  
Fontes Santos Pinto

Arguente: Professora Doutora Maristela dos  
Santos Simão

Orientador: Professor Doutor Mário Caneva  
Magalhães Moutinho

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**  
**Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração**  
**Instituto de Educação/ 2ºCiclo Museologia**  
**Lisboa**  
**2018**

*A luta, ela tem de ser celebrada. (...) naquela hora a gente queria dizer para todo o mundo que nosso grito e nossa voz foi calada tanto tempo. (João Alfredo, sobre o dia da desintrusão da Fazenda Velha).*

## **Agradecimentos**

À Valdeci Silva, liderança quilombola de Conceição das Crioulas, pelas conversas que me inseriram no contexto atual da comunidade e também pela amizade e alegria que marcaram todos os momentos, de agora e dos nossos primeiros contatos, desde 2003. Sentimentos renovados, que não se perderam com tempo. Gratidão pela acolhida em sua casa para a realização desta pesquisa e pela confiança.

À Professora Márcia Jucilene, por todo o apoio à minha chegada no quilombo e por se disponibilizar a compartilhar o seu estudo e a sua experiência nos caminhos da Pedagogia Crioula.

À Professora Francisca Marcelina pela contribuição valiosa em apresentar o trabalho com a educação diferenciada na Escola Bevenuto Simão de Oliveira e por resgatar a memória da sua história de vida com a educação e a experiência com o Projeto Quilombos.

A todas as mulheres quilombolas de Conceição das Crioulas, que com muita fibra e coragem nos inspiram cada dia a jamais desistir das suas lutas.

Ao Professor e amigo Marcelo Cunha, que me apresentou a Museologia Social, incentivou a minha chegada à ULHT e orientou o meu primeiro pré-projeto de pesquisa em 2009. Nascendo daí uma amizade.

Ao amigo Alexandre Gomes, que acompanhou e encorajou o meu desejo, ainda embrionário, de trilhar o caminho de uma pesquisa na Museologia Social.

Aos colegas do mestrado e do doutorado da ULHT, dos encontros de 2017 e 2018, pelas trocas e pelo convívio afetivo.

Aos professores da Museologia Social da ULHT que se disponibilizaram a colaborar com indicações que contribuíram a esta pesquisa: Maria Célia Teixeira, Mário Chagas, Manuel Serafim e Pedro Pereira Leite.

Ao Professor Mário Moutinho, por sua orientação sempre atenta à problematização diante da temática escolhida e pela liberdade e confiança depositada na produção escrita.

À Vilma Guimarães, por partilhar a sua história de vida nos caminhos de uma educação como prática social e comunitária e por representar o incentivo definitivo da minha decisão por iniciar esta etapa na minha vida acadêmica.

À minha mãe por manter vivo o legado de seu pai sobre a importância da educação e por todo o seu empenho em tornar para nós esta realidade possível.

À Etel, minha tia, por me inspirar na sua missão humana pelo desenvolvimento cultural na comunidade do Caxito, onde cresceu. E por esta missão estar presente também na família, marcando todos os estágios da minha vida escolar e acadêmica.

A todo o apoio e a vibração das amigas, dos amigos e familiares do Brasil e dos que conquistei em Lisboa, sem os quais não teria sido possível.

A Diogène Ntirandekura, que com amor e escuta atenta soube se fazer presente acolhendo as inquietações e felicitando as conquistas que permearam esses dois anos.

## **Resumo**

A presente pesquisa aborda Museologia, Memória e Educação, e tem como objetivo reconhecer como as pessoas se apropriam das suas memórias e como isso contribui para o desenvolvimento de sua consciência crítica do mundo. Em abordagem teórica verifica a influência do pensamento do educador brasileiro, Paulo Freire, enquanto referencial significativo aos dois campos, com ênfase às suas reformulações, nomeadamente a Museologia Social e a Sociopedagogia que, em diálogo, constroem o aporte necessário à discussão sobre memória e identidade, no reconhecimento da função social que compete às ações museológicas e educativas, pela promoção da justiça social e pelo desenvolvimento humano.

Apresenta como objeto de estudo a experiência sociopedagógica por uma Educação diferenciada na comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, localizada no município de Salgueiro, estado de Pernambuco, nordeste do Brasil. Traz ênfase à iniciativa da comunidade em registrar as suas histórias de vida como forma de reconstrução cultural e fortalecimento da identidade de resistência, em favor das suas lutas, primordialmente a reconquista e proteção do seu território.

Como metodologia utilizou estudo de caso, orientado pelo método hipotético-dedutivo, com abordagem qualitativa, complementado pela metodologia Histórias de Vida/Narrativas biográficas.

### **Palavras-chaves:**

Memória; Educação; Sociopedagogia; Museologia Social; Histórias de vida; Conceição das Crioulas; Quilombo; Território; Identidade

## **Abstract**

The present research deals with Museology, Memory and Education, and aims to recognize how people appropriate their memories and how this contributes to the development of their critical awareness about the world. In a theoretical approach examines the influence of the thought of the Brazilian educator, Paulo Freire, as a significant reference to the two fields, with emphasis on their reformulations, namely Social Museology and Sociopedagogy, which, in dialogue, build the necessary contribution to the discussion about memory and identity, recognizing the social function of museological and educational activities by promotion of social justice and human development.

The object of study presented is the sociopedagogical experience by a differentiated Education in the community of Conceição das Crioulas, located in the city of Salgueiro, state of Pernambuco, northeastern Brazil. It emphasizes the initiative of the community to register their life histories as a way of cultural reconstruction and strengthening of the identity of resistance, in favor of their struggles, primarily the reconquest and protection of their territory.

As methodology, was used case study oriented by hypothetical-deductive method, with a qualitative approach, complemented by the Histories of Life/Narratives biographical methodology.

### **Keywords:**

Education; Memory; Sociopedagogy; Social Museology; Life Stories; Conceição das Crioulas; Quilombo; Territory; Identity

## **Abreviaturas e siglas**

ADCT – Ato das decisões constitucionais transitórias

AQCC – Associação Quilombola de Conceição das Crioulas

CCLF – Centro de Cultura Luiz Freire

CEBs – Comunidades Eclesiais de Base

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

EAD – Educação à Distância

ICOM – International Council of Museums

MDCI – Museu Didático-Comunitário de Itapuã

MINOM – Movimento Internacional para uma Nova Museologia

MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização

NECSO - Núcleo de Economia Solidária da UFPE.

NEPPS - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Políticas Sociais e Direitos Sociais

ONG – Organização Não-Governamental

PPP – Projeto Político Pedagógico

SEPPIR – Secretaria Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

SESI – Serviço Social da Indústria

UFBA- Universidade Federal da Bahia

UFPE- Universidade Federal de Pernambuco

ULHT – Universidade Lusófona de Tecnologias e Humanidades

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization



## Índice

<b>Introdução .....</b>	<b>10</b>
<b>Das escutas que vivi .....</b>	<b>19</b>
<b>Cap. 1 – Sociopedagogia.....</b>	<b>24</b>
<b>1.1 A Educação pela Sociopedagogia .....</b>	<b>24</b>
1.1.1 Uma inspiração freireana .....	25
1.1.2 Educação popular comunitária – por uma outra educação possível.....	29
1.1.3 ‘Saber-se ser’ e a conscientização do ‘direito de ser’ .....	33
<b>1.2. Museologia Social e Sociopedagogia .....</b>	<b>36</b>
1.2.1 A função social do museu na práxis museológica.....	36
1.2.2 Por uma outra narrativa possível .....	41
<b>Cap. 2 – Percurso Metodológico.....</b>	<b>46</b>
2.1 Da preparação para o campo .....	46
2.2 Metodologia da investigação.....	50
<b>Cap. 3 – Conceição das Crioulas: História de uma educação feita de Histórias .....</b>	<b>52</b>
3.1 Ser do Quilombo de Conceição das Crioulas, uma reconstrução.....	52
3.2 A função social e política da escola.....	60
3.2.1 Projeto Quilombos.....	66
3.3 Memórias que inspiram lutas.....	75
3.3.1 Histórias que nos inspiram .....	86
<b>Considerações finais .....</b>	<b>93</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>97</b>
<b>Índice Remissivo .....</b>	<b>104</b>
<b>Apêndices.....</b>	<b>106</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>109</b>

## **Imagens**

**Imagem 01:** Imagem de satélite do trajeto de aproximadamente 500 km entre a cidade do Recife e o território quilombola de Conceição das Crioulas

**Imagem 02:** Imagem de satélite da Vila Centro – território Quilombola de Conceição das Crioulas

**Imagem 03:** Território quilombola de Conceição das Crioulas

**Imagem 04:** Trechos da estrada entre o município Salgueiro e Conceição das Crioulas

**Imagem 05:** Entrada da Escola Professor José Mendes

**Imagem 06:** Vista de um trecho da Vila Centro, com parte da Fazenda Velha ao fundo

**Imagem 07:** Formação de Professores do Projeto Quilombos – módulo 3 – Atividade de Avaliação

**Imagem 08:** Formação de Professores do Projeto Quilombos – módulo 3 – Agenda do 1º. dia

**Imagem 09:** Formação de Professores do Projeto Quilombos – módulo 3 – Painel da atividade de apresentação dos participantes

**Imagem 10:** *Banner* e maquete do projeto ‘Através da Educação Contamos e Escrevemos a História da Escola Bevenuto Simão de Oliveira’.

**Imagem 11:** Livro Quilombos – Histórias que nos inspiram – Maria de Fátima

**Imagem 12:** Livro Quilombos – Histórias que nos inspiram – Francisca Marcelina

**Imagem 13:** Livro Quilombos – Histórias que nos inspiram – Edilson Antonio

## **Tabelas**

**Tabela 01:** Esquema conceitual – Sociopedagogia e Museologia Social

**Tabela 02:** Marcos da Museologia Social

**Tabela 03:** Memoriais da Metodologia Telessala

**Tabela 04:** Histórias de Vida publicadas nas edições do jornal ‘Crioulas, a voz da resistência e a sua relação com os eixos temáticos do PPP

**Tabela 04:** Histórias de Vida presentes na produção artesanal e a sua relação com os eixos temáticos do PPP

**Tabela 05:** Histórias de Vida trabalhadas nos projetos e atividades pedagógicas e a sua relação com os eixos temáticos do PPP

## Introdução

Convocamos da nossa memória aspectos que representam algo de nossa existência passada que no momento atual se revela significativo. Lembrar é um movimento natural e também involuntário do ser humano, mas a permanência dessas lembranças pode vir a ser algo da ordem do desejo, da escolha. E o ato da lembrança e da sua expressão pode revelar as marcas que nos constituem sobre quem somos e até sobre o que desejamos ser. Ressalte-se, com isso, que a “identidade se fundamenta no presente, nas necessidades presentes, ainda que faça apelo ao passado – mas é um passado também ele construído e reconstruído no presente, para atender aos reclamos do presente.” (Meneses, 1993, p. 210)

A memória revela aprendizado em nossa vida social. E lembramos para esquecer, pois ao elegermos algumas lembranças em detrimento de outras estamos também selecionando aquilo que desejamos ser esquecido. O fato é que essa dinâmica não acontece descolada da própria dinâmica da vida, que está sendo. A memória é, desta forma, passível de ser resgatada, repensada, ressignificada, contribuindo para a criação e o desenvolvimento de um campo de ação transformadora.

Partilhar os sentidos que refletem as nossas experiências individuais e coletivas nos torna socialmente envolvidos em torno de uma experiência comum de memória sobre a nossa origem, a nossa história, as nossas vivências, de tal maneira que nos permita coletivamente identificar-nos. Ainda que individualmente as nossas lembranças partilhadas atuem de maneira diferente em relação a cada indivíduo, já que as histórias pessoais são vividas de maneira particular e constituem a nossa identidade individual, estas vão também influenciar a construção dessa identidade coletiva. Então, a identidade individual na memória social é diversa, embora em algum momento se entrecruze com as demais, estabelecendo pontos comuns. Por fim, “as identidades individuais e coletivas têm forte suporte na memória.” (Delgado, 2006, p. 9)

O trabalho com a memória individual e coletiva, no contexto sociopedagógico, envolve a perspectiva da afirmação das identidades, possibilitando o resgate das histórias de vida para uma aprendizagem contextualizada e significativa.

No caso aqui estudado, estas dimensões têm aporte nas ideias do educador brasileiro Paulo Reglus Neves Freire, e se expressam na experiência que consolida um projeto político pedagógico voltado para a prática social e comunitária, concebido como instrumento condutor de uma prática educacional diferenciada no território quilombola de Conceição das Crioulas. Uma conquista construída no âmbito de um movimento liderado pela própria comunidade ao

refletir criticamente sobre injustiças e silenciamentos, responsáveis pela opressão e submissão operadas no contexto da negação do direito à educação no Brasil, ou quando posta a serviço de um projeto excludente e supremacista.

“A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva não é somente uma conquista, é também um instrumento e um objetivo de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória.” (Le Goff, 1990, p. 250)

É, portanto, por meio de ações com entendimento do poder da memória enquanto instrumento de luta que reside o sentido da cidadania, representado no direito de cada indivíduo e de cada grupo humano a constituir a sua memória. Pois cada um de nós é um ser poderoso de memória e a associação das nossas memórias e das nossas identidades à potência de luta traduz-se no que Paulo Freire traz como parte do processo na ação transformadora:

“Descobrirem-se, portanto, através de uma modalidade de ação cultural, dialógica, problematizadora de si mesmos em seu enfrentamento com o mundo, significa, num primeiro momento, que se descubram como Pedro, Antônio, como Josefa, com toda a significação profunda que tem esta descoberta. (...) Reconhecem-se, agora, como seres transformadores da realidade, para eles antes algo misterioso, e transformadores por meio de seu trabalho criador.” (Freire, 1983, p.205)

O direito à memória e à apropriação da memória, enquanto instrumento de leitura crítica do mundo em favor da libertação, fundamenta projetos e experiências que se associam ao pensamento desse educador.

Tem destaque, no Brasil, a obra de Ecléia Bosi, psicóloga e escritora, com publicações de relevante contribuição, como fruto do que experienciou na década de 90. Sobre memória, ela destaca:

“Por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador das camadas do passado a que tem acesso, pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum.” (Bosi, 1994, p.411)

Será aqui delimitado o estudo de uma experiência educacional no âmbito da Pedagogia Social, que constrói o lugar de ação transformadora no trabalho com as histórias de vida e narrativas biográficas.

Refletir sobre a relação memória e identidade no contexto de experiências museológicas e educacionais, como prática social e cultural, contribui para a construção fundamental ao processo de transformação social.

Essa relação entre a Museologia e a Educação que se dá no âmbito das reflexões para uma nova prática social, muito marcadamente ao surgimento do campo da Nova Museologia/Museologia social, tem a sua origem influenciada pelas ideias do pensamento de Paulo Freire, que, nas palavras de Hughes de Varine, em entrevista concedida ao professor, museólogo e poeta, Mário Chagas:

“Lembro muito bem que a recusa brasileira de autorizar a UNESCO a convocar Paulo para Santiago, em 1972, não lhe permitiu fazer o que me havia prometido: adaptar sistematicamente a formulação de sua doutrina e de seus métodos à prática museológica e museográfica. Tentei novamente em 1992, em São Paulo, mas ele estava nesse momento ocupado com as suas funções na Prefeitura de São Paulo que ele acabava de deixar. Penso que cabe a nós agora meditar sobre seus textos e suas ideias e adaptá-los aos nossos problemas, cada um na sua área de competência.” (Varine-Bohan, 2014, p. 244)

Quão relevante e influente tem sido o pensamento de Paulo Freire, que uma das sessões da publicação organizada pelo atual presidente do Instituto Paulo Freire e Doutor em Ciências da Educação Moacir Gadotti, intitulada Paulo Freire: uma bibliografia, dedica-se a repercussão de sua obra:

“Sua obra teórica, reflexão sobre a prática, tem servido para fundamento teórico de trabalhos acadêmicos e inspirado práticas em diversas partes do mundo, desde os mocambos do Recife às comunidades barakumins do Japão, passando pelas mais consagradas instituições educacionais do Brasil e exterior. Tal influência abrange as mais diversas áreas do saber: Pedagogia, Filosofia, Teologia, Antropologia, Serviço social, Medicina, Psicoterapia, Museologia (...)” (Gadotti, 1996, p. 49)

A Professora Doutora e Museóloga Maria Célia Santos, em resposta ao Professor Mario Chagas, em entrevista concedida no ano de 2002, faz referência à influência do pensamento de Paulo Freire em seu trabalho:

“Começamos a desenvolver ações, talvez de forma não intencional, que traçam um esboço do que consideramos o marco mais significativo da evolução do processo museológico na contemporaneidade: a passagem do sujeito passivo e contemplativo para o sujeito que age e que transforma a realidade. Nessa perspectiva, o preservar é substituído pelo apropriar-se e reapropriar-se do patrimônio cultural, buscando-se a construção de uma nova prática social.” (Santos, 2009, p. 24)

Para melhor compreender essa aproximação e articulações possíveis entre a Sociopedagogia e Museologia Social, ou Sociomuseologia, é importante perceber que ambas surgem de um exercício filosófico sobre o qual se debruçaram muitos dos seus pensadores. Era

necessário encontrar caminhos para adequar as suas práticas às necessidades específicas e ao contexto de cada sociedade ou grupo social, no sentido de promover condições favoráveis à leitura crítica do mundo e à interpretação das suas realidades, visando ao desenvolvimento humano e sustentável dos seus territórios.

Dessa forma, o desafio passa também por uma dinâmica de ressignificação e rompimento com paradigmas e dimensões mais tradicionais e conservadoras convencionadas em cada campo. Compreende-se o potencial transformador de todo ser humano e o seu valor como ser de conhecimento, sujeito da sua história, inserido no mundo no exercício dos seus direitos e da sua cidadania, na expressão da sua visão de mundo, dos seus saberes e das suas memórias.

São fundamentos que definem a função dos museus para a sociedade, a partir de 2015 expressos no âmbito das recomendações da UNESCO, que teve como princípio gerador a concretude e consistência das experiências teóricas e práticas do campo da Museologia Social. Chegar ao documento final traduz um empenho sistemático que se inicia em 2010, e culmina com o envolvimento de centenas de especialistas e cerca de setenta Estados Membros, como referido na publicação intitulada ‘Breves considerações sobre a genealogia e o significado da Recomendação sobre a proteção e a promoção dos museus e coleções, de sua diversidade e de sua função na sociedade’, elaborada pelo Conselho Editorial dos Cadernos de Sociomuseologia, de julho de 2017.

O documento final foi formalizado em novembro de 2015, no âmbito da 38ª Conferência Geral da UNESCO, realizada em Paris. O seu conteúdo subdivide-se em 35 tópicos, organizados em quatro temas: I. Definição e diversidade dos museus; II. Funções primordiais dos museus; III. Desafios para os museus na sociedade; IV. Políticas.

A função social é apresentada no terceiro tema, expressando os tópicos a seguir:

“16. Os Estados Membros são encorajados a apoiar a função social dos museus que foi enfatizada na Declaração de Santiago do Chile de 1972. Em todos os países é crescente a percepção de que os museus desempenham uma função chave na sociedade, e constituem um fator de integração e coesão social. Nesse sentido, eles podem ajudar as comunidades a enfrentar as profundas mudanças na sociedade, inclusive as que levam a um aumento da desigualdade e à dissolução de laços sociais.

17. Os museus são espaços públicos vitais que deveriam dedicar-se a toda a sociedade e podem, portanto, desempenhar uma função importante no desenvolvimento de laços sociais e coesão, na construção da cidadania, e na reflexão sobre as identidades coletivas. Os museus deveriam ser lugares abertos a todos e comprometidos com a acessibilidade física e cultural para todos, inclusive grupos desfavorecidos. Eles podem constituir-se como espaços para a reflexão e o debate sobre temas históricos, sociais, culturais e científicos. Os museus devem

também promover o respeito aos direitos humanos e à igualdade de gênero. Os Estados Membros devem encorajar os museus a desempenhar todas essas funções.” (Stornino, Chagas, Moutinho & Leite, 2016, p. 34)

Uma conquista que legitima o processo inaugurado ainda em 1972 e contribui ao surgimento e fortalecimento de novas concepções museológicas, que passam a reorientar as relações entre os sujeitos que delas participam, bem como recriar os seus espaços de ação, no desafio de que os museus realizem a sua função social.

O quadro a seguir apresenta um ensaio com o objetivo de sintetizar as relações entre alguns desses conceitos que inauguram novas maneiras ao fazer da Sociopedagogia e da Museologia Social. Conceitos fortemente relacionados ao pensamento de Paulo Freire que dão forma a novos paradigmas aplicáveis aos dois campos, intitulado algumas de suas práticas:

<b>Mediação do processo de aprendizagem</b>	<b>Mediação do processo museal</b>
<b>Autonomia coletiva</b>	
<b>Educação como ato político</b>	<b>Experiência museal como ato político</b>
<b>Prática social e cultural</b>	
<b>Pedagogia do afeto</b>	<b>Museologia do afeto</b>
<b>Humanização das relações</b>	
<b>Por uma outra educação</b>	<b>Por uma outra museologia</b>
<b>Contextualização às realidades e aos saberes locais</b>	
<b>Educação comunitária</b>	<b>Museologia comunitária</b>
<b>Ação transformadora</b>	
<b>Educação como prática da liberdade</b>	<b>Museologia como prática da liberdade</b>
<b>Consciência crítica do mundo</b>	
<b>Educação para a vida</b>	<b>Museologia para a vida</b>
<b>Desenvolvimento humano</b>	

**Tabela 01:** Esquema conceitual - Sociopedagogia e Museologia Social

De cima para baixo, a leitura do esquema sugere primeiramente a fundamentação filosófica aos modos de fazer, correlatos à Sociopedagogia e à Museologia Social, e em seguida um conceito relevante que orienta a finalidade deste fazer no sentido de fortalecimento à coesão social. Por exemplo, a mediação do processo de aprendizagem e do processo museal tem como princípio a construção, o resgate e a valorização da autonomia coletiva.

Na proposta sociopedagógica, a figura do professor enquanto ser único do saber, no exercício de repassar o conhecimento por ele acumulado, para ser transferido aos estudantes,



dá lugar a sua função enquanto mobilizador, promotor de condições favoráveis ao processo de aprendizagem.

É nesse contexto que o especialista responsável pela ação pedagógica ou museológica se torna mediador de um processo dialógico e de escuta atenta e cuidadosa com o objetivo de mediar a relação entre o sujeito social do conhecimento/da memória e o objeto do conhecimento/da memória. Um processo que, não sendo passivo, se desenvolve em comunhão com os demais sujeitos participantes, então fortalecidos coletivamente e autônomos no seu processo de organização.

Daí a importância de se compreender a educação e a experiência museológica como um ato político e social. Elas deverão ser instrumentos para a organização, para reflexão crítica, para a tomada de decisões, em vista de um bem comum. Deverão favorecer o engajamento de todos para a luta frente às injustiças sociais que se impõem aos diversos contextos, com raízes em um projeto hegemônico e de dominação cultural. Por isso a importância da participação dos diversos segmentos sociais e comunitários, que irão, em torno de suas principais causas, engajar-se em novas práticas sociais e culturais para a valorização, o resgate, o registro, a salvaguarda dos seus saberes, das suas expressões e os seus modos de vida.

O ser humano é um ser de emoções e o trabalho ao lado da dimensão da afetividade levará em conta que as relações humanas são também construídas com base nas emoções, tão particulares e complexas como são os seres humanos. As emoções marcam as vivências humanas, individuais e coletivas e podem ser a base para que se criem e fortaleçam os vínculos interpessoais destinados a um projeto comum.

Alteridade, respeito mútuo, compreensão, solidariedade, são valores que se constroem na convivência humana e exercê-los é uma forma de combate a uma maneira excludente e competitiva tão presente na sociedade. Afetar o/a outro/a e deixar-se afetar pela trajetória de vida do/a outro/a, permite que nos conheçamos melhor na experiência da convivência humana e que cada pessoa seja considerada e compreendida de uma maneira integral.

A educação comunitária e a museologia comunitária encontram os seus lugares de ação não restritamente inseridos em edifícios escolares ou prédios museais, e considera o sentido social e cultural das suas práticas. Nesta perspectiva, está o reconhecimento de que a comunidade e as suas principais produções de saberes, de objetos, as dinâmicas sociais e culturais do seu território, a memória são indissociáveis à própria comunidade e ao seu processo educacional e patrimonial.

Museus Comunitários no Brasil e em Portugal foi um dos temas do encontro realizado no âmbito da EU-LAC Museums, no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, em fevereiro de 2017. Um dos pontos discutidos, buscou refletir sobre a necessidade de aproximar o pensamento de Paulo Freire ao entendimento de que, assim como a aprendizagem reside na prática social, que prescinde do edifício escolar, as práticas museais também prescindem do prédio museal. E, dessa forma, promovem ação transformadora. Essa afirmação tem por base a experiência dos pontos de memória, um reconhecimento às ações de memória organizadas por várias comunidades no Brasil, no âmbito da Política Nacional de Museus. Entre as comunicações do encontro estava a experiência do Ponto de Memória da Estrutural – Museu Popular (Brasília).

A Educação como prática da liberdade intitula um dos livros do educador Paulo Freire e inspira muitas ações pedagógicas e museológicas a repensar as suas práticas. Em uma educação libertária a aprendizagem é construída com base no desenvolvimento da consciência crítica dos educandos, ao refletirem sobre a sua realidade. Uma das preocupações de Freire, inspirado no pensamento de Franz Fanon<sup>1</sup>, era que as reflexões alcançassem a identificação da influência do pensamento colonial que, mesmo após a sua extinção, continua operando com a sua mesma força opressora, refeita em novos mecanismos de dominação e exclusão social. E assim, consciente da sua presença construir formas de libertar-se, numa prática de libertação coletiva, entendendo que o verdadeiro poder de transformação emerge da tomada de consciência coletiva.

A intenção de aproximar esses conceitos tem como objetivo registrar, de maneira esquemática, não o todo dessas relações, mas aquelas que são essenciais para o entendimento da influência do pensamento de Paulo Freire aos campos da Pedagogia Social e da Museologia Social, bem como a sua relação com o objeto de estudo no âmbito dessa pesquisa.

Alguns exercícios abrangem o estudo dessas relações. São contribuições que poderão ser verificadas no estudo das práticas da Sociopedagogia ou das práticas da Museologia Social que tornam explícita esta influência.

Um importante estudo no campo da memória social apresenta essa perspectiva. A tese Memória, Comunidade e Híbridação: Museologia da Libertação e estratégias de resistência foi defendida no ano de 2010 pela museóloga Odalice Miranda Priosti, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. A sua fundamentação apresenta abordagens pedagógicas articuladas ao

---

<sup>1</sup> Filósofo e ensaísta marxista, nascido em 20 de julho de 1925, em Fort-de-France, Martinica.

processo museal, com um estudo de caso do Ecomuseu de Santa Cruz, no Rio de Janeiro. Define Museologia da Libertação como a pedagogia patrimonial libertadora dos processos museológicos comunitários.

A presente pesquisa aborda Museologia Social, Memória e Educação, e tem como objetivo reconhecer como as pessoas se apropriam das suas memórias e como isso contribui para o desenvolvimento de sua consciência crítica do mundo. Sua abordagem teórica verifica a influência do pensamento do educador Paulo Freire, enquanto referencial significativo aos dois campos. Para isso, apresenta como objeto de estudo a experiência sociopedagógica por uma Educação diferenciada na comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, localizada no município de Salgueiro, estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. Traz ênfase à iniciativa da comunidade em registrar as suas histórias de vida como forma de reconstrução cultural e fortalecimento da identidade de resistência, em favor das suas lutas.

Espera-se que a iniciativa desta pesquisa tenha um papel de relevância à contextualização necessária ao aprofundamento das questões que interessam ao campo da Museologia Social, que, em si, não se dissocia do fazer educacional. Fica também a expectativa que, de alguma maneira, possa contribuir ao processo de luta e memória como iniciativa pelo desenvolvimento da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, em consonância ao que se refere, a professora Maria Célia: “a utilização da memória preservada, testemunho da História, entendida como forma de existência social, nos seus diversos aspectos: social, político, econômico e cultural, bem como o seu processo de transformação, contribuindo para a formação do cidadão.” (Santos, 2009, p. 24)

O primeiro capítulo do trabalho fará a abordagem da educação como um fenômeno sociopedagógico. Um campo que ganha forma no referencial teórico da Educação comunitária e libertadora, definida como parte do conjunto de pedagogias críticas por Moacir Gadotti:

“(...) as pedagogias críticas têm todo interesse em declarar seus princípios e valores, não escondendo a politicidade da educação. É o que acontece com a educação popular, a educação social e a educação comunitária. Elas se situam no mesmo campo de significação pedagógica, o campo democrático e popular. Contudo, apesar desta afinidade ideológica, como são educações históricas, elas também podem ter conotações diferentes. E isso não se constituiu em deficiência, mas em riqueza. Um mosaico de experiências, teorias e práticas compõem esse campo.” (Gadotti, 2012, p.10)

Nesse capítulo, serão discutidos os conceitos fundamentados pelo pensamento de Paulo Freire e outros estudiosos que o referenciam em suas produções. A segunda parte desse mesmo capítulo discutirá a Museologia Social como práxis museológica, por meio do contexto

teórico e prático que define o surgimento do campo da Nova Museologia e consolidação da Museologia Social, com ênfase na articulação dos processos educativos e museais.

O segundo capítulo apresentará o percurso metodológico realizado e descreve a metodologias da investigação. Utilizou o estudo de caso, orientado pelo método hipotético-dedutivo, com abordagem qualitativa.

Em seguida o terceiro e último capítulo apresenta concepções e metodologias, que dão base à iniciativa de registro de histórias de vida no contexto da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, buscando reconhecer como as pessoas se apropriam das suas memórias e como isso contribui ao desenvolvimento da sua consciência crítica do mundo, objetivo geral deste trabalho.

O presente estudo traz, ainda, relevância à discussão das categorias e conceitos determinados pelos seus objetivos específicos:

- Analisar correspondências entre a experiência de uma proposta sociopedagógica e o campo da Museologia Social, iniciativas que comungam em suas bases teóricas, como um referencial significativo, as ideias do educador brasileiro Paulo Freire.
- Verificar o poder da memória na coesão social entre os membros de uma comunidade na mobilização do processo de conscientização para a transformação das suas realidades.

## **Das escutas que vivi**

Cresci escutando histórias sobre as pessoas da minha família materna. Tataravós, Bisavós, Avós e seus descendentes. A minha mãe, hoje com 81 anos de idade, sempre encontrou em mim disposição à escuta de suas memórias. Ela, sempre dedicada aos detalhes que iam dos nomes, apelidos, características físicas marcantes, ‘causos’. Recorda e narra. Flui a sua oralidade imprimindo diversas entonações em sua fala, acompanhada de expressões que traduz a sua emoção naquilo que admira, que a agrada ou desagrada, que lhe desaponta ou lhe traz saudades. Carrega de detalhes as histórias de cada núcleo familiar formado em torno dos irmãos e irmãs do seu pai e da sua mãe.

Ao longo dos anos de escuta, hoje já não alerta mais sobre as narrativas que se repetem. Percebia que algum detalhe novo se apresentava. Ela sempre sorria e reincidia a narrativa, assumindo a repetição. O seu pai protagonizava a maioria delas, revelando a forte ligação estabelecida entre ela, a primogênita e ele, com quem conviveu até os 21 anos de idade. Perder o seu pai cedo a transformou responsável, junto com a sua mãe, pela família de 8 irmãs. Ainda em vida seu pai já lhe empoderava na tomada de decisões e responsabilidades que demandavam resolver questões da escolaridade das irmãs mais novas, por exemplo.

A preocupação do seu pai com a educação escolar das suas filhas imprime uma marca à história de sua família, que muda para outro município, chamado Belo Jardim, e lá permanece no período entre 1940 a 1947, mas retorna à capital, Recife, para obter maior acesso e melhor qualidade de ensino. Também não era permitido às suas filhas que trabalhassem em estabelecimentos comerciais ou interrompessem os seus estudos. Apenas o trabalho como professora poderia ser aliado aos estudos, ainda que esta condição lhe impusesse, como impôs, sacrifícios ao seu dia a dia, ao ponto de se conformar a possuir apenas um par de sapatos, atados com arames reparar os danos dos desgastes pelo tempo, sem recursos para um novo. O que tinha era usado no custeio das passagens que viabilizava o deslocamento das suas filhas até a escola.

Era a década de 40 do século passado e seu pai, assim como acontecia em outras tantas famílias de poucos recursos, sejam as das cidades ou as dos mais distantes sítios rurais, sabia que a garantia da educação escolar dos seus filhos e filhas iria no futuro conferir-lhes o seu maior patrimônio, o conhecimento e a possibilidade de mudança de suas realidades.

Minha mãe teve dezenove <19> tios e tias, entre aqueles do lado materno e paterno. Desses descendiam os seus oitenta e quatro <84> primos. Junto com as filhas dos seus pais, que

eram nove <9>, somavam-se noventa e três <93>, formando uma geração de noventa e três mulheres e homens.

Noventa e três diferentes caminhos no enfrentamento aos diversos desafios sociais que a época lhes apresentava, tais como: necessidade de trabalho para ajuda no sustento familiar, casamento na adolescência ou início da fase adulta, maternidade precoce para as mulheres que logo dedicavam a sua vida aos cuidados domésticos.

Desta geração familiar seis <6> mulheres conquistaram, após cursar a sua escolaridade básica, a conclusão do estudo universitário. Entre elas, a minha mãe e cinco das suas irmãs.

Numa família marcada pelo entrecruzamento das raízes negras, indígenas e europeias, aqueles e aquelas que carregavam fenótipos mais característicos à descendência africana sofriam ainda a carga da discriminação racial e todas as suas consequências sociais e subjetivas, resultantes no racismo estrutural com origem muito anterior àquela época, nas raízes do sistema de uma sociedade escravocrata e que persiste, até os dias hoje, com risco ao direito no acesso e na qualidade educacional. Acrescente-se isso a discriminação institucional, muitas vezes concretizada em palavras de injúria, por parte dos próprios professores, que marca vidas de muitas pessoas obrigadas a abandonar a sua vida escolar, o que é mais verdadeiro se dizer de uma expulsão, mais ou menos explícita.

Deste passado escravocrata, a despeito do conteúdo presente no discurso oficial pela abolição escravatura, que consagra os autores da ‘condescendência’ de uma suposta liberdade, muitas foram as formas autônomas de resistência do povo negro, que visava a conquista da sua própria liberdade.

O inconformismo pela condição opressora mobilizava muitos homens e mulheres a arriscarem as suas vidas em fugas pelas matas e florestas que os levariam às regiões que viriam a ser denominados de Quilombos, que se formavam em lugares distantes e isolados das cidades, como maneira de alcançarem maior proteção. Organizavam-se em torno de uma comunidade, às vezes com diversos núcleos localizados na região de entorno do seu núcleo principal. Partilhavam da mesma origem enquanto descendência africana, mas representavam ascendências diversas com um desejo comum: a liberdade.

Estudioso do campo das relações étnico-raciais, o Professor Doutor e Antropólogo Kabenguele Munanga, em seu artigo publicado para a revista ‘Povo Negro’, de 1996, aborda a origem e o histórico do quilombo na África. Palavra das línguas dos povos bantu, em sua escrita original ‘kilombo’, transferida para o português: ‘quilombo’. Em busca de melhor definir a origem dos quilombos na África, baseia-se em evidências linguísticas. Registra que “entre o

povo mundombe de língua umbundu, perto de Benguele, a palavra quilombo significava campo de iniciação, no século XIX.” (Munanga, 1996, p. 60)

Nascido no Congo, Munanga inicia os seus estudos de doutoramento no Brasil em 1975 e ao concluir retorna ao seu país de origem. Volta a se fixar no Brasil, de maneira definitiva em 1978. Ainda sobre o tema quilombos, analisa:

“Pelo conteúdo, o quilombo brasileiro é, sem dúvida, uma cópia do quilombo africano reconstruído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de uma outra estrutura política na qual se encontraram todos os oprimidos. (...) Imitando o modelo africano, eles transformaram esses territórios em espécie de campos de iniciação à resistência, campos esses abertos a todos os oprimidos da sociedade (negros, índios e brancos), prefigurando um modelo de democracia.” (Munanga, 1996, p. 63)

Ainda segundo o autor, os quilombos africanos foram instituições de poderio militar. Formados da reunião de diversos povos de origem Bantus, de diferentes regiões, pessoas que se separam das suas linhagens por razões rompimentos internos ou conflitos étnicos. Os seus encontros aconteciam no movimento migratório da busca por novos territórios ou numa dinâmica que um povo absorvia os jovens dos povos vencidos como uma maneira de fortalecer as suas tropas.

Em seu processo de consolidação os quilombos africanos reúnem majoritariamente homens, submetidos a rituais de iniciação com função primordial de unifica-los e integrá-los, dada a condição transétnica que o caracteriza, favorecendo a unidade para as qualidades de luta.

No Brasil, as comunidades quilombolas podem chegar ao total de cinco mil, de acordo com o levantamento do pesquisador brasileiro Flávio dos Santos Gomes<sup>2</sup>, entre aquelas localizadas nas regiões rurais. Enquanto a Fundação Cultural Palmares, do Ministério da Cultura do Governo do Brasil, registra a certificação de aproximadamente 3.051 comunidades, de acordo com relatório de outubro de 2018.

Historicamente, a população afro-brasileira, dispersa ou situada em comunidades, nos centros urbanos ou no campo, fica à margem de uma política pública educacional que lhe possibilite a inclusão adequada à sua inserção na dinâmica da sociedade vigente, sem, contudo, precisar abrir mão da sua identidade, sua visão do mundo e das expressões características da sua cultura.

---

<sup>2</sup> Historiador e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), estuda a escravidão desde o início dos anos 1990.

Tudo isso no contexto de uma sociedade marcada pelos grandes privilégios da elite branca e dos seus descendentes e que seguem ocupando os importantes lugares de poder e de decisão política.

Silenciados em suas histórias e à margem do projeto da construção de uma nação, as populações negras no Brasil lutam pela superação de séculos de opressão e de injustiça social. Entre as suas principais ações de resistência, muitas delas são reconhecidas no processo de reconstrução cultural e afirmação étnica como forma de se fortalecer criticamente e com isso, de maneira organizada, se colocarem enquanto agentes da transformação das suas realidades.

Para o prefácio da publicação da edição argentina no livro *Black Theology of Liberation*, de James Cone, Paulo Freire, escreve:

“Dizer a palavra é fazer história e por ela ser feito e refeito. As classes dominadas, silenciosas e esmagadas, só dizem a palavra quando, tomando a história em suas mãos, desmontam o sistema opressor que as destrói. É na práxis revolucionária, com uma liderança vigilante e crítica, que as classes dominadas aprendem a “pronunciar” seu mundo, descobrindo, assim, as verdadeiras razões do silêncio anterior.” (Freire, 2006, p. 150)

No Brasil, a corrente da Teologia da Libertação, que tem força na América Latina entre os anos de 1970 e 1980 exerceu influência na criação de um movimento chamado Comunidades Eclesiais de Base <CEBs>. Eram missões da Igreja Católica que chegavam a trabalhar numa ação de cunho social. Atuavam em um momento em que o Brasil atravessava, aproximadamente, a metade da última década da ditadura militar e rumo a redemocratização.

Em seu livro ‘Repensando a ação cultural e educativa dos museus’, a Professora Doutora e Museóloga Maria Célia Teixeira M. Santos discute sobre a Escola e o Museu no Brasil: uma História de confirmação dos interesses da classe dominante e descreve a sua relação com o Movimento de Educação de Jovens e Adultos de Paulo Freire:

“O predomínio da tendência "humanista" moderna força, de certa forma, a renovação das escolas católicas, renovando-as, sem abrir mão de seus objetivos religiosos. Vale a pena registrar que após o Concílio Vaticano II, a Igreja tende a se comprometer concretamente na defesa dos movimentos populares e por esse meio os setores da Ação Católica passam a desempenhar uma crescente participação política, sendo a própria hierarquia eclesiástica a organizar o Movimento de Educação de Adultos, surgindo aí o Movimento de Educação de Adultos de Paulo Freire.” (Santos, 1990, p. 35)

Em sua última entrevista concedida à TV PUC, o educador diz jamais se desassociar da crença transcendental. Sem também abandonar a influência marxista, construía a base da sua ação nessa convivência e dizia da sua posição de lúcida escolha em manter Marx na sua



experiência de ‘mundanidade’, sempre à procura de Jesus Cristo na sua experiência de ‘transcendentalidade”.

A ação das CEBs no Brasil termina por ser uma aliada nessa luta que irá inaugurar o início de um processo para tomadas coletivas de consciência na percepção das condições de injustiça a que estiveram submetidas muitas populações. A existência do trabalho de jovens envolvidos nas CEBs marca o início de uma nova história à comunidade de Conceição das Crioulas, que será contada por meio deste estudo de caso.

## **1. SOCIOPEDAGOGIA**

### **1.1. A Educação pela Sociopedagogia**

Pensar a Educação como processo de transformação e inclusão social, principalmente onde se experimentou de alguma maneira a negação desta como um direito, e/ou que esta tenha sido posta a serviço de um projeto hegemônico, é um desafio que tem tido lugar de ação e também de resistência no campo da Pedagogia Social.

O campo da Pedagogia Social, ou Sociopedagogia, reconhece e se constrói tendo como referência o legado do pensamento de Paulo Freire que, embora não tenha ele mesmo cunhado e associado o termo à Pedagogia a qual se dedicou no desenvolver de suas obras, nelas, teceu importante teoria baseada em suas experiências ao lado de mulheres e homens engajados em vivências de alfabetização e também de pós-alfabetização, que tiveram na educação o seu processo emancipador, como prática de liberdade.

No prefácio da sua mais conhecida obra *Pedagogia do Oprimido*, no entanto, a tradução do seu pensamento, pelo Professor Ernani Maria Fiori é tida como “lúcido saber sócio-pedagógico.” (Fiori, 1983, p. 4).

A publicação desta sua obra no Brasil, embora um pouco tardia, seis anos após a sua escrita, devido à censura imposta pelo regime militar, marca a história de muitas educadoras e muitos educadores brasileiros, com atuação na educação popular, educação social e educação comunitária. Marca ainda o fortalecimento de suas práticas, que hoje comungam da perspectiva de uma educação emancipadora, mas que guardam em seu fazer especificidades de cada ação, dada a diversidade de sua atuação para a prática social.

Atores sociais e profissionais de várias áreas do conhecimento, na educação formal ou informal, que em diversos ambientes, rurais ou urbanos, em um contexto de diversidade cultural, voltada a demandas sociais cada vez mais urgentes, constroem as suas concepções e adotam com elas denominações ainda mais próprias, tais como educação no campo, educação indígena, educação quilombola. Todas comungando da crença de que um mundo melhor e mais humano será possível quando mulheres e homens reconheçam o poder de dizer a sua palavra como maneira de dizer de si e da sua visão de mundo como uma forma de libertação e de luta coletiva pelas suas causas e conquista de seus direitos.

### 1.1.1 – Uma inspiração freireana

Passados cinquenta e cinco anos, a experiência que marca a educação brasileira, tal o poder transformador do seu método, voltado à alfabetização de adultos, acontece no município de Angicos, estado do Rio Grande do Norte, localizado na região nordeste do Brasil. Era o ano de 1963 e a palavra de um dos 380 trabalhadores, um estudante com 70 anos de idade, na ocasião da aula de encerramento, quando da quadragésima e última hora da experiência, conhecida como ‘Quarenta horas de Angicos’, revela o contexto de uma época. Era eminente o golpe militar que viria a se efetivar no ano seguinte, de 1964. Tal fato é trazido pela narrativa do próprio Paulo Freire em entrevista concedida ao Museu da Pessoa<sup>3</sup>:

“(...) ele fez um discurso, foi muito interessante, porque o Presidente da República já tinha encerrado a reunião, quando ele pede a palavra. (...). Ele pede a palavra pra falar e me lembro que um dos presentes da comitiva do Presidente disse assim: “Êta, quebrou o protocolo!” Ele virou-se e disse: “Quebrei o que?” E ninguém respondeu mais. E aí o João Goulart, que era um homem muito simples, o presidente Goulart, disse: “Pois não, pode falar”. Ele levantou, e disse: “Alteza...” - chamou o Presidente Goulart de Alteza. (risos) Aí, disse: “Me lembro de que, uma vez”, mais ou menos assim, “houve uma fome muito grande nesse Estado, e outro Presidente, que era o Getúlio Vargas, veio aqui ao RN para ajudar a gente a sair da fome da barriga. E hoje veio Vossa Alteza pra ajudar a gente a matar outra fome, a fome da cabeça, a fome do saber.” Depois ele disse uma coisa que a imprensa, todo o mundo deu. Ele disse: “Nós aprendemos aqui, Presidente, mais do que assinar o nome, do que ler um bilhete. Nós aprendemos aqui a mudar, também.” Sim, porque o João Goulart tinha citado no discurso dele a leitura da carta do ABC do país, que era a Constituição. E ele disse: “Nós aprendemos, presidente, mais do que ler a carta do ABC do Brasil, aprendemos a mudar ela também.”. Isso é uma coisa fantástica! E esta afirmação dele não foi citada pela imprensa na época. Não foi. Mas ele disse isso. E deve ter agravado essa frase dele, ele deve ter agravado os líderes do golpe em seguida. Se deu. Se deu no ano seguinte. E eu me lembro que estava presente nessa reunião, e ouviu essas frase, o general, então general, o marechal Castelo Branco. E ele estava presente, e era na época comandante do IV Exército. E ele foi pra lá. Mas naquela altura... Ora, você imagina, isso deve ter sido junho de 63...”<sup>4</sup>

Ao mesmo tempo em que o experimento de Angicos tornava-se conhecido no Brasil e também em escala internacional, outras iniciativas ganhavam corpo no Programa Nacional de Alfabetização, que previa a criação de 60.870 círculos de cultura<sup>5</sup>, cada um com a duração de três meses, em todas as unidades da federação, para alfabetizar, em 1964, 1.834.200 analfabetos na faixa de 15 a 45 anos<sup>6</sup>.

<sup>3</sup> Museu virtual e colaborativo de histórias de vida, fundado em 1993

<sup>4</sup> Trecho da transcrição da história completa publicada em 24 de março de 2014

<sup>5</sup> No método Paulo Freire, cada grupo de aprendizagem se organiza em círculos de cultura

<sup>6</sup> Dados expressos em: Cronologia dos 50 anos de Angicos e do Programa Nacional de Alfabetização, por Moacir Gadotti (Instituto Paulo Freire) – disponível na página oficial do Instituto Paulo Freire.

E foi ainda no ano de 1963 que os trabalhadores realizaram em Angicos a sua primeira greve. Os proprietários rurais da região atribuíram então o acontecimento à experiência educacional recém vivenciada, definindo-a como “praga comunista”, como registram Calazans Fernandes e Antonia Terra, em publicação de 1994, intitulada 40 horas de esperança - O Método Paulo Freire: política e pedagogia na experiência de Angicos.

Consumado o golpe militar, a experiência do método, bem como os seus materiais, são categorizados pelo governo repressor como de caráter subversivo e após 70 dias na cadeia, Paulo Freire inicia a sua vida no exílio, com o seu retorno definitivo ao Brasil apenas no ano de 1980.

Ainda como fruto da censura imposta pelo regime da época, embora escrita em 1968, a obra Pedagogia do Oprimido teve a sua publicação proibida no Brasil, o que veio a acontecer somente em 1974.

Numa tentativa de aproximação desvirtuada do pensamento de Paulo Freire, durante o seu governo, o regime militar promove uma alternativa de alfabetização à população, o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), rotulando de educação comunitária, sendo, no entanto, conservadora, como descreve Moacir Gadotti, fundador do Instituto Paulo Freire:

“Por outro lado, existem visões conservadoras da educação que utilizam o rótulo da educação popular, comunitária ou social. O Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), que durou de 1967 a 1985, criado pelo regime militar, dizia utilizar o “Método Paulo Freire”. Paulo Freire não se incomodava com isso, mesmo que achasse muito estranho. Ele chegou a falar de sua pedagogia emancipadora aos técnicos do MOBRAL, pouco antes dele ser extinto, em 1985. Paulo Freire insistia que a “história é possibilidade” e não determinação. Todo processo educativo é contraditório e nós, educadores e educadoras, podemos incidir sobre essas contradições, acirrando-as no seu interior e transformando realidades históricas.” (Gadotti, 2012, p.11)

E assim, como pontua Gadotti, durante este período de repressão, a denominação educação comunitária procura ser evitada entre aqueles que tinham conhecimento da intenção dessa aproximação como uma estratégia de manipulação de sentidos entre as duas perspectivas de educação. Dessa maneira, fundamental ao entendimento de qualquer iniciativa de educação é antes contextualizá-la em relação ao seu momento histórico, à sua verdadeira intencionalidade, tendo em consideração que nenhuma iniciativa educacional seja neutra, mas que serve a um projeto de sociedade.

Este é um ponto central da Educação freireana, expresso na sua teoria da Pedagogia do Oprimido. Entender que nada no mundo, que é produto da ação humana, é algo dado por si só.

Entender, por exemplo que o etnocentrismo é fruto da criação dos homens e que, ao lado dos esforços empreendidos para subjugação das populações negras, africanas e afrodescendentes, dá origem a um projeto de dominação e exploração humana - o sistema escravocrata - operado dentro do regime colonial de dominação europeia na África e nas Américas. E, com isso, compreender que atingiram enorme favorecimento material por meio da exploração humana e da subtração de produtos das regiões invadidas e com grande valor de mercado à Europa, às custas de muitas vidas e populações exterminadas, deixando danos irreparáveis na história da humanidade. Nada disso foi dado por uma situação em si.

Passados mais de cinco séculos esses danos perduram, inclusive com marcas às subjetividades dos indivíduos de origem africana incluindo as populações originadas no contexto das suas diásporas. São consequências que se verificam também na desigualdade de oportunidades entre brancos e negros e na negação dos seus direitos. O que também não é dado a uma condição a que estão fadadas estas populações, à má sorte, a uma condição do destino ou mesmo a uma punição divina.

Há, contudo, a permanência desse poder opressor, agora forjado nas novas relações estabelecidas entre os ‘dominadores’ e as populações historicamente submetidas a esta dominação, presente inclusive na mente de ambos. Após a abolição da escravatura e do final do colonialismo, o pensamento colonial permanece como forma de manutenção desse projeto opressor que beneficia uma elite, ainda maioria no centro de decisões e de poder. Todo esse contexto e a sua dinâmica torna-se responsável pela exclusão e as injustiças sociais que atingem as maiorias das populações que vivem sob tensões de diversas ordens na luta por sua sobrevivência.

“A questão fundamental não está em que o passado passe ou não passe, mas na maneira crítica, desperta, com que entendamos a presença do passado em procedimentos do presente. Nesse sentido, o estudo do passado traz à memória de nosso corpo consciente a razão de ser de muitos dos procedimentos do presente e nos pode ajudar, a partir da compreensão do passado, a superar marcas suas. A compreender, no caso, por exemplo, do passado da conquista como, sem dúvida, ela se repete hoje, de forma diferente, às vezes. É exatamente porque o passado se faz presente, seja o passado do conquistador, seja o do conquistado, que os quilombos, no momento exemplar da luta dos conquistados, se repetem hoje nas lutas populares no chão da América.” (Freire, 2000, p. 34)

Esta consciência da luta se faz e refaz, e precisa ser atualizada a partir da leitura crítica do passado com o olhar no presente. Como também atualiza o sentido da luta as memórias de resistência e conquistas alcançadas nas diversas maneiras de insurreição que o povo quilombola carrega, invariavelmente, na sua história de fundação e origem. Integra o valioso patrimônio dessas populações todo o conteúdo do passado, presente majoritariamente nas narrativas orais, que contam as histórias ancestrais, de uma forte experiência de libertação de onde emerge uma consciência que promove o pensamento decolonial.

Muitos pesquisadores destacam em seus trabalhos a relação entre o pensamento de Paulo Freire, que reside em sua obra, *Pedagogia do Oprimido*, e a teoria pós-colonialista latino-americana. Indicando pontos convergentes, e ao que indica o artigo ‘Recepção de Fanon no Brasil e a Identidade Negra’, Freire foi o primeiro brasileiro a abraçar as ideias do filósofo e ensaísta marxista Frantz Omar Fanon. (Guimarães, 2008, p. 106).

São duas as passagens em que Freire faz referência à teoria do filósofo, a primeira delas indicada em ‘Los condenados de la Tierra’, que discorre sobre o processo em que a experiência existencial do oprimido carrega a ‘ordem’ do opressor, que em consequência de sua frustração, pode incorrer em algum tipo de violência entre os seus próprios companheiros.

Tal influência se confirma no que diz Moacir Gadotti em, ‘A descolonização das mentes’: “Em suas obras, Paulo Freire se referia constantemente a esses livros de Fanon e Memmi, reconhecendo não só a sua importância teórica e histórica, mas dizendo que esses autores haviam influenciado seu pensamento, particularmente o livro *Pedagogia do Oprimido*.” (Gadotti & Romão, 2012, p. 93).

Essa é uma das situações da qual se oportuniza a ação dominadora dos opressores sobre os oprimidos, se é frágil a coesão social entre os membros de uma comunidade no reconhecimento da sua história comum (perdida ou silenciada em algum ponto de suas existências). O contrário, na potência de sua memória coletiva, criticamente (re)apropriada, na ação consciente presente aos enfrentamentos coletivos cotidianos, traduz-se em luta e na emergência do saber que tem origem na visão de mundo que comungam.

Educação que se afirma como ato de conhecimento, ato criador e ato político. E dela emergem ‘sociopedagogias’, no terreno da educação formal ou informal, alimentando práticas e metodologias em diversas áreas do conhecimento, lugares e territórios.

### **1.1.2 – Educação popular comunitária – uma outra educação possível**

Ao que se objetiva esta pesquisa, um dos propósitos é analisar correspondências entre a experiência de uma proposta sociopedagógica e o campo da Museologia Social, iniciativas que comungam em suas bases teóricas, como um referencial significativo, as ideias do educador Paulo Freire.

Surgem na experiência da Museologia Social termos que definem novos fazeres museológicos - popular, social, comunitário - inspirados pelo pensamento freireano.

Na educação, na perspectiva do direito humano, diz-se, por meio de Moacir Gadotti, de uma outra educação possível:

“Considerar a educação como um direito humano nos obriga a rever nossos sistemas educacionais e nossos currículos em função de uma outra educação possível, uma educação para o desenvolvimento humano pleno e integral, uma educação para a cidadania e a justiça social.” (Gadotti, 2010, p.3)

Os contextos que buscam outras educações possíveis são diversos e articulados aos desafios sociais da contemporaneidade, demandados pelos seus novos sujeitos sociais. No Brasil, anualmente são realizados Congressos Internacionais de Pedagogia Social, sendo a sua sexta edição a se realizar no mês de setembro do ano corrente, na iniciativa da Associação Brasileira de Pedagogia Social.

Expressando resistência, ainda lutam os seus profissionais pelo seu reconhecimento como Educadores Sociais. Muitos destes mobilizados pela recomendação atribuída ao educador Paulo Freire: “Escrevam pedagogias e não sobre pedagogias”.

“As palavras de Paulo Freire, rememoradas especialmente nos Congressos Internacionais de Pedagogia Social, ainda ressoam entre nós, como desafio ao engajamento do profissional sensível e inconformado com o insucesso das pedagogias, ampla e custosamente utilizadas sob o discurso de que é preciso levar educação à população brasileira, em especial àqueles que, pela Constituição Federal de 1988, alcançaram a condição de sujeitos sociais.” (Espósito, Noffs e Silva, 2012, p.201).

Na ocasião da sua participação como conferencista do IV Congresso Internacional de Pedagogia Social, em 2012, Moacir Gadotti, empenha-se em situar as dimensões da educação popular, social e comunitária e é enfático em não criar confrontos de concepções, mas recorrer ao entendimento comum que as mobiliza por uma educação social transformadora. Entende que as divergências teóricas particulares a cada uma das dimensões a ação educativa são resolvidas na prática social (Gadotti, 2012, p. 12), razão de ser de cada uma dessas ações.

Passando pelas definições de Educação comunitária, Educação sociocomunitária, Escola comunitária, chega àquela que denomina Educação popular e comunitária, junto com Francisco Gutierrez, com quem publica, em 1993, Educação comunitária e economia popular.

De acordo com Gadotti, há na Educação popular comunitária uma definição particular e um terreno próprio de ação, que não se confunde com a Educação popular geral, ou mesmo com outras formas de educação social ou não-formal. Em distinção com a maneira como se desenvolveu na América Latina em relação aos demais continentes, contribui à revisão do conceito da própria Educação popular.

O trabalho realizado por Paulo Freire na década de 60, inspira o que Moacir Gadotti chama de ‘paradigma da educação popular’, que encontrava na ‘conscientização’ sua categoria fundamental. A prática e a reflexão sobre a prática da educação popular, levou a incorporar outra categoria não menos importante: a da ‘organização’. “Porque não basta estar consciente, é preciso organizar-se para poder transformar.” (Gadotti, 2012, p. 19)

Tais categorias encontram-se expressas na obra Pedagogia do Oprimido, como fruto das trajetórias educacionais de Paulo Freire, discutidas em diálogo com teorias presentes no discurso de diversos pensadores. Muitas dessas teorias tornam-se, na análise de Freire, ressignificação ao campo pedagógico da sua experiência. Nas palavras do autor, um debulhar de memórias que retrospectam a sua razão de ser e nelas se reconhecer:

“Interessante, no contexto da infância e da adolescência, na convivência com a malvez dos poderosos, com a fragilidade que precisa virar a força dos dominados, que o tempo fundante do SESI, cheio de “soldaduras” e “ligaduras” de velhas e puras “adivinhações” a que meu novo saber emergindo de forma crítica deu sentido, eu “li” a razão de ser ou algumas delas, as tramas de livros já escritos e que eu não lera ainda e de livros que ainda seriam escritos e que viriam a iluminar a memória viva que me marcava. Marx, Lukács, Fromm, Gramsci, Fanon, Memmi, Sartre, Kosik, Agnes Heller, M. Ponty, Simone Weill, Arendt, Marcuse... Anos depois, a posta em prática de algumas das “soldaduras” e “ligaduras” realizadas no tempo fundante do SESI me levaram ao exílio, uma espécie de “ancoradouro” que tornou possível religar lembranças, reconhecer fatos, feitos, gestos, unir conhecimentos, soldar momentos, re-conhecer para conhecer melhor. Neste esforço de relembrar momentos de minha experiência que, necessariamente, não importa o tempo em que se deram, se constituíram como fontes de minhas reflexões teóricas, ao escrever a Pedagogia do Oprimido e continuariam hoje ao repensá-la, me parece oportuno referir-me a um caso exemplar que vivi nos anos 50. Experiência de que resultou um aprendizado de real importância para mim, para minha compreensão teórica da prática político-educativa, que, se progressista, não pode desconhecer, como tenho afirmado sempre, a leitura do mundo que vêm fazendo os grupos populares, expressa no seu discurso, na sua sintaxe, na sua semântica, nos seus sonhos e desejos.” (Freire, 1997, p.10).



O fato é que a sua pedagogia, sendo humana, tinha a qualidade humana de se dizer também inacabada, como assim definia os seres humanos. A ideia da práxis de uma pedagogia que na práxis se fundamenta.

Então, Gadotti vai registrar um ganho significativo ao campo da práxis da pedagogia freireana para a Educação popular comunitária, fruto de uma experiência vivida em África. Entre a experiência brasileira, antes do exílio, e a chilena, durante o exílio, para Freire, de acordo com Beisiegel<sup>7</sup>, era central conceber a alfabetização como processo de politização, fundamental a uma educação ‘conscientizadora’. Dessa forma, irá integrar à sua práxis considerar uma educação que seja também processo de ‘produção’. Ele explica como durante a experiência em Moçambique apresentou-se ao fazer da Educação popular comunitária esta dinâmica particular:

“Após a experiência africana e de seu retorno ao Brasil, em 1980, ele sublinhou também a importância do associativo e do produtivo no processo de alfabetização de adultos. A alfabetização era associada ao aprendizado de novas formas e novas técnicas de produção, como as cooperativas agrícolas, por exemplo, não dissociando o trabalho intelectual do trabalho manual. Foi a partir da experiência que ele teve em Moçambique, em 1976, que sublinhou a importância da relação entre o produtivo e o pedagógico. (...) Com a educação popular comunitária o trabalho e a produção, como princípios educativos, foram definitivamente incorporados ao campo da educação popular transformadora.” (Gadotti, 2012, p. 19)

Embora o Método Paulo Freire tenha seus mais largos caminhos feitos na experiência da alfabetização, a sua aplicação é dada também no contexto da pós-alfabetização, quando as palavras geradoras dão lugar aos temas geradores.

Há em curso um verdadeiro mosaico de experiências em que a educação formal e a não-formal têm como referencial o paradigma da Educação popular comunitária, embora em algum momento da sua história, na América Latina, tenha tido um contraponto com a educação escolar. O que reside no fato de que na década de 70, com a repressão dos regimes autoritários, as suas práticas precisaram se refugiar nos movimentos sociais, sindicatos e ONGs, como situa Brandão<sup>8</sup> (Gadotti, 2012, p. 21).

---

<sup>7</sup> Beisiegel, Celso de Rui, (2008). *Política e educação popular: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil*. Brasília: Liber.

<sup>8</sup> Brandão, Carlos Rodrigues, (1982). *Educação popular*. São Paulo: Brasiliense in Gadotti, M. Educação popular, educação social, educação comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. Revista Diálogos. IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL: Domínio Epistemológico, 2012, vol. 18, n. 2; p. 10-32

Muitas dessas práticas com inspiração no método Paulo Freire, contudo se reconstróem pela adequação necessária às especificidades de cada realidade. Com empenho, surgem maneiras muito próprias de fazer educação como resultado às visões próprias de mundo, onde por exemplo, a educação não se dá somente na escola, mas em todo o território onde a escola está inserida, ou seja, as relações do pedagógico serão dadas também no território enquanto espaço social e cultural.

“Visão do mundo em que se vão encontrar explícitos e implícitos os seus anseios, as suas dúvidas, a sua esperança, a sua forma de ver a liderança, a sua percepção de si mesmo e do opressor, as suas crenças religiosas, quase sempre sincréticas, o seu fatalismo a sua reação rebelde.” (Freire, 1983, p.215)

Concretamente observáveis, são também os casos em que, não de hoje, tais pedagogias tornam-se objeto de análise e de estudos científicos empreendidos por seus próprios criadores e criadoras, representações e lideranças das próprias comunidades. Estudos e escritas valorosas sobre realidades educacionais em transformação pela autonomia e participação popular e comunitária. Uma ação dada no pensamento decolonial que supera uma noção de suposta falta de capacidade ou incultura das comunidades na tomada de decisões amplas que envolvem as áreas do saber, expressa, na análise de Freire:

“Da mesma forma, absurda lhes parece a afirmação de que é indispensável ouvir o povo para a organização do conteúdo programático da ação educativa. É que, para eles, “a ignorância absoluta” do povo não lhe permite outra coisa senão receber os seus ensinamentos.” (Freire, 1983, p.182)

A participação e o engajamento comunitário são fundamentais ao processo de autonomia coletiva, sem os quais as práticas sociais podem recair em um caráter meramente assistencialista ou filantrópico, por não assumir a necessidade do diálogo, que verdadeiramente legitima o conhecimento popular como ponto de partida para reflexão e construção de ações transformadoras.

### **1.1.3 – ‘Saber-se ser’ e a conscientização do ‘direito de ser’**

Os mecanismos que atuam nas relações humanas e que negam à outra ou ao outro o direito de ser, constrói situações onde a plenitude da experiência de estar no mundo é comprometidamente ameaçada no contexto da subjetividade e da intersubjetividade. Dimensões humanas fundamentais à afirmação de si e de sua identidade.

Tais mecanismos ocorrem nos diversos cenários e situações da socialização humana. São operados nas relações pessoais, familiares, ou noutros âmbitos da convivência humana. Também estiveram a favor de um projeto de dominação cultural, eurocêntrico, quando relacionado ao encontro de diferentes povos no contexto colonizador, responsável pela subjugação das diferentes formas de produção de conhecimento humana, traduzido por Frantz Fanon como colonialismo epistemológico.

A dimensão da negação do direito de ser se faz no cerceamento de subjetividades, de memórias, incluindo as suas formas de expressão. Em todas elas, mais implícita ou explicitamente, há uma força que se realiza na comunicação e se utiliza dos diversos códigos da opressão.

“Daí, a necessidade que se impõe de superar a situação opressora. Isto implica no reconhecimento crítico, na “razão” desta situação, para que, através de uma ação transformadora que incida sobre ela, se instaure uma outra, que possibilite aquela busca do ser mais.” (Freire, 1983, p.35)

Paulo Freire dialoga com o universo teórico de Franz Fanon para a sua análise da contradição clássica expressa em sua obra – opressor e oprimido -, sendo a busca deste universo na origem contributiva ao propósito desta pesquisa.

Quanto mais o sujeito se afasta da sua possibilidade de ser, maiores os constrangimentos pela própria condição de viver fora da sua verdade. E que somente serão superados ou reelaborados no trabalho crítico que irá lhe fazer consciente da suposta inferioridade ou nulidade imposta ao universo que o constitui enquanto ser cultural. Suposta, visto que um projeto de dominação cultural supõe a superioridade de uma cultura em detrimento de outra/s, inclusive disseminando uma ardilosa e perversa ideia de que tais povos não são possuidores ou produtores de cultura, de história e de conhecimento.

A exemplo da clássica manipulação da historiografia hegemônica, que ainda surpreende algumas pessoas ao se depararem com a versão verdadeira sobre a localização daquela tão cientificamente profícua civilização Egípcia, a do Egito, do continente africano.

E desse constrangimento, citando Frantz Fanon:

“Em outras palavras, começo a sofrer por não ser branco, na medida que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me extirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja um parasita no mundo, que é preciso que eu acompanhe o mais rapidamente possível o mundo branco.” (Fanon, 2008, p. 94)

Por isso, a educação enquanto ato político-pedagógico não deve prescindir da consciência, e num processo coletivo, não isolado e individual, mas em comunhão. Conscientizando-se mutuamente sobre as razões que impedem o seu direito de ser mais e de ser livre nas dimensões das suas subjetividades, das suas memórias e das suas formas culturais de expressão. A esta tomada coletiva de consciência, que sendo crítica, alcança a conscientização, deverá associar-se a ação política transformadora, ação no processo da luta libertadora. (Gadotti, 1996, p. 717)

Uma das ações, como ação cultural no sentido freireano, possível aliada ao exercício consciente do direito de ser como um ato político, está na apropriação e ressignificação das suas próprias memórias em busca do que lhe fora negado, intencionalmente silenciado nos discursos oficiais em um projeto de uma sociedade etnocêntrica.

Tais discursos presentes, por exemplo, na definição dos parâmetros dos currículos escolares, nos discursos das instituições museológicas, ainda muitas vezes arraigados no projeto que deu origem ao seu surgimento, como contextualizado pelo museólogo Hugues de Varine-Bohan, em 1979, em entrevista à publicação ‘Os museus no mundo’ quando na condição de diretor do ICOM.

“A partir de princípios do século XIX, o desenvolvimento dos museus no resto do mundo é um fenômeno puramente colonialista. Foram os países europeus que impuseram aos não europeus seu método de análise do fenômeno e patrimônio culturais; obrigaram as elites e os povos destes países a ver a sua própria cultura com os olhos europeus.(...) A descolonização que se registrou mais tarde foi política, mas não cultural; pode-se dizer por conseguinte que o mundo dos museus, enquanto instituição e enquanto método de conservação e de comunicação do patrimônio cultural da humanidade, é um fenômeno europeu, que se difundiu porque a Europa produziu a cultura dominante e os museus são uma das instituições derivadas dessa cultura.” (Varine-Bohan, 1979, p.12)

Daí a urgência que os povos se voltem à produção da escrita das suas histórias como forma de libertar-se e afirma-se, num ato político e de resistência, posto que é sabido que na memória reside o poder da tomada de consciência crítica na relação do passado com o tempo presente.

(Re)aprender a lidar com a sua própria história é uma ação que integra a concepção de uma ‘educação como prática de liberdade’, e nas palavras do professor Ernani Maria Fiori:

“Talvez seja este o sentido mais exato da alfabetização: aprender a escrever a sua vida, como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historicizar-se. Por isto, a pedagogia de Paulo Freire, sendo método de alfabetização, tem como ideia animadora toda a amplitude humana da “educação como prática da liberdade”, o que, em regime de dominação, só se pode produzir e desenvolver na dinâmica de uma “pedagogia do oprimido.” (Freire, 1983, p.4)

Memórias alimentam os vínculos sociais e de pertencimento partilhadas em comunidades por meio das suas ancestralidades, seus saberes e valores que constituem a sua visão própria de mundo. De posse desse patrimônio, poderão também exercer aprendizado na perspectiva das conquistas e superações de desafios que terão deixado marcas de luta e resistência. Poderão também livremente identificar-se com lideranças e com elas identificarem os instrumentos das suas lutas, constatando que essas histórias se entrecruzam com as suas, e a sua história passa a integrar a memória social da sua comunidade.

## **1.2. Museologia Social e Sociopedagogia**

### **1.2.1. A função social do museu na práxis museológica**

A Museologia Social surge no exercício de uma práxis museológica e, ao lado da Sociopedagogia, comunga como um referencial teórico significativo do pensamento de Paulo Freire. Inspiração que reside na razão da própria práxis.

A abordagem freireana aparece como marco na ação problematizadora que reflete sobre a função social do museu, e desafia a sua participação na “formação das consciências das comunidades” a que servem, de acordo com o que registra a Declaração de Santiago do Chile de 1972, resultado da Mesa-redonda realizada no mesmo ano, no âmbito do ICOM – Conselho Internacional dos Museus. (ICOM, 1972)

Realiza um movimento de ação-reflexão ao que é definido como práxis, nas palavras do teórico da educação como prática de liberdade: "a ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo" (Freire, 1983, p.40). E também expressa no glossário, fruto do esforço de construção atribuído a J. Simões Jorge<sup>9</sup>, presente à obra ‘Paulo Freire, uma biografia’:

“É a união que se deve estabelecer entre o que se faz e o que se pensa acerca do que se faz. (...). Conceito comum no marxismo, que é também chamado filosofia da práxis, designa a reação do homem às suas condições reais de existência, sua capacidade de inserir-se na produção (práxis produtiva) e na transformação da sociedade (práxis revolucionária)”. (Gadotti, 1996)

No âmbito da Mesa-redonda de Santiago do Chile, de 1972 inaugura-se, então, um movimento que irá discutir o papel do museu enquanto instituição à serviço da sociedade. Empenha-se na busca de caminhos possíveis a um processo museológico enquanto ato político e prática libertadora, atuante no esforço de constituir-se campo científico em favor da conscientização das comunidades em lidar com desafios sociais da contemporaneidade, fortalecendo as suas lutas para transformação das suas realidades frente às injustiças sociais.

A ideia para este encontro seria a presença de Paulo Freire numa iniciativa do então diretor do ICOM, Hughes de Varine. Esse viria a ser um momento da reflexão que integra a práxis proposta de se discutir em torno da função social dos museus. O momento de ressignificar a sua própria concepção à luz do objetivo de: “adaptar sistematicamente a

---

<sup>9</sup> Glossário originalmente publicado no livro de autoria de J. Simões Jorge, A ideologia de Paulo Freire.

formulação de sua doutrina <freireana> e de seus métodos à prática museológica e museográfica.” (Varine-Bohan, 2014)<sup>10</sup>

Da impossibilidade da presença do educador, atribuída à recusa do governo brasileiro, por ocasião de cumprimento de exílio político, fica o desafio de que os profissionais em suas diversas atuações se dediquem a este exercício. Ao que podemos entender como um chamamento ao exercício humanista no campo dos museus.

Em sequência, outros marcos reúnem-se no desenho de um percurso em que as ideias de Paulo Freire versam sobre o museu enquanto ferramenta de transformação social.

MARCO	CRONOLOGIA	DESCRIÇÃO
Mesa-redonda de Santiago do Chile / ICOM 1972	1972	Encontro que resulta na Declaração de Santiago do Chile – Movimento que afirma a função social do museu, onde Hugues de Varine evoca o pensamento de Paulo Freire.
Hughes de Varine	1979	Concede entrevista publicada em: <i>Os museus no mundo</i> e faz ressalva a iniciativa colonialista de criação e manutenção dos museus, assim como põe em relevância o pensamento de Paulo Freire para uma Educação como prática da liberdade.
Waldisa Rússio (Brasil)	1983	Desenvolve a concepção de fato museal atribuída à influência das ideias de Paulo Freire.
Museologia Social/Sociomuseologia	1983	Consolida-se o campo da Museologia, mais próxima ao âmbito das ciências sociais, ao nível de uma Sociologia pública.
Declaração de Quebec (Canadá)	1984	Documento que estabelece os princípios de base para uma Nova Museologia.
Declaração de Oaxtepec (México)	1984	Concebe o documento que irá definir os museus no contexto Território-Patrimônio-Comunidade. Ecomuseu como um ato pedagógico para o ecodesenvolvimento. Estrutura uma proposta para o desenvolvimento da consciência patrimonial comunitária.
MINOM	1985	Criação do Movimento Internacional para a Nova Museologia.

**Tabela 02:** Marcos da Museologia Social

<sup>10</sup> Entrevista de Hugues de Varine concedida a Mario Chagas. Chapecó: Unochapecó, 2014.

Das considerações que propõem uma nova práxis para os museus na América Latina, registradas por ocasião da Mesa-redonda de Santiago do Chile, em 1972:

“Que o museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na ação, situando suas atividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais.” (ICOM, 1972)

A Declaração de Oaxtepec/México (anexa), de 18 de outubro de 1984, dista em apenas quatro dias em relação à Declaração de Québec/Canadá e traz a dimensão própria de uma prática centrada no amplo e direto envolvimento da comunidade no fazer museológico, tradição mexicana já salientada por Hughes de Varine em entrevista concedida anteriormente citada no ano de 1979, mas a que dá destaque a um papel mais logístico e menos criativo.

Passados cinco anos, quando da realização do encontro em Oaxtepec/México, em 1984, o conteúdo da declaração é expresso sobretudo nas dimensões da integração patrimônio – território – comunidade.

Observa-se, por meio da referida Declaração, que as contribuições dadas ao encontro versam sobre a ampliação do fazer do museu ao território, como patrimônio integrado a uma comunidade participativa, nomeadamente o fazer do Ecomuseu, “que se propõe aqui para nosso meio, como um ato pedagógico para o ecodesenvolvimento.”<sup>11</sup>, ressalta-se ainda participação da comunidade, entre outros pontos, pelo reconhecimento das tradições e das memórias coletivas, colocando-as ao lado do conhecimento científico. Apresenta uma proposta estruturada de ações que devem ser cumpridas ‘para o desenvolvimento da consciência patrimonial comunitária’. Contribuições que efetivamente guardam coerência com os preceitos da Sociopedagogia, da Educação popular, propondo a criação de estruturas associativas, legitimando a participação de lideranças locais em processos formativos, como segue:

“Capacitação de pessoal proveniente das próprias comunidades, incluindo aos mestres existentes, o que tem por objetivo:

- a) ensinar o que é e como se dá a apropriação e aproveitamento dos recursos que pertencem à comunidade e conformam seu patrimônio; e
- b) assinalar que as pessoas capacitadas e especializadas sejam os principais transmissores, divulgadores, - animadores, etc. da consciência específica em respeito ao patrimônio e da consciência coletiva da comunidade, particularmente no que

---

<sup>11</sup> MOUTINHO, Mário. (1989). *Museus e Sociedade*. (5). Cadernos de Patrimônio, Monte Redondo, p. 123 (tradução da autora)



concerne ao resgate, à salvaguarda e ao fortalecimento e da história e da memória coletivas.”<sup>12</sup>

Com relevância aos processos de comunicação, a Declaração de Caracas/Venezuela, em 1992, considera, em alinhamento com a função social do museu e fortalecimento da sua identidade e consciência crítica para o desenvolvimento comunitário:

“Que o museu é um importante instrumento no processo de educação permanente do indivíduo, contribuindo para o desenvolvimento de sua inteligência e capacidades crítica e cognitiva, assim como para o desenvolvimento da comunidade, fortalecendo sua identidade, consciência crítica e auto-estima, e enriquecendo a qualidade de vida individual e coletiva.” (ICOM, 1992)<sup>13</sup>

Quase meio século separa o mais remoto marco que trata da reflexão sobre a função social do museu e a recente aprovação das recomendações da UNESCO, que confere esta competência às instituições museais. Fato ocorrido na 38<sup>a</sup>. Conferência Geral da UNESCO, em novembro de 2015. O período de 43 anos, contados entre os anos de 1972 e 2015 carrega, em si um desdobrar de práticas, encontros, publicações, discussões, avanços, esforços, que culminam na ‘Recomendação sobre a Proteção e a Promoção dos Museus e Coleções, de sua Diversidade e de sua Função na Sociedade’.

As práticas, em si, as experiências locais, na construção de uma museologia participativa, são os verdadeiros sustentáculos desse movimento.

Pensadores e fazedores, em abordagem plurimultitransdisciplinar, seguem articulando a Função Social do Museu ao seu potencial transformador enunciado na teoria freireana.

Um caminho para esta reflexão pode ser encontrado no fragmento do texto de autoria do Professor Doutor, museólogo e pesquisador Pedro Pereira Leite, que analisa a Nova Recomendação da UNESCO sobre Museus, Coleções, sua Diversidade e Função Social:

“Mudanças que são criadas a partir das práticas educativas de transformação do indivíduo. É a partir da educação do indivíduo, da sua possibilidade de transformação, como sublinhou Paulo Freire na sua Pedagogia da Libertação, que se podem gerar mudanças sociais. Uma educação que é pensada como possibilidade de transformação, do indivíduo e através dele do conjunto social, é um processo que resulta da possibilidade de encontro. Um encontro que se processa em instituições, em processos formais e não formais e mesmo informais.” (Stornino, Chagas, Moutinho, Leite, 2016, p. 34)

---

<sup>12</sup> Idem anterior, p. 125-126 (tradução da autora)

<sup>13</sup> PRIMO, Judite Santos (org). (1999). *Museologia e Património: Documentos fundamentais*. In: *Cadernos de Sociomuseologia*. (n. 15), Centro de Estudos de Sociomuseologia, ULHT, Lisboa.

Em sua análise, admite o museu com função educadora, co-produtora de saberes construídos em processos com a comunidade, mas também como lugar de encontro e trocas, de ligação de pessoas e de saberes.

À medida que a práxis museológica aborda a função social do museu, segue em curso o desenvolvimento de novas teorias e concepções. Também se encorajam iniciativas concretizadas nas bases da ecomuseologia. No Brasil, o Ecomuseu de Santa Cruz, idealizado em 1992 e fundado em 1995, marca a relevância da atividade ecomuseológica no Brasil, embora não corresponda à iniciativa pioneira. Antes disso, já estavam em atividade o Ecomuseu de Itaipu, em Foz do Iguaçu, no Paraná, iniciado em 1987, o Museu Magüta, de 1988, referenciado como o primeiro museu indígena no Brasil. Também já estava em curso a experiência de integração entre museu, escola e comunidade, por meio do Museu Didático Comunitário de Itapuã (MDCI), consolidado em 1990, no Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, no bairro de Itapuã, Salvador.

No Brasil, a ABREMC, Associação Brasileira de Ecomuseu e Museus Comunitários é uma rede colaborativa de apoio e valorização de processos, metodologias, conteúdos e iniciativas em Museologia Comunitária por uma Nova Museologia. A sua fundação ocorreu em 2004, no âmbito do III Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários, na cidade do Rio de Janeiro, realizado no Ecomuseu Comunitário de Santa Cruz <Quartirão Cultural do Matadouro>.

Da fundamentação deste fazer, emerge o conceito de ‘fato museal’, trabalhado pela museóloga brasileira Waldisa Rússio Camargo Guarnieri. Ao que, em 1983, qualifica de ‘conceito preliminar’, Rússio indica possuir forte influência das “ideias de Paulo Freire, no que se refere à educação e à alfabetização, aqui transformada pela consciência do mundo e por seu contexto.” (Rússio, 1983, p.128, v.1)<sup>14</sup> É, pois, elaboração consistente ao campo científico da museologia que ilumina o ato criativo por uma outra museologia possível, com base fundamentalmente humana, numa reincidente evocação à significativa aproximação entre a Sociopedagogia, no paradigma conceitual da Educação popular e a Museologia Social.

---

<sup>14</sup> Rússio, W. (1983), *Sistema da Museologia*. In BRUNO, M. C. O. (Org.). Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. Vol.1. p.127-136.

### 1.2.2. Por uma outra narrativa possível

Dado cenário em constante transformação - que resulta renovações e ressignificações - Waldisa Rússio atualiza uma preocupação localizada no bojo da conceituação traçada pela museóloga sobre o ‘fato museal’, teoria museológica que trata da relação homem/objeto.

Se por ‘fato museal’ entende-se a relação que se estabelece no entre o homem, enquanto sujeito conhecedor, e o objeto que é parte da sua realidade, há um movimento natural de estabelecer definições que darão suporte a este conceito.

No exercício de localizar os objetos entre materiais e imateriais - numa abordagem sobre ‘Museologia e identidade’, a autora observa que há objetos que não são ‘substâncias materiais’, mas, ‘realidades objetivas e externas ao homem’, tais como o modo de sentir, de agir, e que se traduzem nas linguagens gestual, oral, por exemplo. E os define como ‘testemunhos imateriais’, expressando:

“O que se pergunta, agora, é se esses objetos ‘imateriais’; que representam aspectos significativos da identidade, são ou não ‘musealizáveis’. (...). O que salta aos olhos é que a Museologia atual não pode simplesmente, de um momento para outro, descartar o fato museológico no qual a relação homem/objeto apresenta, como objeto, o complexo das relações e dos relacionamentos humanos e sociais, sobretudo porque esse complexo está inserido entre as mais frequentes e as mais profundas preocupações do homem do nosso século.” (Rússio, 1983, p.182, v.1)<sup>15</sup>

Em seguida a autora lança a sua expectativa sobre a questão posta nos resultados desse novo cenário em transformação, que dê conta dessa complexidade com novas maneiras de fazer, novos profissionais, com formação científica mais abrangente. E fecha a sua reflexão, atribuindo ao processo gerador dos ecomuseus, por exemplo, a condução à Museologia enraizada no histórico e no social, “diretamente engajada na dinâmica da Identidade Cultural.” (Rússio, 1983, p.182, v.1)<sup>16</sup>

O Museu Didático-comunitário de Itapuã <MDCI>, na experiência da Professora Doutora Maria Célia Teixeira consta como objeto da sua tese de doutorado, por meio de pesquisa-ação, no ano de 1995. O MDCI está localizado no bairro de Itapuã, na cidade de Salvador, estado da Bahia, nordeste do Brasil, fruto de uma ação integrada entre o curso de Museologia e o Doutorado em Educação da Universidade Federal da Bahia <UFBA> e a Secretaria de Educação do Estado e o Instituto Anísio Teixeira. Constrói uma proposta de ação

---

<sup>15</sup> Idem anterior

<sup>16</sup> Idem anterior

museológica como ação educativa e de interação, que produz conhecimento e busca a construção de uma nova prática social.

Em seu estudo a autora define Museu Didático-comunitário e o seu engajamento na construção do conhecimento, tomando por base as histórias de vida.

“Definimos como museu didático-comunitário, neste processo, o museu que será organizado a partir da construção do conhecimento em sala de aula, tomando como referencial o patrimônio cultural local (o bairro e o colégio), em suas dimensões de tempo e espaço, na dinâmica do processo social. O comunitário é compreendido como a participação dos moradores locais nas atividades a serem desenvolvidas em sala de aula, contribuindo para a construção do conhecimento, a partir das suas histórias de vida.” (Santos, 1995, p. 18)

Nesta perspectiva, as histórias de vida podem ser entendidas como emissoras da imaterialidade musealizada que comporta - novamente recorrendo ao que define Waldisa Rússio - ‘o complexo das relações e dos relacionamentos humanos e sociais’, ou ‘seja, os objetos ‘imateriais’; que representam aspectos significativos da identidade’.

Considera a Museóloga Maria Célia, quanto ao processo museológico na experiência do Museu Didático-comunitário de Itapuã, a definição de fato museal como “a qualificação da cultura em um processo interativo de ações de pesquisa, preservação e comunicação, objetivando a construção de uma nova prática social.” (Santos, 1995, p.254)

Uma outra iniciativa, numa proposta de ação com os ‘Objetos biográficos’, concebido no trabalho do Professor Doutor, museólogo e pesquisador, Pedro Pereira Leite, tem se estruturado como uma nova metodologia ao fazer da Museologia Social

Concebidos com inspiração na proposta metodológica de Paulo Freire, os círculos museológicos, dão forma ao trabalho com as narrativas biográficas como elemento gerador em aproximação aos círculos de cultura do método freireano, desenvolvido no uso das palavras e temas geradores levantados junto à comunidade.

A iniciativa anima uma série de ressignificações ao fazer museológico então estabelecido, como pressupostos fundamentais ao seu desenvolvimento.

Sabe-se que muitas áreas do saber se ressurgem dessa aproximação com a pedagogia freireana, assim como muitos profissionais se redescobrem no seu tradicional campo de ação, um/a novo/a profissional, muitas vezes sem o constrangimento de assumir-se verdadeiramente transformado ao passo que se assume um profissional da causa humana.

Mas, muito longe de apenas assumir o rótulo de ‘social, popular, comunitário’, de cada área irá se exigir um esforço contínuo em estabelecer algumas rupturas e atualizações, assumindo novas visões. E, no que se refaz, não deve prescindir de revolver toda a sua estrutura

anterior para encontrar os verdadeiros caminhos que conduzem, cada fazer particular em sua área de competência, à verdadeira causa da libertação humana.

Desse processo permanente, que subverte alguns dos paradigmas fundamentados nas suas estruturas mais conservadoras originárias de cada área respectiva, surgem alguns movimentos indispensáveis a um novo fazer, como ousadia, esperança, criatividade e ética. Ousadia em inovar, pela causa humana; esperança que anima a transformação; criatividade para superação dos desafios apresentados e ética ao preservar o verdadeiro sentido do valor e da dignidade de cada ser humano, em todos os âmbitos da ação.

Aprofundando o olhar ao que é legítimo ao ser humano e ao seu desenvolvimento, na reinvenção do tempo-espço da ação, na crença verdadeira no potencial da diversidade da inteligência humana e na religação dos saberes, e neste sentido, não deve abrir mão de caminhar ao lado das novas aliadas ciências, que também dão forma à teoria freireana, a exemplo da Filosofia, da Antropologia, da Sociologia, da Psicologia, das teorias pós-coloniais e do pensamento contemporâneo, e da complexidade, para guardar a coerência científica às suas novas práticas, inclusive, descentralizando as perspectivas de diálogo do eixo da hegemônico.

Em outras palavras, no estudo do pensamento contemporâneo no campo científico da Museologia Social, cabe o exercício do alargamento teórico para, em conjunção com as demais ciências – da natureza e da cultura –, ser capaz de introduzir novas questões que irão desafiar aqueles paradigmas então desconectados dos fenômenos sociais atuais e da sua complexidade.

Para a consolidação de um campo plurimultitransdisciplinar e de base humanista, é fundamental que este esteja permanentemente fundamentado no combate à fragmentação e também ao silenciamento dos saberes.

O combate à fragmentação dos saberes é o propósito da publicação, de 1998, coordenada pelo sociólogo francês, Edgar Morin, que tem raiz na sua ideia sobre o pensamento complexo, em que devemos romper com a noção de que devem ser separadas a cultura das humanidades e a cultura científica.

A obra *A Religação dos Saberes – O desafio do século XXI*, é organizada em oito jornadas temáticas, respectivamente: O mundo; A Terra; A vida; A humanidade; Língua, civilizações, literatura, artes, cinema; A história; As culturas adolescentes; A religação dos saberes. Os temas são desenvolvidos por 53 pensadoras e pensadores, orientados pelo princípio da incerteza racional.

A sexta jornada – *A História* – expressa:

“(…) a preocupação de que a reflexão sobre o tema deve estar não somente no âmbito da França (já obsoleto, na verdade) e europeu (antes de mais nada, insuficiente), mas dialogando com os historiadores não ocidentais e com histórias extra-europeias, a fim de construir um novo universal que não se confundirá mais com a tradição francesa, nem com o patrimônio ocidental.” (Dosse, 2002, p. 394)

É nesse sentido, no campo dessa disputa, que as narrativas relacionadas às histórias das sociedades não europeias e as histórias de vida de suas populações e indivíduos ganham importante atributo patrimonial e de conhecimento humano, diretamente relacionado com a afirmação de identidade, esta, “muito intimamente ligada à vida e à história dos homens, bem como à consciência que eles têm de si mesmos. Não se trata de ser, mas de saber-se ser.” (Rússio, 1983, p.182, v.1)

Então, somente na palavra legítima acerca de si como, palavra objeto integrante da realidade é possível que seja dado o sentido da conscientização para a transformação. A noção de ‘Objetos biográficos’ coloca a questão das narrativas biográficas no centro da ação transformadora da nova museologia, concernente ao contexto e as identidades de grupo, ao que descreve o seu autor no que abrange a concepção da metodologia traçada:

“É uma contextualização que permite uma observação da realidade vivida ao mesmo tempo que a explicitação dessa observação gera uma ação comunicativa de descrição desse objeto. Esse processo gera-se como uma experiência de mediação do indivíduo entre o mundo real e a consciência de pertença e não pertença a esse mesmo mundo. A emergência da consciência da pertença a um determinado conjunto social pode constituir-se como um dos processos da formação da consciência da agregação em comunidade. A consciência duma identidade partilhada.” (Leite, 2012, p.26)

Importante mais uma vez salientar que na ideia freireana a ação transformadora não pode prescindir da consciência coletiva. Comunidades politicamente organizadas integram as suas lutas em torno de tudo que envolve a cultura do seu povo e conscientemente se utilizam de todos os espaços dos seus territórios como instrumento de transformação. Sendo a escola um desses espaços, mas não o espaço restrito da educação, assim como a ação museológica não se restringe ao espaço do edifício museu, na preservação dos seus saberes, das suas histórias de vida e dos seus antepassados, numa dinâmica de apropriação que irá reforçar a coesão social por meio da expressão e da preservação das memórias partilhadas.

Sobre memória ancestral, importante lembrar que algumas comunidades de tradição na linguagem oral terão nos homens e mulheres mais antigos, os membros com mais idade, os portadores e portadoras dessas memórias mais remotas, também fundamentais ao processo de

construção e afirmação da identidade. Descrevendo essa relação da identidade com o passado, de acordo com o Professor Doutor, Museólogo e Poeta, Mario de Souza Chagas:

“A relação da identidade com o passado ou com a memória desse passado é complexa. Indivíduos constroem suas identidades mediante o uso da memória, e esta é indissociável, por exemplo, da linguagem, que é uma construção social que antecede a existência desses indivíduos.” (Abreu, Chagas & Santos, 2007, p.12)

A memória como um legado à construção da identidade pode atuar em diferentes dimensões, de acordo com a maneira com que cada comunidade e cada indivíduo se apropria do seu passado e como este os influencia no presente. Por exemplo, a sabedoria em lidar com os desafios de uma época pode inspirar decisões para o momento atual ou serão ressignificados no hoje. O legado de resistência cultural é geralmente inspirador das decisões que rompem com as influências do discurso opressor, por outro lado a submissão ou adesão a este poderá resultar em um distanciamento dessa identidade de resistência, ao se assumir uma outra visão de mundo externa ao seu conjunto próprio de valores, no constrangimento do não ser. Daí a importância do exercício da leitura crítica de mundo, que poderá ter na memória dos contextos vividos um caminho de reflexão que apoiará a ação transformadora.

Em favor das ações transformadoras, o exercício do registro e da expressão das narrativas biográficas favorecem o movimento de conscientização, quando da apreensão crítica destas integradas à realidade. Como processo de libertação, a memória preservada poderá ter lugar nos processos museais instituídos ou também acontecer fora deles, como, por exemplo no âmbito de processos educativos, com pedagogia própria, e a serviço do desenvolvimento de uma comunidade e do seu território.

Dessa forma, o fazer sociopedagógico pode representar relevância ao campo da Museologia Social. O estudo de caso apresentado tratará de categorias relacionadas aos ecomuseus, museus comunitários, museus de território, envolvendo as dinâmicas de preservação da memória em favor das comunidades a que se vinculam.

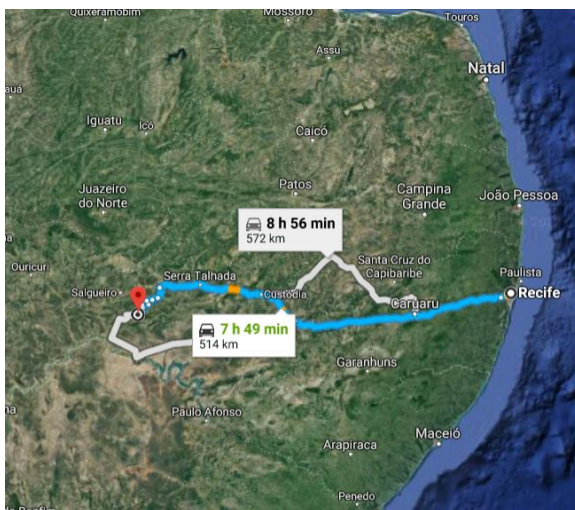
## 2. Percurso Metodológico

### 2.1. Da preparação ao campo

O território da comunidade de Conceição das Crioulas está localizado no município de Salgueiro, a aproximadamente 500 km do Recife, capital do estado de Pernambuco, nordeste do Brasil. Com extensão de aproximadamente 17 mil hectares, é formado por duas vilas principais – Vila Centro e Vila União, e mais 30 sítios. Embora a titularidade da terra já tenha sido conquistada no ano de 2004, ainda é lento o processo de desintração dos fazendeiros invasores do território, restando livre ao seu uso e acesso apenas aproximadamente 30% do total do território. Nesta outra maior parte do território invadido, fica impedida a coleta de matéria-prima para o artesanato, a coleta de frutos, o plantio e acesso às demais fontes de água disponíveis. Como fica também comprometido o exercício do pertencimento na relação com o território, como expresso pela Associação Quilombola de Conceição das Crioulas <AQCC> no documento ‘Nova cartografia social dos povos e comunidades tradicionais do Brasil’:

“Essa terra não possui apenas valores econômicos, mas se trata de um território que abriga outros laços e relações entre parentes, o trabalho coletivo, a identidade étnica símbolo de luta e resistência de um povo, ou seja, esse é um território cultural.”  
(AQCC, 2007)

No território estão localizados ainda três sítios arqueológicos: Sítio Arqueológico da Lagoa da Pedra, Sítio Arqueológico do Sítio Paula, e Sítio Arqueológico da Pedra da Mão. O primeiro deles com achado de ossos de animais pré-históricos, como a preguiça gigante.



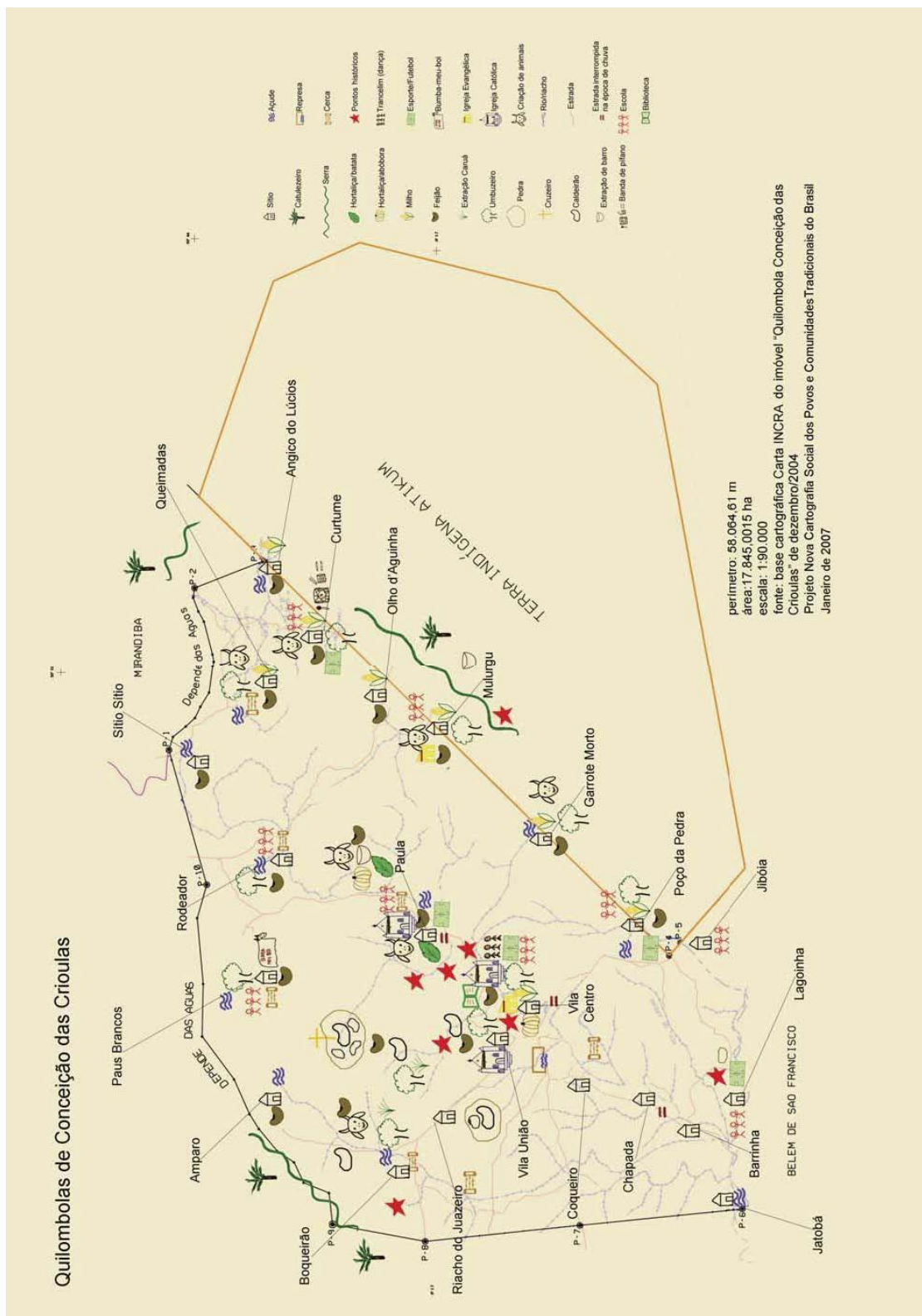
**Imagem 01:** Imagem de satélite do trajeto de aproximadamente 500 km entre a cidade do Recife e o território quilombola de Conceição das Crioulas.



**Imagem 02:** Imagem de satélite da Vila Centro – território quilombola de Conceição das Crioulas.



A Serra das Crioulas e Serra das Princesas localizam-se como marcos referenciais no seu território.



**Imagem 03:** Território Quilombola de Conceição das Crioulas Fonte: Nova cartografia social Dos povos e comunidades tradicionais do Brasil

Retornar à comunidade quilombola de Conceição das Crioulas era um desejo e uma certeza que preservei desde a vez que lá estive, no ano de 2002.

Entre os anos de 2001 e 2003 integrei a equipe do Projeto Imaginário Pernambucano uma iniciativa no âmbito das ações de extensão da Universidade Federal de Pernambuco, no desenvolvimento de ações de design com o objetivo de fortalecer comunidades tradicionais produtoras de artesanato, por meio do respeito e da valorização cultural. Não sendo a ação na comunidade de Conceição das Crioulas o objeto da minha participação no projeto, a minha ida, junto com outros técnicos que, como eu, atuavam em outras comunidades tinha o objetivo de então acompanhar as ações para o desenvolvimento do campo da observação para a experiência prática. Este foi um momento em foi realizada uma série de oficinas junto com o grupo de artesãs e artesãos para desenvolvimento de novos produtos.

Embora breve, a permanência neste território representou uma das experiências que mais me marcou do ponto de vista do processo comunitário e do processo afirmativo étnico. Primeiramente, a oportunidade de conhecer, de perto, a experiência de uma comunidade quilombola representava estar em contato real e vivo com a história de resistência que também é minha, pois somos frutos da mesma ancestralidade africana.

Tal conhecimento nos foi sistematicamente negado pelo projeto hegemônico assumido pelas instituições por meio dos seus discursos oficiais, entre elas, a escola, que silenciaram tanto a origem, quanto a existência das comunidades quilombolas no Brasil. Fato é que sequer havia aprendido sobre os inúmeros movimentos de insurreição no enfrentamento à exploração de mão de obra escrava alguns desses que havia originado em todo o país milhares de comunidades que conquistaram a sua liberdade e em torno dela criaram novos modos de se viver e de se organizar.

Na comunidade quilombola de Conceição Crioulas, pude, então, aprender, na experiência do encontro, da observação e da escuta, o quanto permanece vivo este desejo e esta força de luta por liberdade. Uma nova libertação necessária, uma libertação a cada dia, sempre alerta, a cada momento que as forças de uma elite dominadora, por meio de suas instituições, ou dos seus agentes, mais uma vez insistem em agir contra a justiça e contra a plenitude do direito de ser.

Inesquecível o poder de organização e a força que movia a fala e as atitudes das lideranças de Conceição das Crioulas. Com admirável competência política e de articulação, pela resistência presente nas palavras de Aparecida Mendes, ao nos informar sobre o processo de luta pela titulação do território; pela determinação presente na condução afetiva e engajada com que a liderança Valdeci Silva nos conduzia pelos espaços do seu território, ao qual tem

dedicado a sua permanente luta; pela maneira como a educadora, referência na comunidade, Maria de Lourdes Silva, Lourdinha, contribuía na fluidez das atividades com o artesanato. Voltar a encontrá-las em Conceição era um desejo e uma certeza que guardei comigo desde que lá estive.

**E lá voltei no dia 10 de maio de 2018:**

A atividade de campo na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas demandou uma organização prévia com a antecedência de uma semana. Além da necessidade de um levantamento atualizado sobre as condições logísticas para acesso e permanência na comunidade, havia a necessidade de realizar o agendamento de um encontro com as lideranças da comunidade antes da realização das entrevistas, já pré-agendadas, com o objetivo de socializar com o coletivo da comunidade a proposta de estudo.



**Imagem 04:** Trechos da estrada entre o município de Salgueiro e Conceição das Crioulas. Foto: Anna Zidanes

A organização da comunidade prevê que, para o caso de pesquisas acadêmicas, se faça um momento de socialização junto às lideranças e de uma das comissões temáticas da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas <AQCC>.

Em busca de uma interlocução inicial foi realizado um levantamento nos relatórios do Projeto Quilombos de Conceição das Crioulas, com o objetivo de identificar o/a educador/a envolvido/a na supervisão pedagógica das turmas do projeto.

Foi então iniciado o contato com a Professora Márcia Jucilene do Nascimento, integrante da Comissão de Educação da AQCC e supervisora, em 2004, do Projeto Quilombos,

que prestou todas informações e orientações em relação à chegada na comunidade, bem como apoiou no pré-agendamento das entrevistas com as professoras e os estudantes. O acompanhamento da visita ao território seria realizado pela Professora Lourdinha.

As lideranças indicadas por Márcia para apresentação da proposta do estudo foram Valdeci e Lurdinha, ambas integrantes da Comissão de Geração de Renda e Comissão de Mulheres. O contato com Valdeci foi também realizado na semana que antecedeu à chegada à comunidade. Neste momento ficou confirmada a sua disponibilidade para o nosso encontro, marcado para acontecer no Mercado Público, local onde trabalha. Valdeci ainda se disponibilizou a me hospedar em sua residência.

Ficando a agenda organizada da seguinte maneira:

10/05 – Manhã – Encontro inicial com Valdeci, no Mercado Público

Realização de uma conversa informal na qual Valdeci informou sobre as ações e parcerias recentemente realizadas com a comunidade por meio da AQCC, bem como apresentou os novos produtos artesanais que estão sendo confeccionados:

10/05 – Tarde – Entrevista com a Professora Francisca Marcelina, na Escola Bevenuto Simão de Oliveira, no Sítio Paula

10/05 – Tarde - Encontro com Valdeci e Lourdinha no Mercado Público

10/05 – Noite – Entrevista com a Professora Márcia Jucilene do Nascimento, em sua residência

11/05 – Manhã – Entrevista com a liderança Valdeci Silva, em sua residência

11/05 – Manhã – Entrevista com o estudante egresso do Projeto Quilombos Edilson Antônio da Costa, na residência de Valdeci

11/05 – Manhã – Entrevista com a estudante egressa do Projeto Quilombos Maria de Fátima de Oliveira, em sua residência

## **2.2. Metodologia da investigação**

A investigação aqui proposta foi conduzida e orientada pela metodologia estudo de caso, por meio do método hipotético-dedutivo, com abordagem qualitativa.

O método hipotético-dedutivo foi utilizado na construção da base lógica da investigação. Três conceitos estruturantes dão corpo à lógica do estudo, relativamente à parte teórica. A ideia foi trazer de cada uma dessas unidades conceituais – Sociopedagogia, Museologia Social e Memória - as contribuições mais representativas ao entendimento da

realidade estudada. E, nesse caso, tem destaque as discussões em torno dos conceitos de identidade, transformação social e consciência crítica, que perpassam todo o corpo teórico para se projetar na parte empírica.

Para ampliar as possibilidades de articulação teórica, bem como para melhor entender a realidade em questão, buscou-se conjugar Museologia, Educação e Memória e esta escolha definiu o objeto real. Em relação, Museologia Social e Sociopedagogia, como uma proposta de educação diferenciada, são respectivamente objeto científico e objeto de estudo, sendo que este primeiro é estruturante na definição dos marcos descritivos e conceitos, que na dissertação estão, em sua maioria, apresentados em lógica temporal.

Os métodos e técnicas indicaram propriamente o percurso metodológico. A escolha pelo estudo de caso com o campo delimitado, em função de tempo e espaço, possibilitou uma realidade melhor descrita e com maior profundidade. E dessa forma também possibilitou a utilização de técnicas diversas no campo da investigação empírica.

Entre as técnicas utilizadas, comum ao método selecionado, estão a análise documental e entrevista. Esta última, junto à Comunidade de Conceição das Crioulas foi realizada de forma tematicamente centrada, com ênfase nas Histórias de Vida/Narrativas biográficas e autobiográficas, e também de maneira não estruturada. A entrevista não estruturada foi também realizada junto à Gerente de Geral de Educação e Implementação da Fundação Roberto Marinho, Vilma Guimarães.

As escolhas metodológicas consideraram, desta forma, evidenciar a possibilidade de aproximação aos contextos que envolvem os seus objetos.

Constituíram-se objetos empíricos nesta pesquisa, a comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, especialmente os estudantes e educadores que participaram do processo de construção das suas narrativas autobiográficas no âmbito do Projeto Quilombos, no ano de 2006.

A forma de apresentação do trabalho segue a norma da American Psychological Association (APA).

### **3. CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS: A HISTÓRIA DE UMA EDUCAÇÃO FEITA DE HISTÓRIAS**

#### **3.1. Ser do Quilombo de Conceição das Crioulas, uma reconstrução**

Uma pergunta esteve velada no silenciamento que distanciava o povo de Conceição das Crioulas daquilo que hoje lhe confere o valor que anima o sentido de todas as suas lutas: ‘Quem somos nós’? As respostas não estavam aparentes, por outro lado, as perguntas cada vez mais desafiavam um grupo da comunidade que, entre os anos de 1988 e 1989 estava envolvido em discussões propostas no âmbito dos encontros das já mencionadas CEBs:

‘De onde viemos’?

‘Quem foram nossos ancestrais?’

‘Por que a comunidade é maciçamente negra?’

Deste grupo participavam importantes atores sociais que protagonizam ainda hoje o movimento de luta e resistência quilombola, inclusive no cenário nacional, a exemplo de Givânia Maria da Silva, mulher quilombola de Conceição das Crioulas, Mestre em Políticas Públicas e Gestão da Educação, uma liderança com forte consciência política engajada no Movimento Negro brasileiro, tendo ainda sido uma das indicações no âmbito do projeto 1000 Mulheres para o Prêmio Nobel da Paz no ano de 2005. Givânia foi também vereadora no município de Salgueiro, eleita em 2000 e 2004.

Em entrevista para o estudo de mestrado realizado pela educadora quilombola Márcia Jucilene do Nascimento, ‘Por uma pedagogia crioula: memória, identidade e resistência no quilombo de Conceição das Crioulas – PE’, Givânia relembra que nas catequeses das CEBs além de discutir sobre a identidade da comunidade, havia outras questões tais como “por que era que não tinha energia na comunidade, por que era que não tinha escola, quando nós somos o distrito de Conceição a segunda maior população depois da cidade”<sup>17</sup>.

Essa era uma época em que, segundo analisam as lideranças da comunidade, ser de Conceição das Crioulas era algo ruim. Um sentimento comum entre as populações no contexto das diásporas africanas, que marca a permanência das forças opressoras coloniais nas mentes colonizadas, resultado de um projeto que esteve voltado à dominação do povo negro para a

---

<sup>17</sup> Trecho da entrevista com Givânia Silva em agosto de 2016.

escravidão. Contextualizando ao tempo e ao caso do quilombo de Conceição das Crioulas, havia um interesse de manutenção dessa suposta inferioridade da sua população pelos invasores que, depois da fundação da Comunidade, chegaram ao seu território e se apossaram indevidamente de grande parte das suas terras, de acordo com o que relata a sua população, aquelas melhores e mais produtivas para a agricultura.

“O preconceito e a discriminação eram muito fortes. Os que estavam com o poder de dominar, ou seja, os fazendeiros, tentavam de diversas maneiras ‘abafar’ nossa história, nossos direitos, nossa cultura. De forma geral, a comunidade era vista como feia, atrasada, alienada. Enfim, ser de Conceição das Crioulas era muito ruim. Essa foi uma ideia construída pela nação dominante que se utilizou de visões de que a sociedade europeia era superior às outras – pensamento que, desastrosamente, durou séculos e permaneceu por muito tempo na vida das pessoas dessa comunidade.” (Nascimento, 2017, p. 68)

Em busca das respostas às suas questões, vem a constatação de que tudo que se sabia estava preservado nas narrativas orais das pessoas mais antigas da comunidade. Inicia-se, então, um processo de escrita de uma história que iria se tornar a base para a reconstrução da identidade étnica e cultural da comunidade, mas também da identidade de resistência, que mobilizou as lutas dos seus antepassados para a proteção do seu território contra a invasão dos fazendeiros.

Identidade de resistência que acompanha todo o processo de tomada de consciência do povo de Conceição das Crioulas, fortalecedora de suas lutas, e correspondendo à definição de Manuel Castells é “criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade ou mesmo opostos a estes últimos (...).” (Castells, 1999, p. 24)

A reconstrução das identidades étnica e cultural e de resistência do povo de Conceição das Crioulas é fundamentado na apropriação da história que funda a comunidade, que das narrativas orais das pessoas mais antigas da comunidade, é hoje contada nos materiais pedagógicos, nos produtos artesanais, nos jornais e nos vídeos produzidos pela própria comunidade e amplamente presente na oralidade de toda a população.

Conta o povo de Conceição que em meados do século XVIII seis negras livres chegam ao território e decidem ali se fixar, ao lado dos índios da etnia Atikum-Uma que já habitavam o local. Trabalhando no cultivo e na fiação de algodão, vendido na cidade de Flores, distante 140 km da comunidade, conseguiram levantar recursos que foram utilizados para a compra dos quase 17 mil hectares de terra. Registra-se que, posteriormente, se deu a chegada de um negro, em fuga da escravidão, e carregava com ele uma imagem de Nossa Senhora de Conceição. É

feita então uma promessa de que se a posse daquelas terras se tornasse realidade, uma capela seria erguida em homenagem à santa, então padroeira do lugar, e dá o nome à Conceição das Crioulas, ao lado da referência às seis negras fundadoras da comunidade. Na época, uma escritura definitiva, com o carimbo da Torre e com dezesseis selos, foi emitido e torna oficial a posse daquelas terras.

O conhecimento da sua história, juntamente com as evidências conseguidas no trabalho de resgate das narrativas orais leva a população de Conceição das Crioulas ao processo de autorreconhecimento enquanto comunidade quilombola, o que se intensifica no ano de 1994. Como também se inicia o reconhecimento das suas necessidades para o seu desenvolvimento e a reivindicação por uma escola com garantia do direito à continuidade da escolaridade do seu povo. A essa época, a única que havia na região somente funcionava com os primeiros quatro anos da educação básica.

No Brasil, o reconhecimento das comunidades quilombolas e da posse dos seus territórios é determinado pela Constituição Federal Brasileira de 1988. Consta do artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias <ADCT>: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.” (Brasil, 1988).

O momento contou com o envolvimento de profunda articulação do Movimento Negro, aliado à atuação de Organizações Não Governamentais <ONGs> e lideranças quilombolas, entre estas a adesão de participantes de Conceição das Crioulas no I Encontro Nacional Quilombola, realizado no ano de 1995 em Brasília.

Ser de Conceição das Crioulas adquire uma nova dimensão que se reflete na mudança da organização política e social da comunidade, sem as quais não seria possível dar seguimento aos passos já iniciados pela a conquista dos seus direitos e que irão impactar no desenvolvimento das vidas dos seus quase 4 mil moradores.

Então, enquanto se organizavam os passos para a conquista de titulação e regularização do Território, como garantido no artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias <ADCT> da Constituição Federal Brasileira de 1988, localmente as lideranças organizavam-se em conceber a escola, ainda que prédio não estivesse concluído. À época, a ideia de escola estava mais fundamentalmente associada a uma concepção e não ao prédio em si, como registrado por Givânia Maria da Silva:

“Porque tinha uma concepção de escola ali. Qual era? Que a escola era um instrumento de fortalecimento da luta da comunidade. Não era porque a escola tinha



um prédio, só simplesmente. Não era isso. Era porque tinha uma concepção. Que deve ter até uma teoria sobre isso, mas na época a teoria era nós, era o nosso fazer, era a nossa prática, era o nosso cotidiano. A gente não ia atrás de teórico pra ver como ele fez pra a gente fazer não. A gente tava diante do problema, meio que assim, e ia fazer.” (Givânia Silva)<sup>18</sup>

A escola nomeada pela comunidade, Escola Professor José Mendes, foi concebida enquanto instrumento de luta, na qual a sua população se engajara, como afirmação da sua identidade, pela conquista e proteção do seu território e na valorização da sua história. A comunidade e a escola estavam indissociadas nesse processo, inclusive as lideranças constituíam-se parte da escola seja como educadores ou educadoras, seja como estudantes. Iriam ingressar na primeira turma em funcionamento no período noturno para andamento da escolaridade aquelas lideranças que encontraram na reflexão crítica e no resgate histórico um caminho para fortalecimento da identidade quilombola.



**Imagem 05:** Entrada da Escola Professor José Mendes – foto do ano de 2010. Fotografia: Clécio Ernandes

Ao longo dessa articulação, a comunidade de Conceição das Crioulas adquire protagonismo nacional no engajamento político pelas causas quilombolas e no ano 2000 funda a Associação Quilombola de Conceição das Crioulas <AQCC>, iniciando uma série de

---

<sup>18</sup> Em entrevista concedida no âmbito da pesquisa realizada por Márcia Jucilene do Nascimento, ‘Por uma pedagogia crioula: memória, identidade e resistência no quilombo de Conceição das Crioulas – PE’. Trecho da entrevista com Givânia Silva em agosto de 2016.

parcerias para projetos que visavam o desenvolvimento do seu território e da sua população, sempre alinhado ao fortalecimento das suas lutas.

Surge em 2003 uma parceria com a Universidade Federal de Pernambuco, por meio do Projeto Imaginário Pernambucano <UFPE>:

“A atuação do Imaginário Pernambucano apoia-se, portanto, em uma metodologia participativa, a partir do entendimento de que as artesãs e artesãos são sujeitos de suas práticas; coletiva, por meio do incentivo à construção de acordos coletivos e ao reconhecimento de lideranças; individualizada, através do reconhecimento de habilidades e competências dos envolvidos; crítica, na medida em que leva artesãs e artesãos a refletir sobre o seu próprio saber artístico; e contextualizante, já que a intervenção está calcada nas necessidades, nos desejos e no respeito aos valores de cada comunidade artesã.” (Imaginário Pernambucano, 2006)

Para a comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, esta ação específica tem destaque no fortalecimento do protagonismo da mulher bem como o seu papel de importância como mantenedora dos saberes tradicionais. A forte identidade da mulher, já reconhecida na história que conta a fundação da comunidade começa a ser retrabalhada na representação das suas lideranças na proteção do território, na atividade artesanal, na educação, entre outras.

Uma parceria com a Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto inicia em 2005, o ‘Projeto Identidades – movimento cultural’ com ações no Brasil, Cabo Verde, Moçambique e Portugal. Desta iniciativa, tem destaque a criação de um coletivo audiovisual, Crioulas Vídeo, formado por jovens estudantes que vêm atuando no registro de memórias em continuidade ao processo de fortalecimento da identidade da comunidade como instrumento de luta. Outras atividades têm sido realizadas nas ações do projeto ligadas à produção artística por meio de oficinas, no trabalho com diversas linguagens.

Todos esses fazeres estão sempre associados à escola e ao processo de formação educacional da comunidade, como o que estabelece o Projeto Político Pedagógico das escolas do território quilombola de Conceição das Crioulas <PPP>, de 2016. Sendo esse o documento mais atual que sistematiza a concepção e as diretrizes para a vivência da ‘Pedagogia Crioula’, que tem raízes nas reflexões de 1995, quando da preparação para a chegada da Escola Professor José Mendes, assim chamada em homenagem a um dos primeiros professores da comunidade, nascido em Conceição das Crioulas em 1873. Legalmente, o instrumento fundamenta-se na Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho; na Lei nº 9.394/96, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, na redação dada pelas Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008; na Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014 que aprova o Plano Nacional de Educação; na Resolução nº8 de 20 de novembro de 2008/CNE que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para

Educação Escolar Quilombola; na Lei 10.639/2003 alterada pela 11.645/2008 que referendam a história África e dos povos indígenas; na Carta de Princípios da Educação Escolar Quilombola de Pernambuco.

O processo de sistematização do PPP das escolas do território quilombola de Conceição das Crioulas tem importante papel no processo de afirmação e reconhecimento da identidade quilombola. Dessa forma, o seu estágio atual expressa também as contribuições reunidas na experiência do processo de formação voltada aos educadores e lideranças da comunidade, assessorado pelo Centro de Cultura Luiz Freire, uma instituição de direito privado, sem fins lucrativos, parceira da comunidade e com sede na cidade de Olinda, estado de Pernambuco.

A questão primordial que mobiliza a luta em Conceição das Crioulas diz respeito à reconquista do seu território e o seu principal instrumento de luta é a educação, orientada nas bases da Pedagogia Crioula, como definida em seu PPP:

“A pedagogia crioula se desenvolve a partir da ideia de uma educação escolar que se baseia no fortalecimento da história e da identidade do povo de Conceição das Crioulas. Nessa perspectiva, se articula com questões simbólicas e culturais que são presentes no seio da comunidade e que expressam resistência ao sistema colonizador ao qual fomos impostos.” (Projeto Político e Pedagógico das escolas do território quilombola de Conceição das Crioulas, 2016)

A formação de professores e professoras atuantes nas escolas do território deve ser orientada pelos princípios que fundamentam a proteção e a reconquista do território, considerando que dessa maneira estarão envolvidos em um processo formativo que lhes tornarão capazes de se apropriarem da sua história, da sua identidade e cultura, e assim realizarem o trabalho pedagógico com os seus estudantes.

Também se torna indispensável a participação dos educadores e educadoras o seu engajamento no movimento quilombola e demais movimentos de luta social, no entendimento de que se fazem indispensáveis ao processo de formação política que visa à desconstrução do pensamento colonial na mentalidade e nas práticas educacionais.

Espera-se dos educadores e educadoras a participação nas ações de mobilização coletiva da comunidade, atividades temáticas, assembleias e reuniões da Associação Quilombola <AQCC>.

Em 2016, um estudo etnográfico realizado por Marta de Oliveira Antunes, no programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, ‘A terra que volta: Gerindo territórios, memórias, conflitos e normas em Conceição das Crioulas’ apresenta o amplo

processo que envolve a comunidade, a sua organização e as relações, em torno da reconquista e gestão do território.

O dia da desintrusão da Fazenda Velha, 30 de junho de 2012, é descrito de maneira que nos permite aproximar da emoção que tomou as lideranças, as pessoas da comunidade, estando perto ou longe, os parceiros da comunidade, todas as pessoas que reconhecem a luta de empreendida para a chegada desse dia foram impactadas por este momento.



**Imagem 06:** Vista de um trecho da Vila Centro, com parte da Fazenda Velha ao fundo.  
Foto: Flávio Costa



A desintrusão é a etapa em que, após reconhecimento, demarcação e a titulação das terras apossadas ilegalmente, concretiza a posse efetiva da terra de volta à comunidade, por meio judicial, com a saída dos seus invasores e eventuais ocupantes não quilombolas. Este dia marca a comunidade também no que diz respeito ao seu processo de reconhecimento, autoafirmação e pelo enfrentamento e superação da situação opressora imposta pelo pensamento colonial e, por isso, significou também libertação.

Descreve Marta Antunes:

“Doze anos após a titulação do território coletivo de Conceição das Crioulas, vinte e cinco anos após o processo de reorganização sociocultural estimulado pelas CEBs, a comunidade quilombola celebra aquela que se constrói como a primeira fazenda desintrusada, em plena Vila Centro de Conceição das Crioulas. Os relatos sobre esse momento são permeados por sentimentos traduzidos na fala de Antonio<sup>19</sup> que titula este item. A espera tinha valido a pena, a fazenda que passou pelos “maiores opressores” da comunidade, que depositava em seu espaço físico a memória da sujeição (FOUCAULT, 2005, p.32-4), da expropriação e da opressão, fora desapropriada e o dono foi “desintrusado”, retirado de onde não pertence: “Para a gente na Vila Centro aquela fazenda significava que não tínhamos conquistado ainda, tinha educação, etc., mas faltava essa fazenda” (Antonio João Mendes,

R.C.C. 09/06/2012).” (Antunes, 2016, p. 404)

A organização da comunidade previu a necessidade de criação de um Grupo de Trabalho de Gestão do Território para tratar coletivamente dos encaminhamentos após o processo de desintrusão das fazendas que, até o momento, somam-se em quatro. Nos encontros são discutidas as questões de posse interna, entre os membros da comunidade, como também das formas de uso e gestão sustentável do território que passa a ser de responsabilidade coletiva, liderada pela AQCC.

“A discussão que se seguiu aponta para o delineamento de repensar algumas normas comunitárias de gestão territorial incluindo a necessidade de priorizar entre os habitantes de Conceição das Crioulas aqueles que terão prioridade no uso das fazendas desintrusadas, considerando que a terra talvez não seja suficiente para todos que desejam utilizá-la, afinal são em torno de 800 famílias que habitam Conceição das Crioulas e o território está sendo liberado em pedaços. Isso implicaria em classificar e hierarquizar “os da luta”, “os neutros” e “os contra” em ordem decrescente de prioridade para o uso das terras que voltam, o que poderia gerar mais conflitos internos.” (Antunes, 2016, p. 408)

---

<sup>19</sup> A fala de Antonio, referida pela autora, que abre o subcapítulo integra o último capítulo da tese ‘A terra que volta’: “[...] a gente recebeu a fazenda no dia 30 de Junho, essa data vai ser inesquecível, aquele ritual governamental de ir lá pegar a chave, ali, foram uns impactos muito positivos pra gente. Soltou muitos fogos aí, fez muita zoada pra que todo mundo soubesse que a luta demora, que a luta dói, mas que os frutos surgem.” (Antunes, 2016, p. 404)

Fato é que, lideranças da comunidade apostam no potencial da escola para circulação de informações que correspondem aos reais trâmites e encaminhamentos que estão sendo conduzidos coletivamente, produzidos no âmbito do GT de Gestão do Território, para, desta forma, melhor contribuir à formação e entendimento da população à cerca desse processo e que tem nos professores e professoras importantes agentes de mediação. Marta Antunes descreve a sua observação do encontro do GT que se seguiu ao dia de desintrusão da Fazenda Velha:

“Antonio chama a atenção do potencial da “escola como ponte de informação da AQCC”, relatando sua experiência em sala de aula e como usa esse espaço para realizar “falas sobre a questão quilombola e territorial e levado falas sobre o movimento nacional”. Aponta que as “pessoas que mais fazem indagação são as pessoas que menos se espera. Eles não estão a favor porque tem a informação truncada”. Quando ele fala que “não vamos colocar indígena para fora, e eles falam que ‘foi isso que eu ouvi’. Eles pedem é mais informação. ‘E a cesta básica a gente vai ter direito ou não’?”, são algumas das perguntas. Em resposta à boataria, Antonio faz um apelo às gestoras escolares para que elas incentivem os professores e professoras quilombolas a fazerem o mesmo.” (Antunes, 2016, p. 408)

Educação com função social e política é o desejo da comunidade, que se traduz nos resultados das ações de consulta realizadas com o objetivo de compreender o que se espera da do processo de aprendizagem e construção do conhecimento atribuídas às escolas, de que maneiras se integra aos demais espaços educativos do território, e finalmente que tem finalidade e como fazê-la.

### **3.2. A função social e política da escola**

A primeira escola implantada na região, por volta de 1950, recebeu em 1970 o nome de um fazendeiro da região, sugerido por uma professora com o objetivo de homenagear o seu sogro, passando então a se chamar: Escola José Nêu de Carvalho. Funcionava com os quatro primeiros anos da educação básica – hoje chamado Ensino Fundamental (anos iniciais).

Desde essa época, somente o ano de 1995 marca a implantação da primeira escola quilombola no território de Conceição das Crioulas, voltada para o segundo ciclo da educação básica – Ensino Fundamental (anos finais). Celebrada como uma importante conquista da comunidade, por trazer as chances para continuidade dos estudos pela população que antes eram mínimas. A saída da comunidade com objetivos de estudo era algo que envolvia grandes esforços, submissões e constrangimentos. Por isso, muitas vezes ao completar aquele ciclo

inicial dos quatro primeiros anos da educação básica, era comum que os estudantes não deixassem a escola, mas seguissem repetindo o quarto e último ano para não estar fora da escola.

Os custos de uma saída para estudo fora da comunidade seriam de um investimento de ordem financeira fora das possibilidades de maior parte das famílias. Ou custaria, principalmente para as mulheres, submeter-se ao trabalho doméstico em residências localizadas na sede do município, em Salgueiro. Com isso, precisavam dividir o seu dia com trabalho e o estudo noturno. Essa realidade é narrada por pessoas da comunidade, muitas delas que na época se viram diante desta condição que lhes impunha a interrupção dos seus estudos, seguindo privadas desse direito por longos anos na incerteza de um dia retomar os estudos.

“Aqui quem queria estudar assim ia pras casas em Salgueiro, pras cozinhas dos brancos... pra poder estudar, né. O pai não tinha um meio. Então iam pra casa dos brancos trabalhar para poder estudar e tinha vez que nem conseguia estudar, por que tinha que trabalhar, né?” (Maria de Fátima Oliveira, trecho da entrevista realizada em maio de 2018)

Tradicionalmente na comunidade de conceição das Crioulas as famílias dedicam-se à agricultura e também ao artesanato, uma atividade exercida por parte da população, que trabalha desde a extração da matéria-prima para o seu trabalho na confecção de objetos, utensílios de barro e de palha de caroá. O calendário para o ano letivo das escolas leva em consideração a dinâmica que favorece à comunidade na realização das suas atividades de trabalho e ao seu envolvimento nas comemorações tradicionais, tais como a festa da padroeira e as festividades de agosto em homenagem à Santa Nossa Senhora de Assunção.

No momento da inauguração da Escola Professor José Mendes na comunidade a sua gestão foi conduzida pela liderança da comunidade Givânia Maria da Silva, que cria a opção do estudo noturno para que os estudantes trabalhadores tivessem alternativa de retomada dos seus estudos. A inauguração da escola acontece em 15 de maio de 1995 e os professores estiveram fortemente empenhados em concretizar as ideias discutidas sobre a escola pensada para a comunidade de Conceição das Crioulas como uma ferramenta para as suas lutas. A professora Márcia Jucilene descreve a experiência:

“E aí começou já nessa época um processo diferente, né, que era pesquisar as pessoas da comunidade. A gente não tinha o material. E aí, bom que a gente não tinha o material, que a gente ia pesquisar, né. Já vinha com esse pensamento de pesquisar as lideranças, as pessoas, pesquisar sua história, sua geografia, E cada área ia fazendo esse tipo de ação, né. A metodologia era a metodologia de ir atrás mesmo, de ir no local.” (Márcia Jucilene do Nascimento, trecho da entrevista realizada em maio de 2018)

Com essa experiência em curso, as lideranças quilombolas de Conceição das Crioulas, Givânia da Silva e Andreelino Antônio Mendes participam do I Encontro Nacional das Comunidades Quilombolas que acontece entre os dias 17 e 20 de novembro de 1995. No Brasil, 20 de novembro corresponde ao dia da Consciência Negra, oficialmente instituído pela lei nº 12.519, de 10 de novembro de 2011.

De acordo com Givânia da Silva, em seu estudo ‘Educação como processo de luta política: a experiência de ‘educação diferenciada’ do território quilombola de conceição das crioulas’, publicado em 2012 pela Universidade de Brasília, entre as reivindicações apresentadas na Carta do I Encontro Nacional de Quilombos, realizado em Brasília, em 1995, dirigidas ao governo federal, pelo reconhecimento dos direitos quilombolas se expressa a necessidade de uma educação diferenciada atendendo às especificidades quilombolas. Que se implemente um programa de educação básica especialmente adaptado à realidade das comunidades negras rurais quilombolas, com material didático específico e a formação e aperfeiçoamento dos professores.

Note-se que o que se destaca é a necessidade de que haja uma outra educação. Que seja específica e que inclua a diversidade cultural do contexto quilombola das comunidades que lutam pela afirmação da sua identidade cultural, valorização da sua história e pelo desenvolvimento sustentável do seu território. Que tenha como base o projeto social que representa a dinâmica que tradicionalmente foi utilizada para lidar com as suas questões considerando os seus saberes e fazeres legados das gerações que fundaram os seus territórios.

O desenvolvimento dessa caminhada no estado de Pernambuco é sistematizado por meio de uma publicação da Comissão Estadual dos Quilombos de Pernambuco e Centro de Cultura Luiz Freire <CCLF> e apresenta os princípios da Educação Quilombola, estruturada em quatorze tópicos. Em relação ao que se destaca na Carta do I Encontro Nacional de Quilombos, aqui se expressa que uma educação diferenciada para as comunidades quilombolas considera também o caráter de autonomia das suas produções pedagógicas, bem como a diversidade presente entre as diversas comunidades, o que demanda, por exemplo a existência de um Projeto Político Pedagógico que corresponda a cada realidade.

- 1) Que reafirme nossa história de resistência, nossa identidade étnica, nossos saberes e nosso jeito próprio de ensinar e aprender; Que seja presente e participativa na vida da comunidade, reconhecendo e respeitando todos os espaços onde nossas crianças e jovens aprendem e se educam como na roça, na pescaria, nas festas tradicionais, mas reuniões comunitárias, nos terreiros das casas dos mais velhos;



- 2) Uma educação escolar que fortaleça e participe da luta pela regularização dos nossos territórios tradicionais;
- 3) Que os/as professores/as sejam quilombolas, da própria comunidade, engajados na luta e pesquisadores da sua própria história e que seja garantida formação específica e diferenciada para os/s professores/as quilombolas;
- 4) Que o currículo seja elaborado pela própria comunidade garantindo os conteúdos específicos de cada quilombo e a interculturalidade;
- 5) Que eduque para o cuidado com o meio ambiente e com o patrimônio cultural presente em nossos territórios;
- 6) Que seja voltada para o desenvolvimento sustentável de nossas comunidades, para que nossos jovens permaneçam em seu território tradicional garantindo a continuidade da nossa existência e das nossas lutas;
- 7) Que o modelo de gestão e funcionamento seja de acordo com o jeito de ser e se organizar de cada quilombo;
- 8) Que a merenda seja de acordo com a cultura alimentar de cada quilombo;
- 9) Que tenha material didático escrito e ilustrado pelos próprios quilombolas;
- 10) Estrutura física adequada ao jeito de ser a geografia de cada quilombo e observando o cuidado com o meio ambiente;
- 11) Que seja garantida uma legislação específica para educação escolar quilombola, que nos assegure esse direito e principalmente que seja elaborada com a participação do movimento quilombola;
- 12) Que seja garantida a participação dos quilombolas através de suas representações próprias em todos os espaços deliberativos, consultivos e de monitoramento da política pública e de demais temas que nos interessa diretamente, conforme reza a legislação Convenção 169 da OIT, em vigor.

A Pedagogia Crioula, específica das escolas quilombolas do território de Conceição das Crioulas, está sistematizado em seu Projeto Político Pedagógico de 2016, finalizado, mas ainda não publicado. A construção do documento envolveu a comunidade durante todo o seu processo por meio de pesquisas e discussões realizadas em ações de consulta coletiva:

“Durante esse processo foram realizadas várias ações de consulta à comunidade, pesquisas, seminários, oficinas, encontros envolvendo lideranças jovens, lideranças mais velhas, pais, mães, jovens, crianças com o objetivo de identificar o que a comunidade define como Educação e Educação Escolar no Quilombo de Conceição das Crioulas.” (Projeto Político Pedagógico das escolas quilombolas de Conceição das Crioulas, 2016)

Uma ação em consonância ao que Paulo Freire recomendava aos educadores brasileiros, inspirando o campo da Sociopedagogia: “escrevam pedagogias e não sobre pedagogias”.

Registra Moacir Gadotti, em ‘A descolonização das mentes’, que a experiência de Paulo Freire na África coincide com momento do empenho à ‘reafricanização’, associado à luta pela descolonização, associado a um debate pela busca de uma outra educação que superasse a educação do colonizador nos sistemas de ensino das ex-colônias portuguesas. Com base nisso, o autor analisa:

“A libertação política não elimina a presença do colonizador. Ele continua na cultura imposta e introjetada no colonizado. O trabalho educativo pós-colonial se impõe como tarefa de descolonização das mentes e dos corações. Nesses termos, a pedagogia freiriana na libertação da África deve ser entendida como um trabalho educativo pós-colonial de superação da ideologia colonial que continua viva na cultura do ex-colonizado. Assim como é necessária a luta social para a descolonização política, também é necessária a luta por uma outra educação, libertada dos traumas.” (Gadotti & Romão, 2012, p. 92)

Sabemos, no entanto, que o pensamento colonial, junto com as suas intenções de dominação e subjugação fica introjetado também da mente das elites opressoras.

Dois anos após a conquista da Escola José Mendes, com a mudança na gestão pública municipal, em 1997, a comunidade de Conceição das Crioulas, enfrenta a descontinuidade do da sua proposta de educação diferenciada, que estava sendo vivenciada desde 1995.

A gestão escolar, legítima da comunidade, foi substituída pela gestão de uma professora que era filha de um dos fazendeiros da região, que toma medidas para tentar desarticular e desfazer todo o trabalho implantando pelas lideranças da comunidade. As professoras e professores da comunidade foram substituídos por familiares dos fazendeiros; o calendário escolar, que atendia as especificidades da comunidade foi modificado; e o ensino noturno, horário de funcionamento das turmas onde estudavam as lideranças da comunidade, foi eliminado.

Além disso, houve uma tentativa de mudança do nome da escola. E ainda entre as estratégias de desarticulação da comunidade, as novas professoras tentavam desfazer todo o processo em falas que desqualificavam a concepção de educação diferenciada construída pela comunidade.

Essa foi a tentativa de mais uma vez impor a mentalidade que justificava a existência de apenas uma escola em Conceição das Crioulas, antes de 1995. Dizia-se na época ser o bastante à educação das pessoas da comunidade, posto que não teriam mesmo como conseguir

algo além da alfabetização e com isso a elas fosse permitido do voto eleitoral. Esse período que tem duração de quatro anos é analisado pela professora Márcia Jucilene:

“Durante os quatro anos da gestão municipal muitas coisas aconteceram. O que havia sido construído foi tentado ‘apagar’. A história, os símbolos, a luta. No entanto, a memória e a consciência das pessoas ninguém consegue destruir. Dois anos de escola foram suficientes para reafirmar a identidade quilombola e fazer nascer nas mentes o desejo de manutenção do projeto que estava sendo desenvolvido. E a consciência que havia sido construída nesse pouco tempo, despertou. Os e as estudantes orgulhosas da sua história começaram a transgredir a ordem imposta pelos dominadores. Enfrentaram, foram radicais.” (Nascimento, 2017, p. 121)

Passados os quatro anos, com as novas eleições municipais, altera-se mais uma vez gestão política em Salgueiro. Com isso, a escola é novamente devolvida à gestão da comunidade, que, nesse momento, já se encontrava com maiores condições de assumir o quadro docente. Ao longo desse período várias lideranças da comunidade buscaram dar andamento e concluir as suas formações, tanto garantiram da sua vinculação oficial à escola por meio de concursos realizados pelo município.

De acordo com a professora Márcia Jucilene, a história da educação em Conceição das Crioulas é marcada em duas fases: antes da Escola Professor José Mendes e depois da Escola José Mendes.

“E aí assim, muito interessante, né, que fez com que essa escola fez o que ela é hoje pra gente, né, dá esse diferencial. Assim, antes da José Mendes e depois da José Mendes. O que ela se tornou pra comunidade, né, para trazer as discussões, para trazer as coisas que a gente não teve a oportunidade de ter, né. Começa por aí e aí começam outras lutas, pela questão do território, e depois vem a AQCC e fortalece a escola. Então... e na época era interessante porque na época a gente não sabia quem era a escola e quem era a comunidade, então era uma coisa... A liderança tava lá e fazia todo o processo, né. Como é até hoje também, né. Quem é a escola e quem são os alunos? (Márcia Jucilene do Nascimento, trecho da entrevista realizada em maio de 2018).

Nesse contexto, uma série de iniciativas e parcerias tem sido concretizadas, sempre alinhadas com a proposta que tem o reconhecimento da função social e política da escola, que se traduz na sua própria fundamentação teórica, expressa em seu Projeto Político Pedagógico, pela definição da Pedagogia Crioula:

“Podemos afirmar ainda que a pedagogia crioula além de ser fundamentada nos saberes históricos e culturais da comunidade, se articula intencionalmente com a Pedagogia de Paulo Freire, que aponta caminhos para que a educação escolar seja libertadora. Essa ideia de educação dialoga também com a Pedagogia de Fanon que trata da urgente necessidade de descolonização das mentes e das práticas. Entendemos que esse é um processo desafiador, porém essencial. Sendo assim, este pensar educacional tem a explícita intenção de efetivar direitos rompendo com ideias

eurocêtricas colonizadoras.” (Projeto Político Pedagógico das escolas quilombolas de Conceição das Crioulas, 2016)

O PPP guarda coerência com as ideias que tomavam forma antes mesmo da materialização da escola na comunidade e a preocupação com a vinculação ao território e a toda a sua dinâmica social e cultural. Oportunizar educação às pessoas que não tiveram a oportunidade de estudar ao seu tempo era uma delas, como dito por Givânia Silva:

“Então tudo aquilo que a gente discutia de que a escola devia ter uma relação com o território, ela devia buscar, absorver as pessoas que não tiveram a oportunidade de estudar à época, ela devia ter mecanismos pra contar a história da comunidade, ela devia ter uma proposta de currículo que pudesse fortalecer a identidade, e aí fizemos gincanas, fizemos várias atividades no sentido de fazer dois movimentos. Um, resgatar a história da comunidade e contar pra aqueles que nunca tinham ouvido em lugar nenhum, e ao mesmo tempo fortalecer esse pertencimento das pessoas ao território.”<sup>20</sup>

Embora o ensino noturno tivesse sido reestabelecido logo da retomada da Escola José Mendes pela comunidade, passados nove anos da fundação ainda não havia sido organizada uma turma específica para estudantes jovens e adultos que não haviam concluído a sua escolaridade.

### **3.2.1. Projeto Quilombos - Telecurso**

Como iniciativa da gestão do presidente Luís Inácio Lula da Silva, numa parceria entre a recém-criada Secretaria Nacional de Políticas para Promoção de Igualdade Racial da Presidência da República <SEPPIR>, o Instituto Multiplicar e a Fundação Roberto Marinho, surge, em 2004, o Projeto Quilombos, com o objetivo de proporcionar alternativas de escolaridade para conclusão do ensino fundamental - anos finais – e ensino médio, a jovens e adultos quilombolas, por meio do Telecurso.

A primeira fase do projeto foi realizada nas comunidades quilombolas: Kalunga, localizada na região de Teresina de Goiás e Cavalcante, estado de Goiás; Tijuacu, em Senhor do Bonfim, estado da Bahia; Castainho, Caluête, Estrela, Estivas, no município de Garanhuns,

---

<sup>20</sup> Em entrevista concedida no âmbito da pesquisa realizada por Márcia Jucilene do Nascimento, ‘Por uma pedagogia crioula: memória, identidade e resistência no quilombo de Conceição das Crioulas – PE’. Trecho da entrevista com Givânia Silva em agosto de 2016.

estado de Pernambuco; e Conceição das Crioulas, município de Salgueiro, também em Pernambuco.

A comunidade quilombola de Conceição das Crioulas teve a Prefeitura Municipal de Salgueiro como parceira participante da ação. A Fundação Roberto Marinho realizou a formação dos professores e professoras das salas de aula e o acompanhamento sistemático das atividades pedagógicas, conduzidas pela professora Francisca Marcelina e professor Sedivan Silvino de Oliveira, ambos da comunidade.

O momento da chegada do Projeto Quilombos na comunidade de Conceição das Crioulas é narrado pela professora Francisca Marcelina, como uma das lembranças da época que atuou nas salas de aula:

“Na época de formar as turmas, e aí, todo mundo queria participar desse projeto, né, começaram a ver os critérios, como era um projeto já voltado pra jovens e adultos, e aí veio a questão da distorção também idade-série. E muitos queriam fazer parte, só que na época não podia fazer, então foi visto aqueles realmente que estavam dentro desses critérios e quem queria realmente (...). E aí depois foi visto, né, ver quem tem disponibilidade de horários, pra também organizar turmas. Então na época eram duas turmas, uma turma mais só com jovens, até eu acho que a faixa etária aí de dezoito, dezenove anos, não é como que esses já eram adultos, jovens e adultos, e aí também não tinha como participar à noite, por conta do transporte escolar. Os meninos que eu acho que eles moravam mais de quinze quilômetros da escola e outros que moravam próximo, mas que também passavam o dia fazendo outras atividades, trabalhando, não podiam estudar à tarde.” (Francisca Marcelina de Oliveira, trecho da entrevista realizada em maio de 2018).

O Telecurso é uma tecnologia educacional criada em 1978, numa parceria entre a Fundação Roberto Marinho e a Fundação Padre Anchieta, que nasce com o objetivo de tornar-se uma alternativa à circulação de conteúdo educativo, primeiramente no formato de Educação a Distância <EAD>, por meio do rádio e da televisão. Possibilitava ao estudante jovem e adulto, a conclusão da sua escolaridade, de maneira autônoma, encontrando o melhor horário para realizar os seus estudos.

Desenvolve-se 15 anos mais tarde para o formato presencial, como uma proposta sociopedagógica, a Metodologia Telessala, destinada à educação básica de jovens e adultos.

Ao longo dos anos de sua implementação, realizada em escolas localizadas em 17 estados do Brasil, cerca de 6 milhões de estudantes concluíram os seus estudos. Em cada um, em cada uma, uma história de vida, a experiência da construção do conhecimento de maneira integrada, em uma comunidade de aprendizagem orientada por princípios da inclusão e da transformação social, onde a Educação é, antes de tudo dialógica, horizontal e libertadora.

O pensamento de Paulo Freire marca a concepção teórica e prática da Metodologia Telessala, assim como são significativas reflexões de outros pensadores acerca da educação na perspectiva da cultura, da diversidade, da cidadania.

“O que acontece nas milhares de salas de aula em que se faz uso dessa metodologia resulta de um conjunto de processos, métodos, procedimentos e materiais que têm raízes nas práticas desenvolvidas nas décadas de 1970 e 80 no Brasil, inspiradas em Paulo Freire, Freinet, Piaget, Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, entre outros.” (Guimarães, 2013, p.9)

O contexto histórico da criação do Telecurso reflete o período da década de 70 do século passado. O Brasil, ainda sob o regime da ditadura militar. No ano de 1970, Paulo Freire publica a sua obra *Pedagogia do Oprimido*, que inspirou muitos educadores brasileiros a fazer da Educação a sua bandeira de luta.

Muitos desses educadores estiveram envolvidos nos primeiros passos para a criação da Metodologia do Telecurso, quando o Telecurso passa a ser utilizado em sala de aula, com a presença de um professor, que se torna um agente mediador da construção das aprendizagens e mobiliza o processo de conscientização crítica dos sujeitos para a transformação da sua realidade, tornando-se protagonista de sua história.

Uma metodologia concebida na perspectiva de inclusão social, na garantia do direito à Educação e à conclusão da escolaridade básica. Voltada aos estudantes que enfrentam desafios sociais na ordem do acesso a uma educação pública e de qualidade, que se adeque às suas necessidades específicas de aprendizagem, reinvente os tempos e espaços pedagógicos, por meio de um currículo concebido com relevância às práticas sociais e culturais.

A Gerente Geral de Educação da Fundação Roberto Marinho, traz a sua experiência do trabalho educativo com base freireana, para a concepção do currículo do Telecurso na integração escola e comunidade e por isso destaca:

“O currículo é completamente aberto. Ele atende às exigências legais do Brasil, mas ele foi construído com concepções e com diretrizes que terá que incluir o contexto local, o cotidiano, a cultura local, os fazeres e os saberes. Tudo isso. Então ele é um currículo que é nacional. (...) Mas ele inclui as demandas locais e regionais. Tem que fazer isso. Por isso que tem formação de professores, por isso que tem os materiais específicos de cada projeto, pra dar conta dessa diversidade dessas localidades. E por isso que os materiais são refeitos, reescritos e por isso que a formação é continuada e o acompanhamento é sistemático. Por essas razões. Por isso que tem matriz de competências e habilidades. Porque não é pra quantidade de conteúdo, é pra qualidade do desenvolvimento das pessoas”. (Vilma Guimarães, trecho da entrevista realizada em março de 2018).

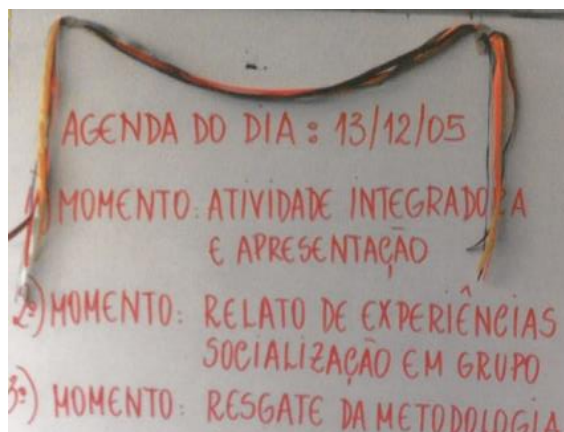
Como ações estruturantes, os momentos de Formação de Professores e acompanhamentos pedagógicos são momento privilegiados para o desenvolvimento das propostas específicas, que respondam às necessidades de cada contexto, como favorecem as trocas entre as experiências vivenciadas.



**Imagem 07:** Formação de Professores do Projeto Quilombos – módulo 3 – Atividade de Avaliação.

**Imagem 08:** Formação de Professores do Projeto Quilombos – módulo 3 – Agenda do 1º. dia.

**Imagem 09:** Formação de Professores do Projeto Quilombos – módulo 3 – Pannel da atividade de apresentação dos participantes.



A Formação de Professores do Projeto Quilombos para a Metodologia Telessala ocorreu em três momentos, sempre no início de cada módulo. Os professores de Conceição das Crioulas integravam-se à turma de professores dos quilombos de Castainho, Estivas, Estrela e Caluetê.

## **A Metodologia Telessala**

No ano de 1989, Vilma Guimarães, educadora pernambucana, na condição de Diretora do Departamento de Tecnologia e Educação da Secretaria Estadual de Pernambuco, fazia uso, em sala de aula, de programas de conteúdo educativo, por meio de vídeos. No desafio de alcance da diversidade de temas necessários ao trabalho educativo com preocupações relativas à educação para a vida e para o desenvolvimento do ser, a educadora sente falta de temáticas relacionadas à Saúde, Educação Sexual e Educação no Trânsito. Nesta ocasião articula, por meio da Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco, uma parceria com a Fundação Roberto Marinho para a produção de programas educativos.

Quatro anos depois, em 1992, Vilma Guimarães, é convidada para integrar a equipe que começaria a trabalhar na Metodologia do Telecurso, na Fundação Roberto Marinho.

Ao longo desses 25 anos, a Metodologia se constrói em um processo que envolve educadores de diversos estados do Brasil. De maneira participativa ela chega a uma sistematização, que é partilhada por meio de uma publicação, do ano de 2013, intitulada ‘Incluir para transformar – Metodologia Telessala em cinco movimentos’. Como diz a própria publicação, um livro escrito com base em outros livros, documentos, relatos orais e imagens, que resulta da escuta de muitas vozes que falam a respeito da Metodologia como uma obra coletiva, que no livro é organizada em cinco movimentos: ‘Integração’, ‘Contextualização’, ‘Socialização’, ‘Problematização e Reflexão’ e ‘Aplicação prática’.

O terceiro movimento ‘Socialização da Metodologia Telessala’, apresenta o dia a dia na sala de aula, onde estudantes e professores aprendem em círculo de maneira a propiciar a integração, o diálogo e a horizontalidade das relações.

No momento inicial da implementação do Projeto Quilombos na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, a professora Márcia Jucilene, que esteve envolvida na atividade de supervisão pedagógica, observa:

“Mas eu acho que essa metodologia ela deu um pouco do que é desconstruir essa lógica da escola, né, que é do professor que tá lá, vai ensinar e o aluno tá lá pra receber, né? Então eu acho que é meio da pedagogia de Paulo Freire mesmo, né, que é de você olhar pro outro, que todo mundo ensina, ninguém sabe nada e todo mundo sabe tudo. A gente tá lá pra ir aprendendo com o outro.” (Márcia Jucilene do Nascimento, trecho da entrevista realizada em maio de 2018)



No Telecurso, os componentes curriculares são organizados por eixos temáticos que respondem a questões filosóficas e problematizadoras:

O ser humano e a sua expressão - “Quem sou eu”?

O ser humano interagindo com o espaço – “Onde estou”?

O ser humano em ação - “Para onde vou”?

O ser humano e sua participação social - “Qual a minha missão no mundo”.

A sua concepção expressa fundamentação na pedagogia libertadora, visto que “Os eixos temáticos articulam-se para construir o sujeito que pensa, que se percebe, conhece seu entorno e nele interfere, descobre-se produtivo e vive sua condição de cidadão.” (Guimarães, 2013, p. 118)

O grupo de estudantes na sala de aula é organizado por equipes de trabalho, que contribuem para a construção de um ambiente de aprendizagem mais ético e solidário. As atividades que antes eram atribuições exclusivas dos professores passam a ser corresponsabilizadas com a turma. Na experiência com a Metodologia no Projeto Quilombos, a professora Francisca Marcelina destaca o momento do trabalho com as equipes:

“Eu usei acho que até uns dois anos atrás, três anos, que eu saí do Ensino Médio, as equipes, né. Que era uma das coisas que ajudava no trabalho da gente em sala de aula. Onde tinha aquela equipe que ia saber, né, que no final do dia iria tá avaliando junto comigo para saber o que deu certo, o que não deu certo. Tinha aquela equipe que ia ficar sintetizando, né, os acontecimentos, e aí no final, o que ia estar ali preocupado pra tá socializando.” Francisca Marcelina de Oliveira, trecho da entrevista realizada em maio de 2018).

Essa estratégia mobiliza o desenvolvimento de habilidades para a organização, as relações interpessoais, como também para o protagonismo na construção coletiva do conhecimento.

São quatro as equipes que atuam diariamente nas salas de aula do Telecurso:

“A equipe de **SOCIALIZAÇÃO** é responsável por: ajudar a criar dinâmicas de integração para o início do trabalho; realizar vivências no apoio à construção do grupo de aprendizagem; buscar soluções coletivas para problemas pessoais, criando um ambiente de confiança, integração e colaboração. [O trabalho dessa equipe favorece o desenvolvimento de competências como relacionamento interpessoal, solidariedade e compromisso com o bem coletivo.]

A equipe de **COORDENAÇÃO** contribui no planejamento e na organização das atividades, para que materiais e tempo sejam bem utilizados. Isso inclui: divulgar e cuidar da agenda do dia, verificar o funcionamento de equipamentos; distribuir livros e organizar materiais. [Essas atividades contribuem para o desenvolvimento de responsabilidades com o ambiente coletivo, de competências para organização e gestão e, ainda, de atitudes proativas dos estudantes.]

A equipe de SÍNTESE sistematiza os pontos mais importantes das aprendizagens construídas e torna-os públicos por meio de ferramentas gráficas, impressas ou digitalizadas. Cuida, enfim, da memória intelectual do grupo de aprendizagem. [Essas atividades fortalecem a capacidade de síntese e de expressão, bem como as competências de sistematização e estabelecimento de prioridades na busca dos melhores resultados.]

A equipe de AVALIAÇÃO fortalece a corresponsabilidade de todos em relação aos resultados, identificando necessidades de revisão de conteúdos e valorizando os ganhos obtidos. [Com a realização de tarefas na equipe de avaliação, o estudante exercita habilidades de observação, análise, argumentação e autocrítica.] (Guimarães, 2013, p. 61)

As atividades integradoras iniciam o dia por meio de vivências coletivas que articulam o lúdico, o científico e o poético, fortalecendo a confiança e os vínculos de comunhão, que são a base na qual se estabelecem as trocas e a ética para uma aprendizagem horizontal e participativa.

Antes do início da apresentação do conteúdo da aula em si, um momento é destinado para a problematização do tema. É neste momento em que os professores criam condições para a expressão dos conhecimentos prévios dos estudantes, integrados ao processo de construção do conhecimento, que se faz a partir da experiência de vida dos educandos e das suas histórias pessoais.

Após a exibição da teleaula, que tem duração de 15 minutos, a leitura de imagem trabalha a perspectiva da alfabetização do olhar. Inicia-se o debate na roda de conversa e o professor, enquanto mediador da aprendizagem, estimula os estudantes a comentarem: o que viram, o que ouviram e o que sentiram. Em seguida, destacam-se os tempos histórico e cronológico onde se passa ação, bem como os seus personagens e os cenários. Ao final, busca-se identificar quais os conceitos de cidadania presentes na teleaula, onde os conteúdos de cada componente curricular são apresentados contextualizados no seu cotidiano. A educadora Márcia Jucilene traz a sua reflexão sobre a maneira de organização do grupo:

“Uma das coisas importantes que a gente faz muito hoje, não só na escola, mas... porque a gente traz a comunidade pra escola, que é a roda de conversa, a forma de colocar os alunos. Todo mundo tem conhecimento (...) Essa história de você abrir a roda de conversa, onde cada um vai trazer seu conhecimento, vai trazer sua ideia, vai trazer um pouco do que você sabe, acho que tem tudo a ver com o que a gente faz aqui, né. Que é através do diálogo, né, da troca, inclusive o mestrado que eu fiz lá tem essa concepção, de troca de saberes, você vai levar o conhecimento da comunidade e fazer esse entrelace na universidade. A mesma coisa é na escola, vai ter aquele momento, né, que é o momento de trazer a teleaula, mas aquilo ali: o que é que isso tem a ver com a minha vida, o que é que isso tem a ver com a nossa história, o que é que isso vem fortalecer?” (Márcia Jucilene do Nascimento, trecho da entrevista realizada em maio de 2018)

Após esse momento, outras atividades são propostas para oportunizar aos estudantes expressarem o conhecimento construído sobre o conteúdo trabalhado, utilizando-se das diversas linguagens de expressão: cênica, musical, plástica. É momento de socialização das aprendizagens.

Uma outra abordagem metodológica chamada Memorial, acompanha toda a vida escolar do estudante, do professor e da turma. É uma produção escrita, na qual os estudantes e professores registram diariamente as suas trajetórias, a narrativa sobre o seu dia a dia, o seu desenvolvimento dentro e fora de sala de aula, o que lhe permite realizar uma autoavaliação e adquirir autonomia responsabilizando-se por suas ações e realizações futuras, mas também conscientizando-se acerca das suas transformações individuais e também no coletivo.

“Quando fruto de uma construção coletiva, o Memorial promove a reflexão do grupo sobre si próprio, reforçando habilidades de convivência e cooperação rumo a um objetivo comum, e ajudando cada um a se perceber não apenas como agente de sua própria aprendizagem, mas também da aprendizagem de todos.” (Guimarães, 2013, p. 148)

Os memoriais são compostos do caderno de anotações e uma pasta, caixa ou envelope, onde poderão ser guardados os materiais que integram o apêndice do memorial. Ou seja, tudo aquilo que não corresponde à parte escrita, mas que comporta a memória dos acontecimentos da época, como recortes de jornais e revistas, fotografias, documentos, cartas, etc.

O modo de fazer o Memorial não é definido em um padrão, mas algumas sugestões são dadas como ponto de partida, e devem ser retrabalhadas para adequação às necessidades e contexto de cada realidade.

Do caderno de anotações, sugere-se o seguinte roteiro:

<b>Memorial do estudante</b>
Índice
Quem sou eu?
Minhas responsabilidades como estudante
Minhas expectativas
Minhas anotações
<b>Memorial do professor</b>
Índice

Quem sou eu?
Minhas responsabilidades como professor
Minhas expectativas como professor
Minha metodologia
Meus esforços de aprimoramento
Minhas anotações
Como os outros me vêm
Minha autoavaliação
<b>Memorial da turma</b>
Índice
Quem somos nós?
Nossas responsabilidades como estudantes
Nossas expectativas
Registro

**Tabela 03:** Memoriais da Metodologia Telessala

O Memorial, enquanto ferramenta política, viabiliza o registro de narrativas que contribuem para o processo de cidadania e de empoderamento individual e coletivo. A sua prática reflete o processo de apropriação das memórias, fundamental ao desenvolvimento de uma consciência crítica para a transformação social.

Na sala de aula os memoriais são escritos, lidos, expostos e postos em diálogo na roda de conversa, no reconhecimento ao valor que cada história de vida tem a sua importância para a constituição da memória coletiva e identidade do grupo de aprendizagem.

Dessa maneira, a memória tem lugar no Telecurso: na produção de conhecimento; na autoavaliação, na expressão das identidades individuais e coletivas; e o seu registro e exposição realiza o direito de tornar as histórias pessoais de estudantes e professores brasileiros uma importante fonte documental de experiência de vida e de transformação social por meio da educação.

### 3.3. Memórias que inspiram lutas

Atualmente o território de Conceição das Crioulas possui quatro escolas: Escola Municipal José Nêu de Carvalho, com turmas da Educação Infantil, Ensino Fundamental - anos iniciais -, Escola Municipal Professor José Mendes, que funciona com o Ensino Fundamental - anos finais -, Escola Municipal Bevenuto Simão de Oliveira, localizada no Sítio Paula, para estudantes de Educação Infantil e Ensino Fundamental - anos iniciais - e a mais recentemente conquistada, para o Ensino Médio na comunidade, a Escola Estadual Professora Rosa Doralina Mendes, fundada em 2012, como resultado de uma série de movimentos de reivindicações pelo direito à última etapa da educação básica. Outras conquistas integram a estrutura presente em Conceição das Crioulas:

“O território quilombola é composto por trinta (30) núcleos rurais, que são denominamos de sítios, e duas vilas: A Vila União e a Vila Centro. Esta última é o principal espaço de povoação, com uma estrutura física composta de: posto de saúde, biblioteca, centro digital com internet, a Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC), posto dos correios, uma quadra de futsal, a igreja de Nossa Senhora da Conceição, símbolo da promessa, a Casa da Comunidade Francisca Ferreira e três escolas.” (Nascimento, 2017, p. 68)

No território quilombola de Conceição das Crioulas, a preservação da memória está a favor do fortalecimento sociopolítico e sociocultural da comunidade. Os seus registros, fruto da pesquisa realizada pela comunidade têm lugar nas ações de comunicação por meio do ‘Jornal Crioulas, A voz da resistência’, em atividade entre os anos de 2003 e 2005, e do coletivo audiovisual ‘Crioulas Vídeo’. Estes estão no âmbito das ações da Comissão de Comunicação da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas <AQCC>.

Além da Comissão de Comunicação, outras seis comissões temáticas representam a maneira de organização da comunidade em torno das suas demandas prioritárias:

**Comissão de Educação / responsável por:**

- Desenvolver propostas de educação específica, diferenciada e intercultural para as comunidades quilombolas e lutar por uma legislação própria.
  - Desenvolver estudos e pesquisas que divulguem a causa quilombola, valorizem a memória histórica de Conceição das Crioulas e subsidiem práticas educativas e pedagógicas para as comunidades quilombolas.
- Formada por Márcia Nascimento, Zélia Oliveira, Penha Silva, Fabiana Vencezlau, Diva Silva e Maria de Lourdes Silva

**Comissão de Patrimônio / responsável por:**

- Cuidar e preservar do patrimônio material e imaterial como forma de fortalecer a identidade do povo quilombola.

- Defender o território quilombola, cujo espaço físico exerce o seu modo de viver, fazer e criar.

Formada por João Alfredo, André Negão, José Bartolomeu (Deca), José Augusto, Seu Vicente, Seu Espedito, Cida Mendes.

**Comissão de Geração de Renda / responsável por:**

- Desenvolver ações ligadas à melhoria de geração de renda.

Formada por Valdeci Silva, Lourdinha, Evânia Oliveira, Maria dos Santos

**Comissão de Saúde e Meio Ambiente / responsável por:**

- Preservar o meio ambiente e a convivência harmoniosa com a natureza.

Formada por Bernardina Oliveira, Maria Antônia da Silva, Maria Alzira, Maria dos Santos.

**Comissão de Comunicação / responsável por:**

- Valorizar e divulgar a história de lutas de Conceição das Crioulas pela versão dos(as) próprios(as) protagonistas.

- Utilizar a comunicação como instrumento de integração da comunidade e de luta pelos direitos quilombolas.

Formada por Adalmir Silva, Fabiana Vencezlau, Jocilene Oliveira, Tico.

**Comissão de Mulheres / responsável por:**

- Promover a equidade das relações de gênero, bem como a organização de mulheres quilombolas.

Formada por Rozeane Mendes, Valdeci Silva, Maria Alzira, Lourdinha.

**Comissão de Juventude / responsável por:**

- Promover a organização da juventude quilombola, bem como os direitos das crianças, adolescentes e idosos.

- Incentivar e promover os diferentes modos de lazer e esporte para crianças, adolescentes, adultos e idosos da Comunidade de Conceição das Crioulas.

Formada por Adalmir Silva, Amando Oliveira, Fabiana Vencezlau

(Informações do site oficial da AQCC. Acesso em 04 de junho de 2018.)

As lideranças do presente e do passado, que protagonizam de alguma forma as conquistas da comunidade têm as suas histórias de vida vinculadas à própria história da comunidade e são produzidas também pelo seu engajamento por meio das narrativas produzidas na atividade artesanal.

O protagonismo feminino, desde a fundação do território de Conceição das Crioulas é reconhecido na existência de uma Comissão de Mulheres na estrutura da AQCC. A questão de gênero tem destaque entre as temáticas primordiais elencadas pela comunidade e no mês de junho de 2018 torna-se objeto de estudo da liderança quilombola Aparecida Mendes, por meio da pesquisa intitulada ‘Protagonismo feminino e perspectivas de emancipação em Conceição das Crioulas: Sustentabilidade cultural a partir do enfrentamento à violência doméstica em contextos comunitários tradicionais’, na Universidade de Brasília <UnB>.

Em análise ao conjunto que foi possível acessar em suporte digital, dos registros feitos sobre as narrativas construídas em torno das histórias de vida das lideranças e personalidades da comunidade, é sempre possível estabelecer uma relação temática a um dos Eixos Temáticos da Educação Escolar, indicados no PPP: Território, História, Identidade, Organização, Saberes e conhecimentos próprios, Gênero e Interculturalidade:

### **Território**

Nosso território é um espaço tradicional com características específicas de um grupo étnico que nele vive, que reafirma a sua identidade, fortalecendo seus costumes, tradições e valores. É um espaço de resistência, de lutas coletivas e de conquistas.

### **História**

Conceição das Crioulas, uma comunidade quilombola do sertão pernambucano com uma forte consciência política e identitária apoiada na história de luta e resistência, nos saberes dos mais velhos e em valores comunitários. O sentimento de pertencimento a essa comunidade, faz com que os descendentes das seis crioulas lutem corajosamente para defender a herança mais importante deixada por suas ancestrais, o território tradicional. Por isso a História é um eixo importante que norteia todo o fazer pedagógico.

### **Identidade**

O protagonismo de mulheres guerreiras está na alma da nossa identidade. Nossa organização, nossa luta, nossa ancestralidade, nossa história e nossa cultura. Nossa resistência nos embates diários nas lutas por direitos. Nosso jeito de ser e de viver; as nossas especificidades. O forte sentimento de pertença a uma comunidade que há quase três séculos resiste e persiste na defesa do seu projeto de vida.

### **Organização**

Os valores da partilha, da ajuda mútua e da reciprocidade são elementos presentes no jeito de viver e de se organizar da comunidade. Os mutirões, as rezas, as reuniões, as assembleias, os grupos culturais e religiosos, fazem parte da forma organizativa da comunidade. Discussões e decisões políticas referentes ao território, a educação e outros temas relacionados à vida no quilombo são tomadas em conjunto, por escola e comunidade fortalecendo um princípio importante que é ouvir a voz das lideranças.

### **Saberes e conhecimentos próprios**

Os saberes das pessoas mais velhas e os conhecimentos construídos em sintonia com a nossa ancestralidade é o que mantém viva a nossa história. Esses saberes são fortalecidos e valorizados tornando-se fundamental para a ressignificação de outros conhecimentos repassados pela escola formal.

### **Gênero**

Eixo que discute e reflete sobre as questões de gênero, num processo de desconstrução da violência contra a mulher causada, principalmente pelo machismo. Busca construir novas práticas e atitudes para que sejam garantidos os direitos das mulheres. Nesse eixo também procura-se reafirmar a história das crioulas e dar visibilidade as causas femininas. Também inicia-se um processo de discussão e de respeito a outras identidades de gênero.

### **Interculturalidade**

A interculturalidade é vista como o diálogo de culturas e como uma questão inerente às relações sociais e aos processos educativos, por isso é um ponto de valorização dentro do PPP. Compreendemos que os conhecimentos construídos por outros povos podem e devem fortalecer a nossa história, se tornando instrumento de luta para o nosso povo e de reafirmação da nossa identidade étnica e cultural.

(Projeto Político Pedagógico das Escolas Quilombolas de Conceição das Crioulas, 2016)

A seguir essa relação é analisada no âmbito das ações de Comunicação, Artesanato e Educação, organizadas pela comunidade.

### **Comunicação – O Jornal**

“Com forte cunho político ele divulga inúmeras matérias referentes às lutas e às conquistas quilombolas, especialmente, do campo educacional e territorial.” (Nascimento, 2017, p.126).

Das Edições do **jornal ‘Crioulas, a voz da resistência’** (anexos).

<b>PERSONAGEM</b>	<b>TÍTULO DA HISTÓRIA e EDIÇÃO DA HISTÓRIA</b>	<b>EIXO TEMÁTICO &lt;PPP&gt;</b>	<b>EDIÇÃO DO JORNAL</b>
<b>1.</b> As seis negras fundadoras da comunidade: Francisca Ferreira, Mendeça Ferreira, Germana Ferreira, Francisca Presidente e Francisca Mamário e Francisco José de Sá	‘Nossa História’	<b>História</b> de fundação da Comunidade / <b>Identidade</b> / <b>Interculturalidade</b>	Ano 1 – n. 1 / 2003
<b>2.</b> Agostinha Cabocla	‘A Vida de Agostinha Cabocla’, por Maria Zélia de Oliveira e Francisca Marcelina de Oliveira	Defesa do <b>Território</b>	Ano 3 – n. 8 / 2005
<b>3.</b> D. Firmiana Marcionila da Silva (Ana Belo)	‘Comunidade homenageia a sua padroeira’, por Celcia Marcelina de Oliveira	<b>Identidade</b> - Religiosidade	Ano 2 – n. 6/2004
<b>4.</b> Pedro Antônio da Silva	‘Comunidade do Pé da Serra Redireciona a sua História’, por Maria Diva da Silva e Ezequiel João da Silva	<b>Organização</b> política	Ano 2 – n. 5/2004
<b>5.</b> José Simão de Oliveira Filho	A fé vencendo a guerra, por Márcia Jucilene da Silva Rodrigues e Cícera Luzinete da Silva	<b>Identidade</b> - Religiosidade	Ano 2, n.5 / 2004
<b>6.</b> A vida de mãe Magá	Margarida Maria da Silva, por Aparecida Mendes	<b>Saberes e conhecimentos próprios</b>	Ano 1, n.1 / 2003



7. Júlia Francisca de Oliveira	A vida de Júlia Francisca de Oliveira, por Antônio Francisco de Oliveira	<b>Saberes e conhecimentos próprios</b>	Ano 1, n. 2 / 2003
8. Antônio Andreilino Mendes	A vida de Totô, por Adrelino Antônio Mendes e Adriel Vicente Dionísio	Defesa do <b>Território</b>	Ano 1, n. 3 / 2003
9. Givânia Maria da Silva	Mulheres de Conceição: exemplos de luta e coragem	<b>Identidade / Gênero</b>	Ano 2, n. 6 / 2004
10. Januário Simão	Januário Simão: coragem e resistência	Defesa do <b>Território</b>	Ano 2, n. 7 / 2005

**Tabela 04:** Histórias de Vida publicadas nas edições do jornal 'Crioulas, a voz da resistência' e a sua relação com os eixos temáticos do PPP

Embora haja um tema mais fortemente identificado na história de vida de cada pessoa, de alguma maneira, todos aqueles eixos temáticos expressos no Projeto Político Pedagógico de Conceição das Crioulas estarão relacionados a ela, visto que as histórias das pessoas da comunidade e a própria comunidade são indissociáveis.

Há ainda o eixo da interculturalidade, associado à história da fundação da comunidade, que conta que quando da chegada das seis negras, a região já era habitada pelos índios da etnia Atikum-Umã. O povo de Conceição das Crioulas reconhece o caráter intercultural, bem como os laços de consanguinidade estabelecidos com esse povo.

“(…) o que ouvimos através da memória oral dos mais velhos confirma a tese de que quando as crioulas chegaram à região, a população indígena se localizava mais próxima da área hoje demarcada como quilombola, habitando as Serras de Umã, do Urubu e do Arapuá. Sendo assim, o entrelaçamento do povo de Conceição das Crioulas com o povo indígena Atikum-Umã – residentes naturais da Serra Umã, que se localiza no município de Carnaubeira da Penha-PE e que tem parte do território que faz fronteira com o território quilombola de Conceição das Crioulas – antecede em muito tempo os dias atuais.” (Nascimento, 2017, p. 26)

Já na atividade artesanal, as narrativas das histórias de vida (anexas) são representadas por meio da confecção de bonecas feitas com a palha do caroá, que homenageiam mulheres com trajetória de destaque na liderança da comunidade. Há também a produção de saias que são bordadas com um texto que narra a história de fundação da comunidade. Os bordados também são utilizados na representação de referenciais naturais e culturais na comunidade, tal como os umbuzeiros e até mesmo as próprias imagens das bonecas.

## Artesanato

“Nosso objetivo é nos autoafirmar, é contar nossa história e, a partir desse contar, estar inserido e gerar renda. Vender para nós não é o suficiente, se trata de uma causa.” (Silva, 2006, p. 43)<sup>21</sup>

Da análise das histórias das lideranças representadas pelas bonecas de caroá (anexos), em relação aos eixos do Projeto Político Pedagógico das escolas do território quilombola de Conceição das Crioulas, a temática Gênero vincula-se a todas as histórias, sendo que outros temas se relacionam mais especificamente às personagens:

BONECA/PERSONAGEM	IMAGEM <sup>22</sup>	EIXO TEMÁTICO <PPP>
<b>1. Francisca Ferreira</b> <uma das seis negras que deu origem à comunidade>		<b>História</b> de fundação da Comunidade / <b>Identidade</b> / <b>Território</b> / <b>Interculturalidade</b>
<b>2. Lourdinha</b> <artesã e educadora notável no fortalecimento ao pertencimento étnico>		<b>Organização</b> política / Educação
<b>3. Josefa</b> <artesã e incentivadora na luta dos direitos do seu povo>		<b>Identidade</b>
<b>4. Generosa</b> <educadora e uma das líderes envolvidas na fundação da Vila União>		<b>Organização</b> política
<b>5. Madrinha Lurdes</b> <uma das ceramistas mais antigas da comunidade>		<b>Identidade</b> - Religiosidade

<sup>21</sup> Andrade, A. M. Q. & Pereira, V. (Org.) (2006). *Imaginário Pernambucano: design, cultura, inclusão social e desenvolvimento sustentável*. Recife: Zoludesign.

<sup>22</sup> Fotos 1 a 10: Clécio Ernandes. Foto 11: Ytallo Barreto

<b>6. Júlia</b> <uma das mais importantes artesãs da palha do caroa, responsável por sua permanência>				<b>Saberes e conhecimentos próprios</b>
<b>7. Ana Belo</b> <uma das artesãs que mantém viva a arte de fiar algodão>				<b>História / Saberes e conhecimentos próprios</b>
<b>8. Antônia</b> <artesã da arte de fiar algodão e uma das principais responsáveis pela transmissão dos saberes e história de Conceição>				<b>História / Saberes e conhecimentos próprios</b>
<b>9. Liosa (Emília)</b> <uma das principais referências de luta e de resistência na comunidade e importante referência ao resgate da história oral>				<b>História / Identidade</b>
<b>10. Mãe Magá</b> <uma das parteiras de referência na comunidade e transmissora do saber tradicional>				<b>Saberes e conhecimentos próprios</b>
<b>11. Valdeci</b> <liderança muito atuante na comunidade, exemplo da força e da fibra das mulheres de Conceição>				<b>Saberes e conhecimentos próprios</b>

**Tabela 05:** Histórias de Vida presente nas narrativas da produção artesanal e a sua relação com os eixos temáticos do PPP.

O artesanato é uma das principais ações no âmbito da Comissão de Geração de Renda da AQCC. A produção artesanal de Conceição das Crioulas é reconhecida por sua expressão de identidade e pela manutenção das suas técnicas tradicionais. Desde 2003, anualmente vem participando de feiras de artesanato, com destaque para a participação na Feneart, Feira Nacional de Negócios de Artesanato, considerada como a maior feira de artesanato da América Latina, que tem lugar no Centro de Convenções de Olinda, estado de Pernambuco.

Em 2006, conquista o Centro de Produção Artesanal, instalado na casa da família, numa parceria entre a AQCC e um grupo de parceiros: Oxfam, Action Aid, Centro de Cultura Luiz Freire, Prefeitura de Salgueiro, Imaginário Pernambucano, Gabinete da Vereadora Givânia Silva, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Salgueiro e Unais. O recurso para realização do projeto teve origem na doação de 25 mil libras por uma pessoa da Inglaterra.<sup>23</sup> Outras ações fruto da cooperação internacional, serviços internacionais, por meio da União Europeia e fundos nacionais fazem um ciclo de 2003 a 2014 de intensos projetos que apoiam e beneficiam o desenvolvimento da comunidade.

A Associação Quilombola de Conceição das Crioulas é referenciada no Catálogo de empreendimentos econômicos e solidários de Pernambuco, publicado em 2008, numa parceria entre a Universidade Federal de Pernambuco, o CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, NEPPS, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Políticas Sociais e Direitos Sociais e NECSO, Núcleo de Economia Solidária da UFPE.

### **Educação**

“(…) que esse currículo conte essa história, que as pessoas possam, tá dizendo a educação que quer, de que forma quer, (…) esse currículo vivo (…) de acordo com o que a gente vive.” (Francisca Marcelina de Oliveira, trecho da entrevista realizada em maio de 2018).

Desde a sua concepção em 1995, e por meio da sua educação diferenciada, o espaço da escola em Conceição das Crioulas se coloca como um lugar de produção e valorização das histórias de vidas e são objetos de pesquisas realizadas por estudantes e professores no âmbito das suas ações pedagógicas, fortalecidas pela atuação da Comissão de Educação da AQCC.

“Uma das coisas que a gente tem feito ultimamente é a história de construir os materiais, os livros. E outra coisa que é muito forte é a questão dos vídeos, né. A gente produz muitos vídeos, assim que é uma forma de contar de guardar essa memória... A gente tem um livro que fala da história de Bevenuto. Esse ano a gente começou trabalhando a história de Barnabé de Oliveira, que é uma liderança aqui de Conceição, bem velha, ele não está mais com a gente, não existe mais fisicamente, e ele contava histórias interessantes que tem a ver com o território. A gente sempre faz o trabalho com os alunos de recontar essas histórias, de pesquisar, e a conhecer e a fazer o trabalho com eles do livro que a gente tem: Nosso Território. A gente tem o livro de uma pesquisa que a gente fez.” (Márcia Jucilene do Nascimento, trecho da entrevista realizada em maio de 2018)

---

<sup>23</sup> Informações publicadas pelo Centro de Cultura Luiz Freire na plataforma CMI Brasil – Centro de mídia independente. Fonte: <https://midiaindependente.org/pt/blue/2006/10/363220.shtml>. Acesso em: 07 de julho de 2018.

O trabalho pedagógico com a história da comunidade e com as histórias de vida das suas personagens acontecem nas escolas do território quilombola de Conceição das Crioulas e por meio de projetos que envolvem toda a escola ou de maneira mais específica, em cada turma.

Das histórias de vidas trabalhadas no âmbito dos projetos pedagógicos e atividades pesquisadas, foi possível relacionar:

<b>PERSONAGEM</b>	<b>ESCOLA/AÇÃO PEDAGÓGICA</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>EIXO TEMÁTICO &lt;PPP&gt;</b>
<b>1. José Martins Mendes</b>	Escola Professor José Mendes. / Pesquisa realizada no ano de 1995.	Conversas com pessoas que conviveram com o Professor	<b>Território/ História</b>
<b>2. Bevenuto Simão de Oliveira</b>	Escola Bevenuto Simão de Oliveira / Projeto 'Através da Educação Contamos e Escrevemos a História da Escola Bevenuto Simão de Oliveira'. Ano de 2017	Pesquisa documental e Conversas com pessoas que conviveram com Bevenuto Simão	<b>Território/ História/ Organização</b>
<b>3. Maria Lurdes de Jesus</b>	Escola Bevenuto Simão de Oliveira / Projeto 'Através da Educação Contamos e Escrevemos a História da Escola Bevenuto Simão de Oliveira'. Ano de 2017	Pesquisa documental e Conversas com pessoas que conviveram com Maria de Lurdes de Jesus	<b>História/ Identidade</b>

**Tabela 06:** Histórias de Vida trabalhadas nos projetos e atividades pedagógicas e a sua relação com os eixos temáticos do PPP

Nas experiências realizadas nas escolas José Mendes e Bevenuto Simão de Oliveira, a escolha das personagens a serem trabalhadas têm relação com a importância que estas pessoas tiveram para a história da educação na comunidade. José Martins Mendes, primeiro professor negro da região, foi homenageado pela comunidade que deu o seu nome à primeira escola quilombola na região, em 1995. Em sua dissertação, Márcia Jucilene apresenta história de vida do professor, que hoje integra o acervo da Escola José Mendes:

“José Martins Mendes, conhecido como professor José Mendes, natural de Conceição das Crioulas. Filho de Martins Mendes da Silva e Maria Gomes da Silva. Nasceu em 1873. Casou-se com Antônia Mendes também de Conceição das Crioulas. Foi professor na Vila de Conceição das Crioulas durante alguns tempos. Dos seus alunos ainda existem alguns vivos como: Antônio Andreolino Mendes (Antônio Bilo), Maria Antônia da Silva e outros. Na época ainda foram professores,

Agostinho José de Oliveira; Bevenuto Simão. José Martins Mendes foi professor lecionando na Vila de Conceição das Crioulas e em outros Sítios onde as pessoas tinham um poder aquisitivo melhor e podiam pagar. Depois de cumprir sua missão árdua passou a não mais lecionar e foi trabalhar como marchante e sapateiro. Ficou viúvo, não mais trabalhou em nenhuma das profissões. Daí passou a ser animador de comunidade [...] Morreu com 84 anos. Seus marcos ficaram na comunidade. A homenagem ao seu nome pondo-o nesta escola foi uma opção como forma de preservar a memória de nossos heróis, que embora com o pouco saber deram aquilo que era de bom a nossa comunidade. Não teve nenhum vínculo com órgãos públicos, pois nessa época ser professor era um cargo muito elevado, não cabendo aos negros estarem nesse processo. A história de José Mendes para nós da comunidade é uma honra, pois mesmo não sendo reconhecido pelas autoridades da época fez a sua parte aqui na terra. Para ele e toda sua família nossas homenagens e nosso muito obrigado. Esses dados foram adquiridos em uma pesquisa feita pelos alunos da Escola Professor José Mendes como forma de resgatar nossos valores. A forma utilizada para construir essa biografia foram conversas com alguns daqueles que conviveram no mesmo tempo que ele.” (Nascimento, 2017, p. 75)

O trabalho biográfico sobre José Martins Mendes fortalece diretamente os eixos relacionados ao Território e à História. No entanto, pode-se também considerar que poderá ajudar a refletir o tema organização, já que, por meio da sua história, é possível compreender como se organizava a comunidade para realização dos seus estudos à época em que atuou como professor, bem como a importância que lhe é atribuída pela comunidade.

Em visita à Escola Bevenuto José Simões, em 10 de maio de 2018, foi possível observar uma das salas que se divide entre a função de secretaria e biblioteca. O lugar mantém expostos os trabalhos realizados do âmbito de um projeto pedagógico chamado ‘Através da Educação Contamos e Escrevemos a História da Escola Bevenuto Simão de Oliveira’, voltado para a pesquisa e preservação da história da escola e do personagem da comunidade que dá nome à escola e da primeira professora de comunidade, Maria de Lurdes de Jesus.

De acordo com a professora Francisca Marcelina, que reside no Sítio Paula, onde também funciona a escola, a realização do projeto teve a sua importância pelo registro e memória da história de vida das pessoas que fizeram parte da escola, com a sua contribuição aos marcos da história da educação na comunidade.



**Imagem 10:** Banner e maquete do projeto Através da Educação Contamos e Escrevemos a História da Escola Bevenuto Simão de Oliveira. Foto: Anna Zidanes.

No ano de 2006, o Projeto Quilombos realizou uma atividade com os estudantes concluintes das suas duas turmas para a publicação intitulada ‘Histórias que nos inspiram’, com o registro das narrativas autobiográficas. Considera-se que esta é uma ação que se vincula àquelas voltadas ao registro das histórias de vidas para a reconstrução da história e da memória da comunidade, bem como para o fortalecimento das suas conquistas e da sua identidade de resistência, realizadas no âmbito da educação, especificamente da Pedagogia Crioula.

A compreensão das dinâmicas e organização social de uma época pode ser possibilitada por meio das narrativas que compõem as histórias de vida das pessoas que vivenciaram as experiências daquele período.



### 3.3.1 Histórias que nos inspiram

Foi no âmbito do Projeto Quilombos, que primeiro se deu a iniciativa do Telecurso em registrar as histórias de vida dos seus estudantes e professores e em seguida publicá-las por meio de uma série intitulada “Histórias que nos inspiram”. Consta em seu texto de apresentação que:

“Cada história de vida, cada poesia e cada aprendizagem construída retrata com emoção, beleza e objetividade o poder transformador da Educação. Cada texto demonstra o que representou, para cada estudante que estava há tanto tempo fora da escola, voltar a estudar e concluir o Ensino Fundamental. Cada fala nos reafirma o valor da pedagogia do aprender com prazer e significado.” (Fundação Roberto Marinho, 2006)

A educação como “sinônimo de animação para a luta” (Crioulas Vídeo (Prod. e Dir.), 2008)<sup>24</sup> sempre foi uma das causas prioritárias para a comunidade de Conceição, consciente do seu valor para o desenvolvimento do seu povo, e que lhes fora por tanto tempo negada.

O reconhecimento de cada conquista tem um grande valor e é celebrado coletivamente. Entre as principais festividades da região está a festa dos concluintes:

“Acontece no final de dezembro. É um momento muito importante. Os estudantes se organizam para esse momento que representa parte da luta pelo acesso à educação, como também um ato de bravura por ser um direito conquistado que antes era negado.” (Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil, p. 8)

Na reconstrução da história de Conceição, a Educação tem um lugar importante. O acesso e a conclusão de mais um ciclo, representa uma grande conquista, principalmente aos estudantes que tiveram o seu direito negado ao longo de décadas, precisando interromper os seus estudos, muitas vezes com pouca esperança de que ainda teriam uma oportunidade. Edilson Antônio da Costa, estudante egresso do Projeto Quilombos, fala sobre o que pensava a respeito da sua vida escolar antes de voltar a estudar: “Pra mim eu não ia estudar mais né, por que eu estudei, na época era 1985, pra 2006 tem muitos anos, né.” (Edilson Antônio da Costa, trecho da entrevista realizada em maio de 2018).

Para estes estudantes, a conclusão representa resistência, determinação e enfrentamento das tantas condições que se impuseram adversas e marcam a sua vida. Por isso,

---

<sup>24</sup> Fala da Professora Penha, atual secretária da Escola Professor José Mendes, em vídeo produzido pela Crioulas Vídeo – ‘Procurando um roteiro’, 2008 - <https://youtu.be/bwXFkjwWEPc>. Acesso em 31 de maio de 2018.



conquistar o direito à Educação tem um significado muito particular, que somente os que, juntos vivenciaram, são capazes narrar, de maneira significativa, o que a experiência representou.

Maria de Fátima de Oliveira, foi uma das estudantes da sala de aula do Projeto Quilombos, tem hoje 61 anos de vida e conta que na época precisou enfrentar o marido que não concordava que ela frequentasse a escola: “Ele analfabeto, né, nem ele estudava, nem queria que eu estudasse (...). Eu digo: não, meu filho! Se você não quer estudar, deixa eu me cuidar. Mais ou menos, eu quero algum futuro melhor pela frente.” (Maria de Fátima Oliveira, trecho da entrevista realizada em maio de 2018)



**Imagem 11:** Livro Quilombos – Histórias que nos inspiram – Maria de Fátima

A professora Francisca Marcelina comenta do seu sentimento em fazer parte da conquista alcançada junto com os estudantes:

“Ali todo mundo, um sempre tava preocupado com o outro. E aí aqueles, por exemplo, é um passo a mais para as pessoas que não tinham a oportunidade de concluir o Ensino Fundamental. Às vezes até melhorou porque pode sair do índice de analfabetismo. Agora passa a ter direitos que antes não tinha, então isso é motivante pra gente.” (Francisca Marcelina de Oliveira, trecho da entrevista realizada em maio de 2018).



Francisca Marcelina  
**francisca**  
professora

Todos os dias depois das aulas, eu pensava o quanto eu aprendia com os alunos. Como era fascinante conhecer a história de cada um deles, ver as conquistas diárias e ter o privilégio de mostrar o potencial de todos eles, que estava guardado apenas por falta de oportunidade.

Eles, agora, fazem parte da minha vida, são como minha família. Espero que continuem a buscar o conhecimento, aprender e ensinar, enfim, tirar o máximo proveito das oportunidades oferecidas.

Desejo a todos muito sucesso e felicidades!

**Francisca Marcelina**  
é professora da Escola Municipal  
Professor José Mendes, na Comunidade  
Conceição das Crioulas.

**Imagem 12:** Livro Quilombos – Histórias que nos inspiram – Francisca Marcelina

São conquistas que, nas palavras de Vilma Guimarães, registrá-las tem um significado de fortalecimento do coletivo, e inspiração no Livro da Vida, ferramenta pedagógica proposta pelo pedagogo francês Célestin Freinet.

Esse é o conceito que também fundamenta a estratégia pedagógica na construção e vivência das atividades relacionadas aos Memoriais, que integram a Metodologia Telessala, desenvolvem, ainda, o processo de autoavaliação e o desenvolvimento da autonomia, da responsabilidade e da conscientização acerca das transformações individuais dos estudantes.

Ainda para Vilma Guimarães, trata-se da história dos excluídos, que estão resgatando esse direito humano, que é o acesso à educação de qualidade, que carrega valores, para que sejam sujeitos de suas histórias de seu tempo, ético, cidadão, coletivo, solidário. Isso gera impacto da dimensão individual, no coletivo e vice-versa. Ela destaca que para as famílias, a memória positiva de escolaridade impacta na história de quatro gerações, assim como influenciam histórias de escolaridade para outros estudantes, para as famílias e para os país. Conclui que cada um de nós terá uma história para contar sobre o nosso percurso educativo como estudante. Cada um de nós é um ser poderoso de memória. Podemos, ao nosso querer, fazer a gestão dessa memória, que representa várias dimensões para si e para a vida dos outros.

Esta dimensão pode ser observada na fala do estudante egresso do Projeto Quilombos, Edilson Antônio, sobre a publicação ‘Histórias que nos inspiram’:

“Eu guardo porque lembrar (...) foi uma coisa boa pra mim. Isso aqui é uma coisa que eu posso passar pros meus filhos, o que foi meu estudo. Como eu já passei. Eu já passei pra eles mostrando como foi. Hoje eles têm mais oportunidade do que eu. Porque hoje tem mais facilidade pra gente estudar. Tem carro, tem transporte, tem muita coisa. E naquela época não tinha. A gente tinha esse sacrifício todo pra fazer isso. (...) Aí eu vou guardar pra mostrar. Os meus estudam, os meus estão estudando. Eu tenho um de 14 anos e outro com 7 anos. Aí eu vou mostrar esse livro direitinho pra eles como era que foi meu estudo. Eu já falei de boca assim, mas vou mostrar isso aqui no momento exato, não sabe?” (Edilson Antônio da Costa, trecho da entrevista realizada em maio de 2018).



Edilson Antonio da Costa

# edilson antonio

edilson antonio da costa

A telessala foi muito importante, pois eu tive muita dificuldade antes, devido a ser agricultor. Agricultor, já sabe: passa o dia todo trabalhando no sol. Não conseguia acompanhar as disciplinas. Na telessala, eu consegui, tanto pela metodologia do projeto, quanto por ser só um professor.

Mudou muito a minha vida, pois eu tive a oportunidade de compreender muitas coisas em todas as disciplinas. Graças a Deus, estou terminando o primeiro grau.

O projeto foi muito importante, muitas pessoas tiveram a oportunidade para recuperar o tempo perdido.

**Edilson Antonio da Costa**  
estuda na Escola Municipal  
Professor José Mendes, na Comunidade  
Conceição das Crioulas

**Imagem 13:** Livro Quilombos – Histórias que nos inspiram – Edilson Antonio



As histórias de vida são um registro da própria história da comunidade, seus fazeres e os seus saberes, a sua identidade. No caso de Conceição das Crioulas, as histórias do seu povo afirmam a sua identidade cultural, seus saberes e fazeres, bem como assumem a resistência como um legado dos seus antepassados que se manifestam também como parte das suas lutas do presente:

“Então, assim, eu acredito que tanto essas pessoas, como por exemplo esse senhor aqui, essa senhora aqui <Maria de Fátima>, esse senhor aqui <Jeovani Sebastião> e muitos outros que estão aqui, que têm uma história de resistência, uma história de luta, assim, bonita. Então, assim, é... esse projeto, né, ele ajudou nessa questão da autoafirmação, então, que eram, na verdade, pessoas ali com histórias diferentes, com muita, muita, perseverança, que estavam ali e não desistia, não queria desistir, então que tinha um, é... sonhos, né, de tá terminando, de tá mostrando, né, pra os filhos, pra os netos, que a educação realmente ela tem valor, que não deve tá desistindo. Então acredito que como esses estudantes que fizeram parte, então muitos outros é... se inspiraram, né, pra continuar também, porque viram o exemplo desses que estão aqui, não é?” (Francisca Marcelina de Oliveira, trecho da entrevista realizada em maio de 2018).

A estudante Maria de Fátima desde pequena faz parte do grupo do Trancelim, uma dança tradicional que acompanha a música tocada pela banda de pífanos na época das novenas, nos meses de agosto e dezembro. Por meio de um projeto realizado na Escola José Neu de Carvalho, durante dois anos o grupo de mulheres do Trancelim realizava oficinas com os estudantes para ensinar a sua dança e contar a sua história. Uma maneira de resistência pela permanência cultural:

“A dança do trancelim é uma dança bem importante que a gente aprendeu. Porque assim, a gente ia pras novenas, aí quando chegava lá a gente achava que ficava tudo parado e tudo. Aí através dos tocador de pífano eles dançavam, só eles, né, aí através deles aí a gente aprendeu a brincar. (...) A gente fez um grupo mesmo e a gente já foi pra Recife, já foi pra Brasília, já andemo por vários lugares.” (Maria de Fátima Oliveira, trecho da entrevista realizada em maio de 2018)

De acordo com a professora Márcia Nascimento, essa é uma atribuição da escola, no seu papel de preservação da memória coletiva:

“A escola é um espaço de manutenção da memória coletiva e de valorização dos lugares, personagens e eventos da memória (...), através do convite a alguns desses personagens para contarem sua história ou ensinarem sua arte em sala de aula, ou na ida a suas casas para fazer pesquisa, além dos passeios organizados pelo território aos sítios arqueológicos e a lugares considerados especiais, como as pedras portadoras de segredos e mistérios.” (Antunes, 2016, p.232)

O livro ‘Histórias que nos inspiram’ foi elaborado a partir das narrativas autobiográficas de estudantes e professores, que puderam registrar a importância daquele

momento de conclusão. Há, contudo, a presença de uma dimensão social desse registro, analisado nas palavras da Professora Márcia Jucilene:

“Como a gente foi privado da questão da escrita, e também a gente é muito da oralidade, tradição oral... que eu acho muito importante a questão da escrita e você poder fazer um livro falando de você, que eu não tô sozinho, eu tô numa comunidade. Por exemplo: Fatinha aqui, tem uma foto de Fatinha, Fatinha tá em casa, né. Então, não é só a história dela, por exemplo, mas é a história do lugar onde ela vive, do ambiente onde ela vive, da cultura, do jeito. Então tudo isso aqui é história. A história da comunidade. As pessoas contam essa história através deles. E através da Educação, porque é um avanço, uma conquista, né. (...) Uma conquista que a gente não sabia se ia acontecer nunca, né. Foi só com a luta das pessoas que isso foi possível.” (Márcia Jucilene do Nascimento, trecho da entrevista realizada em maio de 2018)

Em consideração às observações dos estudantes e das professoras entrevistadas em relação à iniciativa da publicação ‘Histórias que nos inspiram’, é possível compreender que tanto o seu processo de elaboração como a sua função enquanto registro de memórias se integra à própria história de resistência e empenho coletivo pelo direito à Educação na comunidade. É possível ainda observar o reconhecimento de que por meio das histórias de vida deste grupo de estudantes e professores é possível compreender um momento específico da história da comunidade, bem como a sua forma de organização e a própria história da Educação no território.

## Considerações finais

Chega-se às últimas páginas deste trabalho considerando-se haver trilhado um caminho de articulações importantes ao entendimento das relações que aproximam o fazer da Museologia Social e da Sociopedagogia, sobretudo de representarem reformulações de cada campo correspondente, em resposta ao que demanda as realidades sociais, em sua diversidade, que gera, assim, formas particulares de museologia e de educação, enquanto produtoras de processos relevantes para a organização coletiva e reflexão crítica e para a luta frente às injustiças sociais

Fundamentadas no pensamento de Paulo Freire, tais reformulações são constituídas a partir da legitimidade na autonomia e na participação das comunidades com as quais se vinculam. Reconhecem, valorizam e fortalecem o sentido do ser e estar no mundo, em seu sentido crítico, libertador e transformador.

Ressalte-se a isso os esforços coletivos no campo teórico por avanços na quebra dos paradigmas mais conservadores e no reconhecimento da função social que compete às ações museológicas e educativas, pela promoção da justiça social e pelo desenvolvimento humano.

O objeto de estudo em questão - a experiência de educação diferenciada no território quilombola de Conceição das Crioulas - orientou a delimitação teórica e da realidade discutida, ambas conduzidas pelo o objetivo principal da investigação: reconhecer como as pessoas se apropriam das suas memórias e como isso contribui ao desenvolvimento da sua consciência crítica do mundo.

Tanto a história da fundação do quilombo de Conceição, como a sua forma de organização social viva e dinâmica, problematiza e atualiza a própria noção do conceito de quilombos no Brasil, de que sejam exclusivamente comunidades que resultaram do sucesso das fugas e insurreições, com uma história presa ao passado colonial. Foi possível reconhecer que a memória é fundamental ao processo de conscientização para a luta pelos direitos fundamentais ao desenvolvimento do seu povo, mas também da sua afirmação étnica, dos seus saberes e fazes e da sua visão de mundo em relação direta com o seu território.

Desta consciência surge o desejo de reconstrução e de resignificação das suas memórias ao presente. É vontade da comunidade a construção de um espaço de memória, um museu, que seja vivo, que seja dinâmico, que conte a sua história. O seu desejo é que esse espaço tenha lugar na Fazenda Velha, hoje desintrusada, mas que representou das mais

marcantes experiências de opressão vivida pela comunidade, que será agora instrumento de poder na afirmação de sua autonomia e liberdade:

“Como a gente trabalha na comunidade, não quer perder as nossas histórias, as nossas raízes, né? A gente tem a ideia de ter um museu. Ter um museu que contasse, que pegasse tudo aquilo que a gente já viveu, não é. Como era que a gente trabalhava, qual era o nosso material para o trabalho, os cuidados com o alimento, tudo isso. E os espaços também ser coisas vivas, né. Então trazer tudo isso pra o museu. (...) Então a gente da Associação já temos conversado que a gente tem uma necessidade de ter um museu, né. E aí como muitas pessoas ainda têm o museu, dizer que é coisa velha, aquelas coisas antigas, tudo que num... tudo que é velho vai pra um museu... Não, a gente não quer ter esse pensamento, a gente não quer ver dessa forma. E aí a gente, como temos uma casa que foi indenizada, que hoje tá na gestão da Associação, a gente queria reformar essa casa, e ser um espaço de estudo, um espaço de memória. Porque pegava tudo que a gente já tinha, da nossa história, histórias contadas, histórias escritas, que a gente a história que a gente tem escrita, é nova. Porque naquela época não se escrevia muito. Mas hoje a gente já tem muita história escrita, muitos documentos, muitas teses, muito material. (...). Então, é... o grande desejo que a gente tem, né. Temos as dificuldades, porque se tivesse o recurso financeiro, nós já tinha feito a restauração da casa e nas nossas casas mesmo tem muito material, aí perdido, parado, né, que pode tá sendo visto, num espaço, né. Muitas pessoas que não conhecem. Então como ele não tá mais com toda utilidade, ele tá jogado, Mas se tiver num espaço de memória, isso vai ser restaurado, vai ser vivenciado, as pessoas vão tá lembrando, né, como era que a gente vivia, isso seria importante... mas... É uma vontade da comunidade, né. De muitos ter esse espaço de memória. Dos nossos materiais, as nossas máquinas de costura de antigamente, a nossa panela de barro, nossas coisas todas, né. De tudo, né, memória de tudo que a gente vivia e poucos conhecem.” (Valdeci Silva, trecho de uma conversa realizada em maio de 2018)

Hoje as memórias registradas por meio das narrativas orais, presentes nas ações de comunicação – por meio da produtora Crioulas Vídeo e do jornal ‘Crioulas, A voz da resistência’, de artesanato - por meio da produção das bonecas e do bordado – e da educação – com a realização de projetos e atividades pedagógicas – integram o patrimônio de Conceição das Crioulas, e é reconhecida na comunidade pelo seu objetivo de fortalecimento da cultura e da identidade quilombola, bem como no fortalecimento do processo de formação da consciência crítica que mobiliza a sua luta.

Dessa forma, na experiência de Conceição das Crioulas, a memória favorece a coesão social, a reconstrução identitária e o autorreconhecimento, fundamentais ao processo de conscientização para a luta pela reconquista e sustentabilidade do seu território e pelos direitos fundamentais ao desenvolvimento do seu povo.

Conceição das Crioulas tem destaque pelo protagonismo feminino na articulação das reivindicações das causas da sua comunidade, mas também no movimento quilombola, em âmbito nacional. É nesse contexto que as suas lideranças fundam uma educação diferenciada, que não se limita aos muros da escola. A Educação, em sua função social e política, é extensiva



e indissociada das demais maneiras de organização da vida na comunidade, em todos os espaços do seu território, presente nas atividades de comunicação, no artesanato, no movimento social, no cultivo agrícola, nas atividades culturais, nas novenas, nos mutirões que mobilizam a comunidade para o benefício comum.

Assim, as lideranças femininas do passado e do presente são referências enquanto expressão de identidade de resistência e de disposição ao enfrentamento das imposições que lhes ameaçam naquilo que atribuem como dos mais valiosos legados da sua ancestralidade, o seu território. Ainda que o envolvimento em conflitos pudesse representar ameaças às suas vidas, a memória da luta dos seus ancestrais lhes toma de coragem para não desistir, como relata Aparecida Mendes:

“Algumas pessoas aprenderam que a gente tem que ser de paz, não tem que tá procurando encrenca. E que não procurar encrenca, não procurar confusão é ficar quietinho no seu canto, acomodado, porque Deus quer assim. Eu fui uma das que comecei a procurar encrenca (...). Mãe dizia: “fique quieta, fique fora disso”. E eu: mas meu Deus, e agora? E procurava vó, e aí vó (...): “- pois é, o meu pai já dizia que ia ser desse jeito, que ia ser desse jeito, pois vão em frente! Eu não posso mais, só posso ficar rezando mesmo, seguro nas orações, mas vão em frente!” Quer dizer, a força que o pai dela dava pra ela, ela transmite pra gente e sabe que não vai ser possível a gente reconquistar o nosso território, fortalecer a nossa cultura, transformar esses meninos em criaturas críticas sem conflito.” (Política do Impossível, Mocambos.net, Casa de Cultura Tainã (Prod. e Dir.), 2015)<sup>25</sup>

Fato é que muitas conquistas já foram alcançadas pela comunidade como resultado de suas lutas, mas há a consciência de que muito ainda precisa ser feito pelo seu fortalecimento cultural, pela sustentabilidade do seu território e pelo seu desenvolvimento.

Uma das principais reivindicações está relacionada à estrada de 41,5 km que liga a Vila Centro de Conceição das Crioulas à sede do município de Salgueiro, dos quais 27 km ainda não são pavimentados, o que implica em sérios impactos relacionados à segurança, com pessoas da comunidade já vitimadas em um grave acidente no ano de 2010, como dificulta a circulação das suas produções, insumos necessários à vida na comunidade, e ao deslocamento seus habitantes.

A lentidão no processo de desintrusão das fazendas, ilegalmente ocupadas, para a posse definitiva do seu território tornam escassos os recursos para a comunidade, como água, terra para plantio e matéria-prima para o artesanato.

---

<sup>25</sup> Transcrição da fala que integra o vídeo Voz livre – o que é ser quilombola hoje? – Quilombo Conceição das Crioulas, da série Quilombo Brasil. <https://youtu.be/DpBW02GsfNY>. Acesso em: 30 de junho de 2018.

É possível constatar, por meio dos relatos e registros em estudos realizados sobre a realidade de Conceição das Crioulas, que as conquistas sociais se alargam quando dos resultados das eleições municipais. Isso significa que a depender de que grupo político assuma a prefeitura em Salgueiro, haverá ou não abertura ao diálogo político pela busca de melhorias para a comunidade por meio da gestão municipal.

Expressivamente também se fizeram em benefícios à população uma série de políticas introduzidas por programas sociais com origem no primeiro governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que coincide com o período em que o município de Salgueiro está novamente na gestão parceira da comunidade e que algumas das suas lideranças acessam postos de representatividade.

Atualmente, com um cenário político instável a nível nacional, fruto da ameaça à democracia no Brasil, desde o *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff, seguida de tramitações aprovadas no Congresso Nacional, tal como a limitação dos investimentos em Educação e Saúde ao longo de 20 anos, por meio de Proposta de Emenda Constitucional, são concretos os impactos que já se sentem na inversão da lógica de uma política engajada com as causas sociais para uma condução neoliberal.

Finalizo este texto no dia 08 de julho de 2018, dia em que os olhos do mundo se voltam para o Brasil, na expectativa de que se faça justiça pela liberdade do Ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, levado à prisão antes do seu julgamento pela condenação de 12 anos por suposto envolvimento em corrupção, sem provas suficientes à sua condenação. O Brasil torna-se palco da violação da democracia e do Estado Democrático de direito que se realiza numa disputa no campo judicial, que desvirtualizado, atua por influências da disputa pela política nacional, deixando em nossas gargantas o grito eminente pela justiça e que hoje se traduz na força do #Lulalivre.

É um momento que, mais do que nunca, instituições, organizações, campos de produção de conhecimento, iniciativas, profissionais, comunidades, lideranças, realmente comprometidas com a função social e política das suas ações, precisam se fortalecer em suas articulações locais e globais, inclusive renovando as formas de se engajarem em um sério e urgente movimento contra as injustiças sociais e ameaça que atinge as vidas e a liberdade, bem como a possibilidade de desenvolvimento e a expressão da diversidade cultural aos povos e comunidades tradicionais, não somente no Brasil, mas em todo o mundo.

## Bibliografia

Abreu, R., Chagas, M. & Santos, M. S. dos (2007). *Museus, coleções e patrimônios: narrativas polifônicas*. Rio de Janeiro: Garamond, MinC/IPHAN/DEMU.

Andrade, A. M. Q. & Pereira, V. (Org.) (2006). *Imaginário Pernambucano: design, cultura, inclusão social e desenvolvimento sustentável*. Recife: Zoludesign.

Antunes, M. de O. (2016). *A terra que volta: Gerindo territórios, memória e conflitos e normas em Conceição das Crioulas*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, para obtenção do grau de Doutora, orientada por João Pacheco de Oliveira Filho, Rio de Janeiro. Acesso em: <http://objdig.ufrj.br/72/teses/846209.pdf> em 9 de junho de 2018.

Associação Quilombola de Conceição das Crioulas/Comissão de Educação (2016). *Projeto Político Pedagógico das Escolas do Território Quilombola de Conceição das Crioulas*. Salgueiro/PE.

Associação Quilombola de Conceição das Crioulas. *CRIOULAS, a voz da resistência*. Ano 3, n. 8, agosto 2005. Salgueiro-PE.

Associação Quilombola de Conceição das Crioulas. *CRIOULAS, a voz da resistência*. Ano 2, n. 6, dezembro de 2004. Salgueiro-PE

Associação Quilombola de Conceição das Crioulas. *CRIOULAS, a voz da resistência*. Ano 2, n. 5, agosto de 2004. Salgueiro-PE.

Associação Quilombola de Conceição das Crioulas. *CRIOULAS, a voz da resistência*. Ano 1, n. 3, novembro de 2003. Salgueiro-PE.

Associação Quilombola de Conceição das Crioulas. *CRIOULAS, a voz da resistência*. Ano 1, n. 2, agosto de 2003. Salgueiro-PE.

Associação Quilombola de Conceição das Crioulas. *CRIOULAS, a voz da resistência*. Ano 1, n. 1, abril de 2003. Salgueiro-PE.

Brasil. (1988). *Ato das Disposições Constitucionais Transitórias*. Art. 68 (ADCT). Acesso em [https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/ADC1988\\_08.09.2016/art\\_68\\_.asp](https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/ADC1988_08.09.2016/art_68_.asp) em 20 de maio de 2018.

Bosi, E. (1994). *Memória e sociedade - lembranças de velhos*. 3ed. São Paulo: Cia das Letras.

Castells, M. (1999). *O Poder da Identidade*. São Paulo: Paz e Terra.

Chagas, M. S. (2009). *A Imaginação Museal: Museu, Memória e Poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*, Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/IBRAM.

Chagas, M. S. (1989). *Preservação do patrimônio cultural: educação e museu*. Cadernos Museológicos. nº 5. contemporâneos. Rio de Janeiro: DPA.

Delgado, L. de A. N. (2006). *História Oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica.

Dosse, F. (2002). O método histórico e os vestígios memoriais. In: E., Morin (Coord.). *A Religação dos Saberes – O desafio do século XXI*. (1ª. ed., cap. 6, pp. 395-407). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Espósito, V. H. C; Noffs, N. A.; Silva, A. P. (2012). *Pedagogia Social: Currículo, memória e desenvolvimento humano*. Acesso em 19 de maio de 2018 em: <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n4v2/39.pdf>

Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*; tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA.

Fiori, E. M. (1983). Prefácio. In: *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.

Freire, P. (2006). *Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos*. São Paulo: Paz e Terra.

Freire, P. (1997). *Pedagogia da Esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (1983). *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.

Fundação Roberto Marinho. (2006). *Histórias que nos inspiram*. Coleção. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho.

Gadotti, M. (2012). *Educação popular, educação social, educação comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum*. Revista Diálogos. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: Domínio Epistemológico, vol. 18, n. 2; p. 10-32. In <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/view/3909/2386>. Acesso em 04 de junho de 2016 em <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/view/3909/2386>.

Gadotti, M. & Romão, J. E. (2012). *Paulo Freire e Amílcar Cabral: a descolonização das mentes*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire.

Gadotti, M. (2010). *A Educação como um Direito Humano*. Acesso em 27 de maio de 2018 em <http://www.gadotti.org.br:8080/jspui/>

Gadotti, M. (1996). *Paulo Freire – uma biografia*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília, DF: UNESCO, 1996.

Guimarães, A. S. A. (2008). *A recepção de Fanon no Brasil e a identidade negra*. Novos Estudos–CEBRAP. 2008, nº81, p. 99 - 114. Acesso em 12 de abril de 2018 em <http://www.scielo.br/pdf/nec/n81/09.pdf>.

Guimarães, V. (concepção e supervisão) (2013). *Incluir para transformar: metodologia Telessala em cinco movimentos*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho.

Le Goff, J. (1999). *História e Memória*. Vol. 1 – História. Lisboa: Edições 70.

Meneses, U. T. B. de (1993). *A problemática da identidade cultural nos museus: do objeto (de ação) ao objeto (de conhecimento)*. Anais do Museu Paulista. Nova série, n. 1; p. 207-309.

Leite, P. P. (2012). *Olhares Biográficos: A Poética da Intersubjetividade em museologia*. Lisboa: Marca d'Água: Publicações e Projetos.

Moutinho, M. (1993). *Sobre o Conceito de Museologia Social*. In: Cadernos de Sociomuseologia (n. 1), Centro de Estudos de Sociomuseologia, ULHT, Lisboa.

Moutinho, M. (1989). *Museus e Sociedade - Reflexões sobre a função social do Museu*. Coleção Cadernos de Património, n. 5. Monte Redondo: Museu Etnológico Monte Redondo.

Munanga, K. (1996). *Origem e histórico do quilombo na África*. In: Revista USP, São Paulo (28): 56-63, Dezembro/Fevereiro 95/96.

Nascimento, M. J. do (2017). *Por uma Pedagogia Crioula: Memória, Identidade e Resistência no Quilombo de Conceição das Crioulas - PE*. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais - MESPT, do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, para obtenção do grau de Mestre, orientada por Cristiane de Assis Portela João Pacheco de Oliveira Filho, Brasília.

Primo, J. (2009). *Museologia e património: documentos fundamentais*. Cadernos de Sociomuseologia, [S.l.], v. 15, n. 15, junho 2009. ISSN 1646-3714. Acesso em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/329> em 04 de março de 2018.

Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil (2007). *Conceição das Crioulas*. Fascículo 6. Salgueiro, Pernambuco. Brasília/DF, abril 2007.

Santos, M. C. T. M. (2009). *Entrevista ao prof. Mário de Souza Chagas*. In: Cadernos de Sociomuseologia, [S.l.], v. 18, n. 18, junho 2009. ISSN 1646-3714. Acesso em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/360> em: 04 de março de 2018.

Santos, M. C. T. M. (1995). *Processo museológico e educação: construindo um museu didático-comunitário, em Itapuã*. Tese apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Federal da Bahia de para obtenção do grau de doutora, orientada por Sérgio Coelho Borges Farias, Salvador.

Santos, M. C. T. M. (1990). *Repensando a ação cultural e educativa dos museus*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA.

Silva, G. M. da (2012). *Educação como processo de luta política: a experiência de “Educação Diferenciada” do território quilombola de Conceição das Crioulas*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), para a obtenção do grau de Mestre em Políticas Públicas e Gestão da Educação, orientada por Denise Maria Botelho.

Stornino, C., Chagas, M., Moutinho, M. & Leite, P. (2016). *Sobre a Nova Recomendação da UNESCO sobre Museus Coleções sua Diversidade e Função Social*. In: *Informal Museology Studies*. (n. 13), Lisboa: Marca D’Água. Acesso em: 16 de junho de 2017 em [https://www.researchgate.net/publication/303566241\\_Sobre\\_a\\_Nova\\_Recomendacao\\_da\\_UNESCO\\_sobre\\_Museus\\_Colecoes\\_sua\\_Diversidade\\_e\\_Funcao\\_Social](https://www.researchgate.net/publication/303566241_Sobre_a_Nova_Recomendacao_da_UNESCO_sobre_Museus_Colecoes_sua_Diversidade_e_Funcao_Social)

Varine-Bohan, H. (2014). *Entrevista de Hugues de Varine concedida a Mario Chagas*. In: *Cadernos do CEOM – Revista do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina*, Ano 27, n. 41, dez. 2004, p. 239-248.

Varine-Bohan, H. (1979). *Passado, presente e futuro dos museus*. In: *Os museus no mundo*. Rio de Janeiro: Salvat, 1979. (Biblioteca Salvat de Grandes Temas).

### **Filmes:**

Crioulas Vídeo (Produtora e Diretora). (2008). *Procurando um roteiro* [10 min]. Salgueiro: AQCC.

Crioulas Vídeo (Produtora e Diretora). (2008). *Vídeo de apresentação* [1min19seg]. Salgueiro: AQCC.

Crioulas Vídeo (Produtora e Diretora). (2008). *Açude de Conceição* [9min08seg]. Salgueiro: AQCC.

Crioulas Vídeo (Produtora e Diretora). (2008). *Serra das Princesas* [9min51seg]. Salgueiro: AQCC.

Comunidade de Conceição das Crioulas (Produtora e Diretora). (2017). *Cartão Vermelho* [7min52seg]. Salgueiro. Realizado na Oficina de vídeo do Encontro com as Artes, os Saberes e os Sabores da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas.

Comunidade de Conceição das Crioulas (Produtora e Diretora). (2017). *Belezas de Conceição* [5min09seg]. Salgueiro. Realizado na Oficina de vídeo do Encontro com as Artes, os Saberes e os Sabores da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas.

Crioulas Vídeo, Movimento Intercultural Identidades – Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto – FBAUP; Universidade Regional do Cariri - URCA (Produtores e Diretores). (2014). *Art in the Schools of the Community of Conceição das Crioulas* [15min17seg]. Salgueiro: AQCC.

Política do Impossível, Mocambos.net, Casa de Cultura Tainã (2015). *Voz livre – o que é ser quilombola hoje?* [20 min] – *Quilombo Conceição das Crioulas*. Da série Quilombo Brasil. Salgueiro/PE.

TV PUC (1997). *Entrevista Paulo Freire* [20 min] – São Paulo: PUC SP.

#### **Sites consultados:**

<http://www.cclf.org.br/>

<http://www.ccrioulas.org/>

<http://www.fenearte.pe.gov.br/>



<http://www.iber museus.org>

<http://www.koinonia.org.br/oq/>

<http://www.museudapessoa.net/>

<http://www.paulofreire.org/>

[http://www.salgueiro.pe.gov.br/munic\\_distritos.htm](http://www.salgueiro.pe.gov.br/munic_distritos.htm)

<http://www.seppir.gov.br/>

<http://www.terradedireitos.org.br/>

## **Índice Remissivo**

Autonomia – p. 14, 32, 62, 73, 89

Bosi, E. - p. 11

Chagas, M. S. – p. 14, 37, 39, 45

Coesão social – p. 13, 14, 18, 28, 44, 94

Consciência crítica – p. 16, 17, 18, 34, 35, 39, 51, 74, 93, 94

Delgado, L. de A. N. - p. 10

Democracia – p. 21, 96

Desenvolvimento humano – p. 13, 29, 93

Desenvolvimento sustentável – p. 62, 63, 80

Desintrusão – p. 46, 58, 59, 60, 95

Dosse, F. – p. 44

Ecomuseu – p. 17, 37, 38, 40, 41, 45

Educação popular – p. 17, 24, 26, 29, 30, 31, 38, 40

Fanon, F. – p. 16, 28, 30, 33, 34, 65

Fato museal – p. 37, 40, 41, 42

Freire, P. – p. 22, 24, 25, 30, 32, 33, 35, 37

Função social – p. 13, 36, 37, 39, 40, 56, 65, 94, 96

Gadotti, M. – p. 12, 17, 25, 28, 30, 31, 35

Guimarães, V. – p. 67, 68, 71, 72, 73

História de vida – p. 10, 11, 17, 18, 25, 42, 44, 51, 67, 74, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 85, 86, 88, 87, 91, 92

Identidade – p. 10, 11, 14, 21, 34, 40, 42, 43, 45, 46, 47, 53, 54, 54, 56, 58, 62, 65, 66, 67, 75, 76, 78, 79, 80, 82, 82, 84, 86, 87, 93, 96, 97

Le Goff, J. – p. 11

Leite, P. P. – p. 14, 39, 44

Memória – p. 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 26, 27, 29, 32, 33, 34, 37, 38, 43, 44, 51, 54, 55, 56, 58, 63, 65, 71, 72, 73, 76, 78, 81, 83, 84, 85, 89, 91, 92, 93, 94, 95

Meneses, U. T. B. de – p. 10

Munanga, K. – p. 20, 21

Museologia social – p. 12, 13, 14, 15, 16, 17, 28, 35, 36, 37, 39, 41, 42, 44, 93

Nascimento, M. J. – p. 55, 65, 70, 78, 80

Pedagogia Social – p. 11, 16, 24, 30

Pensamento decolonial – p. 28, 33

Santos, M. C. T. M. – p. 13, 17, 23, 43

Silva, G. M. da – p. 55, 63, 66, 80

Transformação social – p. 10, 38, 68, 75, 91

Varine-Bohan, H. – p. 35, 38

## Apêndices

Roteiros das entrevistas temáticas semiestruturadas



### ENTREVISTA COM A EX-SUPERVISORA DO PROJETO QUILOMBOS – CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS

DATA:

LOCAL:

NOME:

DATA NASC.:

OCUPAÇÃO:

1. Na sua dissertação, na transcrição das entrevistas realizadas, Givânia fala de uma nova concepção de educação que estava sendo pensada para a comunidade, a partir de 1995. Uma das preocupações era ‘absorver as pessoas que não tiveram oportunidade de estudar à época. Você teria como falar um pouco mais sobre esse contexto específico da época?
2. Você saberia dizer que alternativas foram pensadas na época para esse atendimento?
3. Você foi supervisora do Projeto Quilombos em 2006, você lembra como foi a chegada do projeto na comunidade?
4. Como era o envolvimento e a participação dos estudantes? Eles gostavam da proposta?
5. Ao final do curso os estudantes puderam escrever um pouco da sua história de vida no livro ‘Histórias que nos inspiram’. Em sua opinião, de que maneira esse momento da vida dos estudantes está ligada à história da comunidade?



## **ENTREVISTA COM A EX-PROFESSORA DO PROJETO QUILOMBOS – CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS**

DATA:

LOCAL:

NOME:

DATA NASC.:

OCUPAÇÃO:

1. Você lembra do seu primeiro dia em sala de aula como professora? Pode contar um pouco dessa experiência?
2. Há uma música chamada ‘Mulheres de Conceição’, você lembra? Ela consta na introdução da dissertação de mestrado da Professora Givânia Maria da Silva. Você é uma das autoras dessa música? Você lembra do contexto em que ela foi criada?
3. A última estrofe da música diz: ‘É por isso que defendemos uma educação diferente, que inclua nos currículos a história da gente’. Pode contar um pouco mais sobre isso?
4. Você foi uma das professoras do Projeto Quilombos, em 2006. Você lembra como foi a chegada do projeto na comunidade?
5. Como era o envolvimento e a participação dos estudantes? Eles gostavam da proposta?
6. Você lembra que a proposta do telecurso trazia uma metodologia que sugeria a vivência de alguns passos no dia a dia da sala de aula?
7. Você acha que essa proposta contribuiu para que fosse possível essa educação diferenciada?
8. De que maneira esse momento da história de vida dos estudantes, com a conclusão do Ensino Fundamental, estaria associada à História da comunidade?



**ENTREVISTA COM OS ESTUDANTES ESGRESSOS DO PROJETO QUILOMBOS –  
CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS**

DATA:

LOCAL:

NOME:

DATA NASC.:

OCUPAÇÃO:

1. Que recordações você guarda da época em que participou do Telecurso? Pode contar um pouco dessa história?
2. O que estava acontecendo na sua vida naquele momento em que decidiu entrar no Telecurso - Escola, Família, Trabalho.
3. Você lembra do seu primeiro dia em sala de aula? Alguma coisa ali era diferente em relação à última sala de aula que você havia frequentado?
4. A sua experiência com o Telecurso deixou marcas na sua história de vida pessoal?
5. Como essa parte da sua história de vida está associada à história da comunidade?
6. Durante as aulas você lembra de ter escrito sobre esta sua experiência? O que você mais gostava de registrar?
7. E sobre ter escrito um pouco da sua história de vida para livro “Histórias que nos inspiram”. O que isso representou para você naquela época? E o que representa hoje para você e para sua comunidade?

## Anexos

Jornal 'Crioulas, a voz da resistência' – Ano 1 – n. 1 – 2003

EDITORIAL

2




Foto: Vitorias Libambo

A Associação Quilombola de Conceição das Crioulas AQCC nasceu em 17 de julho de 2000, como representante máxima de Conceição das Crioulas, comunidade quilombola com aproximadamente 3.800 habitantes localizada no 2º Distrito de Salgueiro, Sertão de Pernambuco, a 550 Km do Recife. A AQCC é formada pelas lideranças das dez associações de agricultores e agricultoras da comunidade e é a detentora do título de posse do território de Conceição (16.865 hectares).

Entre as lutas da AQCC estão a regularização fundiária; educação específica e diferenciada; e desenvolvimento sustentável, a partir das potencialidades e tradições locais, sempre na perspectiva do fortalecimento da identidade quilombola. Sua estrutura contempla as Comissões Temáticas de Patrimônio; Educação, Cultura e Esportes; Geração de Renda; Saúde e Meio Ambiente; e Comunicação, compostas por pessoas da comunidade.

"Crioulas, a voz da resistência" é fruto do trabalho da Comissão de Comunicação da AQCC articulada com o povo de Conceição. Todo o processo de criação foi feito a partir da construção coletiva das seções, pautas, desenhos, diagramação. Os textos assinados são de autoria de pessoas da comunidade. O Crioulas tem como objetivos estimular a comunicação interna em Conceição; promover o encontro entre as gerações, articular as comunidades quilombolas; e dar visibilidade às suas lutas.

No próximo número, haverá uma seção "Cartas", reservada para que você leitor/a envie sua opinião/sugestão. O espaço está aberto para receber contribuições de todos e todas que estejam solidários e queiram contribuir para a causa da população quilombola no Brasil.




Foto: Flávia Costa

### A HISTÓRIA DE CONCEIÇÃO....

Segundo o relato dos moradores mais velhos de Conceição das Crioulas, no início do século XIX, seis negras livres, guiadas por Francisco José de Sá, escravo fugido, chegaram à localidade, fixando moradia e vivendo em plena harmonia com os índios da etnia Atikum, nativos da região.

As crioulas, percebendo que o solo era fértil, arrendaram uma área de três léguas em quadra (324 km quadrados) e trabalharam fortemente no cultivo e fiação do algodão. Através da venda de toda a produção, na cidade de Flores, elas conseguiram pagar a renda e, no dia 01 de janeiro de 1802, receberam a escritura de posse das terras.

As novas proprietárias trataram logo de pagar a promessa feita a Nossa Senhora da Conceição pela graça concedida: a compra das terras. Um pedaço da área foi doado pelas negras para a construção de uma capela, erguida especialmente para abrigar a imagem da santa trazida por Francisco José de Sá. Surge assim o nome Conceição das Crioulas.

### AQCC CONQUISTA SUA SEDE


Por Aparecida Mendes  
coordenadora da AQCC

A Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC) tem agora sede própria. A aquisição da casa, localizada na rua do Campo, na Vila de Conceição das Crioulas, foi possível graças à conquista do I Prêmio Banco Mundial de Cidadania no Encontro Nacional de Experiências Sociais Inovadoras realizado em Brasília, em maio de 2002.

O prêmio, no valor de cinco mil dólares, foi concedido à comunidade em reconhecimento ao projeto de valorização do artesanato desenvolvido, desde 2001, pela AQCC em parceria com a Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Cultura Luiz Freire, Prefeitura Municipal de Salgueiro, SEBRAE-PE e outras instituições.

O novo espaço da AQCC, com 10 cômodos, será utilizado no desenvolvimento de projetos voltados para o bem comum de todos os moradores de Conceição das Crioulas. A sede da AQCC está aberta de domingo a domingo.


Venha nos visitar e participe!!!



conceição das crioulas  
Iniciativa comunitária

Associação Quilombola de Conceição das Crioulas  
Caixa Postal 16 - CEP 56.000-000 - Salgueiro PE  
Telefone (0xx87) 3946.1011  
E-mail: [conceicao@conceicaodascrioulas.com.br](mailto:conceicao@conceicaodascrioulas.com.br)  
Visite o site: [www.conceicaodascrioulas.com.br](http://www.conceicaodascrioulas.com.br)

Jornal 'Crioulas, a voz da resistência' – Ano 1 – n. 1 – 2003



## Raízes de Conceição

# A VIDA DE MÃE MAGÁ

*Por Aparecida Mendes  
coordenadora da AQCC.*

Margarida Maria da Silva, a Mãe Magá, nasceu no dia 07 de janeiro de 1926 na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas. Como todas as crianças daquela época, a pequena Margarida começou a trabalhar desde cedo na roça, no Serrote das Areias, e também a ajudar sua mãe, a parteira Dominga Maria da Conceição, na hora do nascimento das meninas e meninos.

Foi assim que Mãe Magá se tornou, desde muito jovem, parteira voluntária da região. Ela conquistou o respeito de todos pela forma com que tratava suas pacientes e filhos, e abraçou a causa com tanto carinho e dedicação, que passou a ser considerada uma verdadeira médica. Mãe Magá tinha tanta prática que era capaz de prever se haveria ou não necessidade de um médico na hora do parto.

Quando as mulheres de Conceição das Crioulas estavam próximas de ganhar neném, Mãe Magá pedia para que elas tomassem muitos banhos, chás e utilizassem defumadores de plantas naturais, tudo para facilitar o parto. Muito religiosa do catolicismo, ela fazia também o ritual das orações, se fortalecendo na fé para que tudo fosse bem sucedido naquele momento tão delicado.

Sempre que os compadres, os pais das crianças, batiam na porta de Mãe Magá, lá ia ela, independente da hora e da distância, ajudar mais um filho a nascer. Em troca recebia "Deus lhe Pague" e o respeito de todos da comunidade. Clientes da luta de Mãe Magá, que ficou viúva muito nova, e precisou criar seus dois filhos e suas duas filhas, sozinha, alguns moradores organizavam mutirões para limpar o seu roçado na época do inverno, já que a maior parte do seu tempo era dedicado às mulheres grávidas de Conceição.

Além de parteira, Mãe Magá gostava dos animais domésticos e das árvores. No local onde era sua casa, encontramos até hoje pereiros com o caule em forma de corda. Segundo Mãe Magá, o trançado que ela fazia deixava a árvore mais forte e a sombra mais bonita.

Também conhecida na comunidade como Mãe de Todos, Mãe Magá faleceu no dia 10 de janeiro de 1995. Ela não está fisicamente entre nós, mas ficará para sempre em nossos corações e em nossa lembrança. Nós, moradores de Conceição das Crioulas, a amamos muito e somos eternamente gratos a Deus por ter colocado esta criatura tão marcante no nosso meio.



TEMPOS DEPOIS...

Está vendo aqueles animais? Eles fazem xixi e cocô e contaminam a água trazendo doenças para os moradores de Conceição das Crioulas.

É mesmo, nós temos que dizer às pessoas que não deixem os animais soltos perto dos caldeirões e dos açudes.

É tem mais! A gente não deve tomar banho no açude.

É, nós temos que dizer aos nossos filhos que não tomem mais banho por lá, nem com sabonete, nem sem sabonete.

Maria, de onde é essa água que você tá carregando?

É do açude.

Vixe! Água do açude! Deixa eu provar um pouco.

É boa?

É, agora que ninguém mais polui a água do açude, o gosto tá muito bom.

7



Jornal 'Crioulas, a voz da resistência' – Ano 1 – n. 2 – 2003

# Raízes Quilombolas




Foto: Eupídio Suassuna

## A VIDA DA ARTESÃ JÚLIA FRANCISCA

Por Antônio Francisco de Oliveira  
secretário da AQCC

Júlia Francisca de Oliveira nasceu no dia 10 de setembro de 1930 no Sítio Serrote, na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas. Aos vinte anos de idade por um rapaz, Francisco Vicente de Oliveira, Júlia simpatizou-se e com ele casou. Viveram em harmonia e construíram uma família composta por: Vicente, Maria, Joana, José, Francisca, Antônio, João, Otacília e 24 netos. Ajudou seu esposo, sua família no que foi possível. Em 1987, com a morte de seu Francisco Vicente, Júlia se tornou mãe e pai ao mesmo tempo.

De espírito acolhedor, Júlia Francisca sempre deu abrigo a quem precisou. Ela assumiu a responsabilidade de cuidar da família de seu irmão José Alfredo da Silva, após o falecimento de sua esposa, acolhendo em sua residência José e seus três filhos. Para todos os problemas ela procurava soluções e encontrava meios e nunca teve o desprezo de cuidar dos idosos até a morte, como: esposo, pais, sogros, cunhadas e irmãos.

Filha de uma família humilde, Júlia foi mulher da roça, cultivava feijão, milho, batata doce, mamona, e muito cedo também se dedicou ao artesanato. Entre os produtos que criava com a fibra do caroa, planta fina e alta típica da região, destacam-se o saco, a corda e o borná, tipo de mochila onde os agricultores carregam comida, fumo e utensílios para passar o dia trabalhando na roça. Na medida que Júlia praticava seu trabalho, seu conhecimento era passado para seus filhos e outras pessoas da comunidade.

Em 1996, a mãe Júlia participou de oficinas com o apoio do Governo Municipal de Salgueiro e seu trabalho começou a evoluir. Mas foi a partir de 2001, após a realização em Conceição das Crioulas de diversas modalidades de oficinas pelo pessoal da universidade, que seu trabalho obteve o sucesso desejado. Sua arte foi tendo visão mundial e os consumidores perguntavam se havia a possibilidade de criar e produzir novos modelos.

Com isso, o artesanato de Conceição foi sistematizado e enriquecido e nossos produtos reconhecidos em nível internacional. Júlia foi uma personagem que deixou sua marca no artesanato local e uma semente plantada na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas. Hoje, existe um grupo bem maior de artesãs e artesãos capacitados, produzindo com eficiência modelos variados.

Por ter sido uma mulher batalhadora, construtora, honesta e digna, ela era querida na comunidade. Mãe Júlia ou Tia Júlia, como era conhecida, faleceu no dia 07 de maio do ano de 2002, na cidade de Salgueiro, em Pernambuco.

Mensagem para Júlia Francisca de Oliveira

"No dia que você nasceu todos sorriam, só você chorava. No dia que você morreu todos choravam, só você sorria".

De seu filho Antônio



Francisca Ferreira      Lurdinha      Josefa      Generosa      Lurdes

7

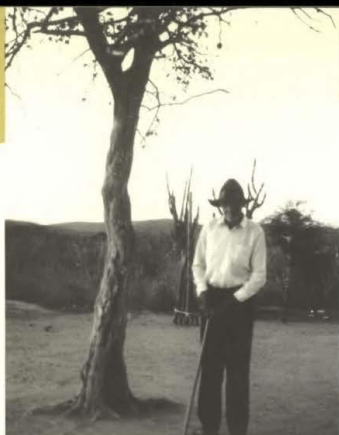


Foto: Cleide Selma

### A VIDA DE TOTÔ

Por Andrelino Antonio Mendes e Andrelino Vicente Dionísio

Antonio Andrelino Mendes, nasceu no dia 02 de Janeiro de 1914, no sítio Areias em Conceição das Crioulas, era filho de Andrelino Martins Mendes e Salviana Maria da Conceição. Seus pais eram agricultores e desde pequeno Antonio trabalhava na roça. Conhecido entre os mais velhos como Antonio Bilo, e entre os mais jovens como Totô, Antonio tinha cinco irmãos: Vitalina, Bernadina, Francisco, Maria Izidória e José Viana.

Quando Antonio ainda era jovem seu pai faleceu e os irmãos, Vitalina, José e Francisco casaram-se. Maria Izidória foi morar na casa de um irmão do pai e nunca se casou. Ficou em companhia de Salviana apenas Bernadina e Antônio, que durante muito tempo cuidou das duas. Salviana, antes de morrer, pediu a Antonio que cuidasse da irmã. Depois de alguns anos, Antonio, casou-se com Maria Joana; mas nunca deixou a irmã sozinha.

Antonio e Maria tiveram dois filhos, Andrelino Antonio Mendes e Maria das Graças. Antonio, ainda era jovem e queria muito estudar, mas não havia professor, então o irmão de seu pai, José Mendes, que era contratado para ensinar os filhos de alguns fazendeiros na região, passou a ensiná-lo.

Com o conhecimento que adquiriu Antonio acabou se tornando uma liderança de Conceição, juntamente com sua prima Augustinha Maria, também conhecida por Augustinha

## Raízes Quilombolas

Caboca, que teria guardado durante algum tempo a escritura das terras de Conceição das Crioulas. Augustinha confiava muito em Antonio e ele teria tido acesso à escritura.

Na década de 40, Antonio começou a perceber o interesse de determinados fazendeiros e políticos que queriam se apropriar das terras de Conceição. Então passou a enfrentá-los, juntamente com seu irmão José Viana. Eles não se calavam diante do que estava ocorrendo naquele momento, pois os fazendeiros estavam se apropriando das terras de forma ilícita e por não ficarem calados foram ameaçados várias vezes.

Alguns familiares chegaram a criticar as atitudes de Antonio pedindo para que ele se calasse. Hoje, um certo pedaço de terra do centro de Conceição, nas imediações do campo de futebol só não foi cercado pelos fazendeiros por que ele não permitiu.

Além da luta para que as terras não fossem tomadas, Antônio tinha preocupação com o meio ambiente, sua terra nunca foi desmatada completamente para o plantio, porque segundo ele, toda roça tinha que ter um pedaço de mata para que os animais silvestres pudessem viver e determinadas plantas e árvores sempre fossem encontradas.

Antônio adorava contar histórias sobre Conceição das Crioulas e sobre seus antigos moradores para os mais jovens e adorava citar provérbios, os que mais gostava eram os seguintes:

Para os casados...

"Quem tiver seu passarinho! Segure! Porque se ele voar e cair em outra gaiola é difícil de voltar"

Para reflexão...

"A gente tem que pensar e dispensar"

"Conceição é como um laranja doce. Os brancos chuparam o sum(suco) e deixaram o bago para os negros"

"Aquilo que não te serve por sete anos; guarde por mais sete"

Antonio Andrelino Mendes, faleceu no dia 19 de Junho de 1998, seu maior sonho era ver Conceição desenvolvida e ele não mediu esforços para ajudar nossa comunidade.

Jornal 'Crioulas, a voz da resistência' – Ano 2 – n. 6 – 2004

# Raízes Quilombolas

## MULHERES CRIOULAS: EXEMPLOS DE LUTA E CORAGEM

Ao longo da história de Conceição das Crioulas, as mulheres se destacaram através da inteligência, coragem e determinação, qualidades essenciais no processo de construção, desenvolvimento e, sobretudo, na preservação de nossos valores, costumes e tradições.

Inicialmente, analisemos o papel daquelas seis mulheres que, em meados do século XVIII aqui chegaram e com muita união conquistaram esse espaço, plantando, beneficiando e vendendo algodão na cidade de Flores/PE. Essa garra tem-se estendido de geração em geração.

Podemos citar o exemplo de Agostinha Cabocla, mulher corajosa e cheia de estratégias que lutou incansavelmente contra a invasão de nossas terras, inclusive para defender o documento (registro) de nossas terras, que devido o seu grande valor era bastante perseguido pelos fazendeiros. Uma estratégia usada por ela para esconder o documento era colocá-lo em cabaças e entregar a pessoas de sua confiança, porque ela sabia que se os invasores pegassem-no podia falsificá-lo ou até mesmo destruí-lo.

Margarida Dominga (Mãe Magã), além de ser líder religiosa, dedicou-se a salvar vidas. Parteira muito experiente, não media esforços e nem distância para socorrer as mulheres que se encontravam em trabalho de parto.

Atualmente, existem várias mulheres que são destaque por estarem presentes na luta por uma Conceição melhor. Entre tantas outras citamos: Joana Joventina e Maria Auxiliadora, parteiras e benzedoras; Generosa, Maria Antonia e Eunice, líderes religiosas e comunitárias; Cecília Maria da Conceição e Maria de Lourdes da Conceição, mães, agricultoras, donas de casa e ex-professoras, esta última artesã. As nove artesãs que confeccionam as dez bonecas: Maria Emilia (D.Liosa), Firmiana Marcionilia (Ana Belo) e D.Antonia historiadoras; Júlia Francisca, artesã; Josefa Maria (Zefinha) e Lourdinha, lideranças e artesãs; Generosa, artesã; D.Lourdes, artesã; Francisca Ferreira, uma das seis primeiras crioulas; Mãe Magã, parteira (personagens históricas da comunidade); Aparecida Mendes, Márcia Jucilene, Fátima de João Pedro, Maria Diva, Roseane, Valdecil Silva, Maria de Lourdes da Silva e Maria Zélia e muitas outras têm dado sua contribuição no processo de desconstrução de conceitos discriminatórios e pejorativos e na construção de uma comunidade mais desenvolvida e conhecida no cenário regional, nacional e até mesmo mundial.

Nesse contexto precisamos dar ênfase à participação de Givânia Maria da Silva. Ela foi a primeira mulher de Conceição das Crioulas a ter um curso superior e a envolver-se diretamente na política partidária. Por indicação das lideranças da comunidade, foi candidata a vereadora, sendo eleita duas vezes consecutivas. Ela é também integrante da CONAQ (Coordenação Nacional das Comunidades Quilombolas). Através da sua atuação, tem conseguido divulgar a causa quilombola em todo o país, bem como sensibilizar os governos (municipal, estadual e federal) e ONG's de todo o Brasil a investirem na comunidade.

Compreendemos que passos importantes foram dados, porém muito falta para termos a comunidade que queremos. A luta da nossa ancestralidade feminina nos inspira a cada dia e continuamos acreditamos nas mulheres do presente e na nossa força mobilizadora para que juntas possamos concretizar os nossos anseios.

Por Maria Diva da Silva Rodrigues e Márcia Jucilene do Nascimento, educadoras da comunidade

Fotos: Arquivo AQCC





Jornal 'Crioulas, a voz da resistência' – Ano 2 – n. 5 – 2004

# Raízes Quilombolas

## A FÉ VENCENDO A GUERRA

José Simão de Oliveira, filho de Simão Dias de Oliveira, conhecido popularmente como Zê Simão, homem da roça e de grande fé, nasceu aproximadamente no final do século XVIII. Era casado com Maria do Ó e com ela teve quatro filhos: Agostinho Simão, Guilhermina, Bevenuto Simão (Pai Nuto) e Joana do Ó. Com a pouca leitura que tinha, ensinava filhos, netos e sobrinhos mais próximos.

Zê Simão era o chefe de todos os festejos religiosos da comunidade, era muito rigoroso e pontual nos seus compromissos, sobretudo quando se tratava dos horários das novenas. Se o povo demorasse a chegar, ele começava a rezar sozinho às 19h em ponto. Não esperava nem por sua esposa que o ajudava na reza.

Ele era também o dono da banda de pifanos. Tocava pifano juntamente com Vicente Simão, Januário Simão, Belarmino de Oliveira e Antônio Domingo. Além de tocador de pifano e chefe das novenas, era um homem guerreiro. Na guerra dos Urías contra os Simão, no início ficou de fora, mas quando soube que os adversários o haviam insultado, se revoltou e foi à luta, só que sua guerra era diferente. Enquanto uns pegavam nas armas, ele estava ao lado com um rosário na mão rezando e encorajando os demais para a luta.

Zê Simão morreu, mas com certeza deixou conosco a sua coragem, resistência e principalmente a sua crença de que dias melhores virão.

*Por Márcia Jucilene do Nascimento e Cícera Luizinete da Silva, educadoras da comunidade.*

Foto: arquivo ZQCC

7

Jornal 'Crioulas, a voz da resistência' – Ano 2 – n. 6 – 2004

## Educação, Arte e Cultura

### PONTO DE CULTURA BENEFICIARÁ JUVENTUDE QUILOMBOLA

*A AQCC tem investido bastante na mobilização de recursos humanos como também financeiros. Preocupada para garantir um futuro melhor para a juventude quilombola, elaborou um projeto intitulado: "Jovens quilombolas: voz e resistência", aprovado no mês de agosto deste ano pelo Ministério da Cultura através da Secretaria de Programas e Projetos Culturais.*

Esse projeto tem, entre outros objetivos, o de qualificar jovens de Conceição das Crioulas nas áreas da produção cultural e da comunicação, possibilitando o domínio da tecnologia como ferramenta auxiliar para criar, tratar, construir espaços de expressão próprios e difundir por meios da comunicação produtos e informações que tenham relevância para as comunidades. Também promover o intercâmbio e a articulação entre a juventude das comunidades quilombolas de Pernambuco.

O projeto beneficiará aproximadamente cem jovens entre 14 e 26 anos. Serão realizadas oficinas de: Introdução à informática, à produção cultural e à comunicação; Produção de impresso; Vídeo; Radialismo e Música. Todas as oficinas oferecidas terão transversalidade com as questões de gênero, etnia, geração, meio ambiente e defesa dos direitos humanos.

A instalação de um ponto de cultura na comunidade, ação proposta neste projeto, possibilitará que a juventude tenha mais acesso ao mundo digital, tanto no âmbito técnico/físico quanto intelectual.

As parcerias para esse projeto são Centro de Cultura Luiz Freire; Projeto Imaginário Pernambucano (UFPE); Canal 03 Comunicações Comunitárias; Centro das Mulheres do Cabo; EdeTec-Media Sana.

Por Márcia Jucilene do Nascimento e Maria Zélia de Oliveira,  
Educadoras da Comunidade

#### PENSE NISSO

"Quando a mente muda a gente anda pra frente. Quando a gente muda ninguém manda na gente." (Gabriel, o Pensador).

### COMUNIDADE HOMENAGEIA SUA PADROEIRA.

*Entre os dias 29 de novembro e 08 de dezembro, realiza-se em Conceição das Crioulas homenagens a Nossa Senhora da Conceição, padroeira da comunidade. Cada uma das novenas realizadas durante o festejo é organizada por uma família. No dia 08 é celebrada uma missa, em seguida acontece a procissão em que as pessoas vão da Vila Centro à Vila União e retornam a igreja.*

Dona Firmiana Marcionilla da Silva, popular Ana Belo, hoje com 82 anos de idade, conta como acontecia. "Seu José Simão e Vicente Simão eram os encarregados da organização das noites de novenas. Com a morte de seu José Simão, o seu filho Firmino assumiu a responsabilidade juntamente com o seu tio Vicente Simão. Após o falecimento de Firmino e Vicente, Seu Virgínio e seu José Tomás continuaram a tradição.

Dona Ana Belo conta ainda que, quando era criança, não tinha igreja. As novenas eram realizadas em uma casa (antiga Casa de Oração, hoje a rua 13 de Maio).

As novenas sempre eram acompanhadas da banda de pífano. As rezadeiras que sempre acompanhavam seu Zé Simão eram: Maria Solona, Dona Dominga, Maria Sabina, todas da comunidade. Na última noite de novena vinham rezadeiras de outros lugares.

"No tempo em que eu era jovem, as novenas eram mais animadas", conta Dona Ana. Seu Zé Simão, o noiteiro da última novena, passava a noite toda fazendo café para as pessoas. De madrugada, rezava o ofício Nossa Senhora da Conceição e de manhã tinha a procissão, passando em todas as casas. Quando estava perto do período das novenas, as pessoas saíam nas casas, juntamente com os tocadores rezando e pedindo esmola.

Houve uma época que uma determinada família, moradora da região, fez uma promessa com Nossa Senhora da Conceição. Quando a imagem chegou era Nossa Senhora da Assunção, então essa família queria tirar a festa de Nossa Senhora da Conceição. Mas a comunidade de Conceição reuniu-se e não aceitou o pedido de acabar os festejos. Resolveram, assim, festejar as duas Santas.

Antes, a festa era calma. Tinha apenas a reza e o batido dos instrumentos da banda de pífano. Bevenuto Simão não sabia ler, então ele apenas coordenava as equipes responsáveis pelas novenas.

Dona Ana Belo hoje é responsável por uma noite de novena dada por Bevenuto Simão. Ele achava que ela tinha capacidade de assumir essa responsabilidade, pois estava sempre presente nas novenas desde criança. Sua noite é a terceira.

Esses festejos são muito importantes para a comunidade, pois além de ser a festa da nossa padroeira, é mais um símbolo de resistência desse povo. Nem o tempo, nem as marcas da escravidão conseguiram acabar com sua força e o seu desejo de liberdade.

Por: Cécilia Marcelina de Oliveira  
Educadora da Comunidade

Jornal 'Crioulas, a voz da resistência' – Ano 3 – n. 1 – 2005

## Raízes Quilombolas

### JANUÁRIO SIMÃO: CORAGEM E RESISTÊNCIA

Januário Simão, como era conhecido por todos (as), era uma das lideranças mais corajosas da comunidade. Ele fazia parte da Banda de Pífano e era um dos componentes do grupo que batalhavam em defesa da posse da terra. Além dele, havia muitos outros, por exemplo: Pedro Zacarias, Antonio Domingo, Joaquim Domingo, Antonio Quitéria, Zé Maria e Zé Simão. O grupo não se resumia a estes, havia muitos outros, chegaram a travar várias brigas com os fazendeiros entre eles os Urias.

Conta a nossa historiadora Generosa Ana, uma das filhas de Januário: "Eles não eram do mesmo sítio, quando precisavam fazer algumas articulações de combate e montar estratégias de luta, eles se união para pensar junto e levantar táticas. Uma das estratégias de Januário Simão era subir em um pé de árvore durante a luta para se defender dos inimigos e não ser vistos por eles".

Januário Simão chegou a falecer de velhice, no ano de 1957, deixando duas famílias. A primeira esposa dele era Rosa Marla da Conceição, com ela, teve cinco filhos: Cesárea Rosa da Conceição, Doralina Rosa da Conceição, Maria Rosa da Conceição, Antonia Rosa da Conceição Januário Simão de Oliveira. A segunda esposa foi Ana Angélica da Conceição, que teve quatro filhos: Gabriel Simão de Oliveira, Generosa Ana da Conceição, Luísa Ana da Conceição e José Januário de Oliveira.

Foto: Cícero Mendes - AQCC



Descendentes de Januário Simão continuam em Conceição das Crioulas

### VOCÊ SABIA...



Que as professoras e professores de Conceição das Crioulas estão realizando uma pesquisa, dos saberes da comunidade com o objetivo de publicar um livro.


7



Jornal 'Crioulas, a voz da resistência' – Ano 3 – n.8 – 2005

# Raízes Quilombolas

## A VIDA DE AGOSTINHA CABOCLA



*Reliquia: Não é fácil encontrar uma foto de Dona Agostinha Cabocla*

Agostinha Gomes Dionísio, conhecida como: Agostinha Cabocla, filha de Nicácia Gomes de Jesus e Vicente Gomes Dionísio, tinha sete irmãos, Miguel Gomes Dionísio, Antonia Gomes Dionísio, Ana Gomes Dionísio, Joaquina Gomes Dionísio, Mariana Gomes Dionísio e Josefa Gomes Dionísio.

Agostinha era agricultora, benzedeira e também artesã. Fazia corda de caroá, saco e esteiras de palhas, e ia vender seus produtos nas cidades mais próximas como: Salgueiro, Mirandiba, Floresta, e também na própria comunidade. Seu meio de transporte era animais (jumento, cavalo). Quando não tinha o animal ela ia a pé com suas companheiras fazer suas vendas.

Agostinha era mulher forte e dedicada nas luta da comunidade. Sempre esteve ao lado de Antônio Andreilino (Totó) e Luiz Simão, viajando muitas vezes a Recife e até Brasília para defender os direitos da comunidade. Era solteira e nunca teve filhos. Muito respeitada por todos(as), muito religiosa, sempre procurava dar conselhos aos mais jovens dizendo o melhor caminho a seguir, pois muitas coisas de ruim que poderia ter acontecido na comunidade, graças a seus conselhos foram evitadas.

Não gostava de dizer palavrões, pois quando mais jovem foi dizer a palavra "frecha" que significa peste (diabo) e foi surpreendida por uma queda ao falar este nome. Não entendendo o motivo da queda, repetiu a palavra e caiu novamente. Daí então ela sempre pedia as pessoas para não dizer palavrões. Agostinha gostava de fazer amizades, estava sempre visitando as pessoas e prestando sua solidariedade.

"Sinto muita saudade de Agostinha, pois foi a mãe que não tive. Era quem me dava força e coragem para enfrentar as dificuldades da vida. Sinto-me feliz em poder estar contando a história de uma mulher forte e lutadora que nunca mediu esforços em prol da sua comunidade", diz sua filha adotiva Luíza Joaquina Gomes, conhecida Luíza das Caboclas.

*Por: Maria Zélia de Oliveira e Francisca Marcelina de Oliveira (Nina)*

### Você sabia?

Que recentemente foram implantadas telessalas quilombolas em três Municípios do Brasil? E que uma delas é em Salgueiro, na comunidade de Conceição das Crioulas?

Que o objetivo é incluir as pessoas que estão muito tempo fora da escola no processo educacional sistemático?

7

Apresentação das histórias de vida por meio do texto das embalagens das bonecas



Criação: Mateus Barros



## **DECLARATORIA DE OAXTEPEC - 1984**

### **ECOMUSEOS<sup>1</sup> TERRITORIO – PATRIMONIO –COMUNIDAD**

Considerando la necesidad urgente de valorar integralmente el patrimonio nacional como unidad naturaleza – hombre.

Considerando que las comunidades deben asumir el patrimonio nacional como resultado de la relación hombre – medio.

Considerando que el conocimiento, la apropiada utilización y el desarrollo de este patrimonio constituyen ecodesarrollo en las comunidades.

Considerando que no es posible desligar los términos territorio – patrimonio - comunidad, ya que estos forman una unidad indisoluble, se exponen las siguientes ideas y recomendaciones:

#### **Sobre ecomuseología y nueva museología:**

La museología nueva o tradicional, confronta al hombre con su realidad por medio de elementos tridimensionales, representativos y simbólicos, desarrollados cronológicamente<sup>2</sup>.

El museo tradicional se produce en un edificio con una colección y para un público determinado. Se plantea el rescate de estos principios ampliándolos a un territorio, a un patrimonio integrado y a una comunidad participativa, que es lo que se denomina ecomuseos, mismo que se propone aquí para nuestro medio, como: ACTO PEDAGÓGICO PARA EL ECODESARROLLO<sup>3</sup>.

En cuanto al patrimonio, la comunidad y el territorio es indispensable una visión de la realidad integrada, que contrarreste la parcelación de la división técnica, social e internacional del trabajo.

La participación comunitaria evita las dificultades de comunicación, características del monólogo museográfico emprendido por el especialista, y recoge las tradiciones y la memoria colectivas, ubicándolas al lado del conocimiento científico.

Concentrar el patrimonio en un edificio modifica el contexto original que le corresponde. La consideración del espacio territorial como ámbito museográfico de una realidad completa, valora dicho contexto.

---

1- Término acuñado por Hugues de Varine Bohan durante la IX Conferencia ICOM en Grenoble, Francia, 1971. Del griego oikos-(casa) y museo: Museo de la casa por los de la casa. Este último término en sentido de habitat.

2 - Partiendo de la definición elaborada por Stránský y Gregorová. "Museological Working Papers". Num. 1-1980 y Num 2-1981- International Committee for Museology (ICOM) Editor Vinos Sofka Statens Historiska museum Stockholm. Suecia.

3 - Concepto que antecede en múltiples aspectos, al desarrollo sostenible de la Cumbre de la Tierra en Río de Janeiro 1992. Sustancial frase acuñada por el Doctor German Placencia, asesor del C. Secretario de SEDUE 1982-1985 que convocó y financió la reunión de Oaxtepec. Al ecomuseo, como "espejo de la comunidad" según la museología francesa se le agregó para nuestro medio el concepto así resumido, que implica desarrollo integral y no solo identidad.

### **Sobre el patrimonio y su territorio**

El territorio es una entidad física delimitada por criterios geológicos y biológicos, pudiendo o no delimitarse administrativa o políticamente, aspectos de producción y laborales, vínculos de parentesco, relaciones sociales y cuestiones jurídicas también integran y determinan lo que es el territorio. Además, la territorialidad se conforma por distintos hábitat, éstos modificados o no por el hombre, identificándose la comunidad cultural como su medio ambiente.

El territorio como patrimonio es diacrónico: da cabida a diferentes formas y contenidos en función del tiempo y del grado de desarrollo social; puede incluso desbordar los límites administrativos o políticos. No sólo es propiedad, sino herencia del grupo y se define como todo aquello que es función y resultado de la actividad humana dentro de la relación entre el hombre y su medio. El territorio se convierte en patrimonio una vez que pasa a ser recurso para el hombre. Conservar el patrimonio territorial debe serlo en la conciencia de la actual capacidad humana de destrucción y la necesidad de garantizar la existencia de la vida humana.

### **Sobre la comunidad y su patrimonio**

Siendo la comunidad pluridimensional, conforme a factores de parentesco, territoriales y laborales, debe emplearse el criterio de la máxima elasticidad al intentarse la tipología de las comunidades. Es conveniente usar y revalorar el concepto de regionalización, dando énfasis a su definición y al señalamiento de los territorios o posibles áreas y contenidos sustanciales de las diversas comunidades a tomar en consideración, a través de contactos, exploraciones o investigaciones cuyos resultados serían analizados y ponderados juntamente con las comunidades involucradas y sus autoridades correspondientes.

Es necesario fortalecer y diseñar acciones que integren voluntades políticas a nivel consciente, con el fin de preservar la cultura viva, el patrimonio material, el desarrollo socioeconómico y la dignidad humana. Para el desarrollo de la conciencia patrimonial comunitaria se sugiere llevar a cabo las siguientes acciones:

1. Formación de promotores seleccionados en el propio medio
2. Creación de estructuras asociativas en el medio
3. Creación de una museografía popular, considerando inventario, conservación, presentación valorativa y difusión.
4. Preparación y participación de profesionales para un diálogo constante con la comunidad
5. Presencia y asistencia del Estado a través de sus instituciones en su misión de preservar la identidad nacional, lo que permitirá a los ecomuseos fomentar y afianzar la identidad local y regional
6. Capacitación de personal proveniente de las propias comunidades, incluyendo a los maestros existentes, lo que tiene además por objeto : a) enseñar el qué y cómo de la apropiación y aprovechamiento de los recursos que pertenecen a la comunidad y que conforman su patrimonio; b) señalar que las personas capacitadas y especializadas sean los principales transmisores, divulgadores, animadores, etcétera de la conciencia específica respecto al patrimonio y de la conciencia colectiva de la comunidad, particularmente en lo que concierne al rescate, a la salvaguarda y al fortalecimiento de la historia y de la memoria colectivas.

Se sugiere la organización y creación de centros de acciones comunitarias para el desarrollo patrimonial, a fin de constituir unidades de estudio y de acción práctica,

mismas que conformarán en las subregiones y regiones del territorio nacional de una red o trama de actividades, según diseños y realización de programas locales, estatales y regionales, dentro del Plan Nacional de Desarrollo.

Se espera lograr el uso óptimo de los medios masivos de comunicación con objeto de aumentar la difusión y divulgación de los asuntos sustanciales entre las comunidades, aprovechando lo existente, con las modificaciones y ampliaciones necesarias<sup>4</sup>.

Todo lo anterior debe ser estructurado y puede ser proyectado a fin de que las secretarías del Estado apoyen el intento en la reformulación de los conceptos territorio - patrimonio - comunidad, por parte de las propias comunidades, con acciones intersectoriales e interdisciplinarias. El ecomuseo surgirá como expresión comunitaria viva y en función del desarrollo de la comunidad.

Esta declaratoria se solidariza con la orientación eminentemente social del papel de la museología, de la Mesa Redonda de Santiago de Chile de 1972, con el proyecto de Declaración de Québec de octubre de 1984, con los conceptos de la nueva museología y ecomuseología internacionales, así como con todo esfuerzo latinoamericano que vea en la museología un instrumento para el libre desarrollo de las comunidades.

Oaxtepec, Morelos, México  
18 de octubre de 1984

---

4 - Hay que anotar que casi todos estos conceptos han sido desarrollados por el Programa de Museos Comunitarios, con poco o ningún conocimiento de este documento, por su escasa difusión, lo que habla de una conceptualización realista, que tanto en el texto presentado como en la práctica se han dado.